This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
LIBRARIES

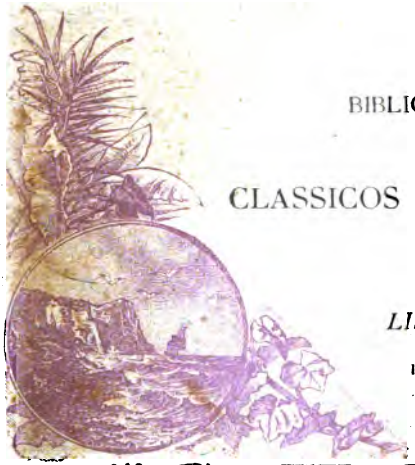
HISTORIA

DO

CERCO DE DIU

POR

Lopo de Sousa Coutinho



BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

=

LISBOA

1890

HISTORIA

DO

CERCO DE DIU

POR

Lopo de Sousa Coutinho

BIBLIOTHECA
DE
CLASSICOS PORTUGUEZES

LISBOA
1890

DS
499.7
.S73
1990
Copy 2

GL
GL
V Beethoven
11-5-70
853684-190
Add vol.
add cop.

BIBLIOTHECA
DE
CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario
DR. SOUSA VITERBO

MELLO D'AZEVEDO
Editor

LISBOA
Impresso na Typ. do Commercio de Portugal
41, Rua Ivens, 41
—
1890

PREFAÇÃO DA EMPREZA EDITORA

O desejo de vulgarisar os historiadores portuguezes, reconhecidos classicos pelo seu merecimento litterario, ou notaveis pelo valor intrinseco da sua narrativa, eis o fim principal da nossa empreza. Já não é a primeira vez que entre nós se procura reproduzir os thesouros da nossa litteratura antiga, mas se a experiencia tem sido pouco favoravel, nem por isso desanimamos do nosso intento, embora tenhamos a certesa de que o resultado pecuniario não corresponda á sinceridade do nosso esforço. Ficar-nos-ha ao menos a satisfação de ter prestado um serviço ás nossas lettras, aos estudiosos, que luctam com as maiores difficuldades para alcançar o texto dos nossos escriptores. Ha obras impressas no seculo XVI, que bem se podem considerar manuscriptas, tal é a raridade de exemplares que escaparam a tantas

causas de destruição, que decorreram durante tres seculos. N'este caso se póde considerar a *Historia do Cerco de Diu*, de Lopo de Sousa Coutinho, com que abrimos a serie das nossas publicações.

A Bibliotheca Nacional de Lisboa possue um exemplar d'esta obra, curioso por ter pertencido a dois homens distinctos: um bibliophilo acerrimo e um politico notavel, egualmente amador de livros raros. N'uma das guardas acha-se escripta esta declaração:

«13 de abril de 1841!

«Dia memoravel! Foi n'este dia que o meu caro compadre na maior avondança de coração me dice: Doulhe este livro!

Commemoração eterna da sua nobre generosidade.»

Thomaz Norton.»

E logo por baixo esta nota:

«Este livro é rarissimo. Tem muito merecimento e muita valia.»

Quem era este compadre de Thomaz Norton que tanto o alegrou com o presente bibliographico?

Era nem mais nem menos que Rodrigo da Fonseca Magalhães, como se vê da seguinte nota escripta no verso do frontispicio:

«Raro e bom é este livro. Meu compadre Norton o deseja e eu não lho posso dar!!! Paciencia.
Lisboa 13 de fevereiro de 1841.

R. F. Mg.s»

Era uma verdadeira negaça. Passado um mez Thomaz Norton tinha tido a habilidade de apanhar o livro ao seu compadre!
Na margem do folio 67 ha ainda uma observação curiosissima de Rodrigo, escripta a lapis. Diz assim:

«Lopo escreveo, e quando ferido notou o que havia de escrever, e nós os deffensores da cidade do Porto gastamos os annos, os mezes, os dias e as horas em miseraveis politicas e os nossos vindouros ficarão sem saber o que fizemos pela liberdade do nosso Pais!»

Estas notas e a circumstancia de ter pertencido a R. da Fonseca e a Norton valorisam excepcionalmente o exemplar da Bibliotheca Nacional de Lisboa.
O titulo da obra não é exactamente o que nós aqui lhe damos, mas parece-nos improprio, e antes um sub-titulo de que um titulo generico. Compondo-se de dois livros, já se vê que não pode, com exactidão, intitular-se *Livro primeiro*, como vem designado no rosto.

Eis a descripção bibliographica da obra. N'uma portada gravada lê-se este titulo:

Liuro primeyro
do cerco de Diu, que os Turcos po-
seram á fortaleza de Diu. Per Lopo
de Sousa Coutinho: fidalgo da ca-
sa do Inuictissimo Rey dom
Joam de Portugal: ho
terceyro deste
nome

Foy impressa a presente obra ẽ a muy
nobre & sempre leal cidade de Coym-
bra por João Aluarez ymprimidor
da Vniuersidade aos XV di-
as do mes de Setembro
MDLVI

Um vol. in folio contendo 86 folhas numeradas pela frente. No folio 85 é que tem a subscripção do impressor, seguindo-se-lhe como supplementar o 86 (erradamente numerado como 84), no qual se narra a *Satisffaçam e merce que elRey nosso Senhor fez a Antonio da Silveyra,* etc.

Apparentemente a edição é boa; bom papel, bom typo, mas, passando a examinal-a, vê-se que é muito incorrecta, typographica e litterariamente fallando. O exemplar a que acima nos referimos tem algumas emendas á mão.

Vacillamos muito tempo se deveriamos dar uma reproducção absolutamente exacta, diplomatica para assim dizer, mas desistimos do intento, attendendo a que a nossa edição não é para bibliophilos, e que

sendo destinada a vulgarisar sobretudo o pensamento dos nossos escriptores, difficil se tornaria o nosso emprehendimento, se empregassemos a ortographia da época. Pozemos todavia o nosso escrupulo em ser o mais exactos possivel, não alterando de modo nenhum o texto e conservando-lhe no fundo a sua feição archaica. O mesmo systema seguiremos para com os outros escriptores, com excepção das obras ineditas, porque essas, como vém a primeira vez a lume, devem ser reveladas em todos os seus caracteres iniciaes.

E a este proposito diremos que já temos promessa de uma importante chronica de D. Sebastião, que está na posse de um distincto bibliophilo, que nos cede o manuscripto original, para por elle fazermos a nossa edição. E' possivel que essa chronica se siga ao trabalho de Lopo de Sousa Coutinho.

Lopo de Sousa Coutinho tem a gloria de ser o progenitor de um dos nossos primeiros, senão o primeiro estylista portuguez — o amenissimo Fr. Luiz de Sousa. Entre a *Historia do Cerco de Diu* e a *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres* vae uma differença enorme, mas a harmonia deleitosissima da prosa do filho é até certo ponto compensada pela rude sinceridade da narrativa paterna. Fr. Luiz escreveu na tranquillidade do claustro, quando o sol da existencia começava a declinar, quando as paixões já tinham serenado no seu coração impetuoso, ao passo que Lopo de Sousa escrevia como soldado, ao ruido dos combates, com o proprio sangue que lhe manava das feridas.

Muitas são as narrativas que nos ficaram das proezas de Antonio da Silveira e dos seus valentes

companheiros, mas a de Lopo de Sousa sobreleva a de todos, por ser feita por uma testemunha presencial. Os nossos humanistas espalharam por toda a Europa, na lingua dos eruditos, os feitos do cerco de Diu, mas as paginas de Lopo de Sousa, menos apuradas na linguagem e no estylo, hão-de ser sempre consultadas de preferencia, como documento authentico e indiscutivel.

A biographia de Lopo de Sousa, assim como a de seu filho, ainda está pouco esclarecida. Adeante damos a que se encontra na *Bibliotheca Luzitana*, de Barbosa Machado, a qual precisa todavia de ser lida com todo o cuidado, porque o eminente bibliophilo deixou escapar erros importantes com relação aos annos, que marcam phases salientes na vida do nosso escriptor.

Não terminaremos esta breve prefação, sem agradecer a desinteressada coadjuvação que a esta empreza tem prestado o sr. dr. Souza Viterbo, já indicando-nos as obras que devem entrar n'esta collecção, já guiando-nos com os seus conselhos no modo de effectuar as nossas edições.

A Empreza.

BIOGRAPHIA DE LOPO DE SOUSA COUTINHO

Extrahida da «Bibliotheca Luzitana»

OPO de Sousa Coutinho nasceu em a notavel villa de Santarem, sendo filho segundo de Fernão Coutinho e de D. Joanna de Brito, filha de João da Cunha, contador-mór da Excellente Senhora, e neto de D. Gonçalo Coutinho, segundo conde de Marialva. Ainda não excedia a florente edade de 18 annos, — quando, estimulado dos marciaes espiritos que lhe animavam o peito, buscou para dilatada esphera o bellico theatro do Oriente, partindo de Lisboa em o anno de 1583 (1), com o capitão-mór Pedro de Castello Branco,

(1) Esta data, evidentemente errada, e de tal modo errada, que toca as raias do absurdo, está jogando com as que se lhe seguem, sendo apenas certa a de 1538, anno em que effectivamente succedeu a admiravel defesa do primeiro cerco de Diu. D. Pedro de Castello Branco partiu para a India a 15

acompanhado de dez naus guarnecidas de valorosa soldadesca. Emulo do valor intrepido, e prudente direcção do grande Nuno da Cunha, com que felizmente moderava as redeas do imperio asiatico, assistiu como soldado e capitão nas maiores emprezas militares, assim maritimas, como terrestres, onde, com o proprio sangue, deixou immortal na posteridade o seu nome, distinguindo-se no cerco da celebre praça de Diu, defendida pelo claro heroe D. Antonio da Silveira, em o anno de 1538, devendo-lhe este glorioso theatro de façanhas portuguezas, que similhante ao primeiro Cesar o illustrasse com a espada, e com a penna escrevendo individualmente todas as acções obradas para gloria dos sitiados, e confusão dos expugnadores. Cumulado de triumphos, voltou para a patria no anno de 1535, e como achasse morto seu irmão mais velho Ruy Lopes Coutinho, entrou na herança de seus maiores. Foi recebido com benevolas expressões por el-rei D. João III, que, attendendo aos seus merecimentos, o nomeou governador do Castello da Mina, onde mostrou o seu zelo e desinteresse, antepondo a ambição da honra á do ouro, que a tantos injuriosamente arrasta. Acabando este governo, voltou para Portugal, casando com D. Maria de Noronha, dama da rainha D. Catharina, filha de D. Fernando, capitão de Azamor, commendador de S. Salvador de Villacova, e de sua mulher D. Anna da Costa, filha de D. Al-

---

d'abril de 1522, chegando a Goa a 20 d'agosto. Foi elle o portador da triste nova da morte de D. Manuel. Veja-se Gaspar Correia, *Lendas da India*, tomo 2.º, pag. 729, e os authores citados nos *Annaes da Marinha Portugueza*, de Quintella.

varo da Costa, camareiro e armeiro-mór d'el-rei D. Manuel, de quem teve Ruy Lopes Coutinho de Sousa, que se achou na batalha de Alcacer, e casou com D. Maria de Ocem, da qual não teve successão: Diogo de Sousa Coutinho: Fr. Jorge de Jesus, eremita de Santo Agostinho: João Rodrigues Coutinho, governador da Mina, e Angola, que morreu no descobrimento das Ilhas de Cambebe, pelo qual lhe estava promettido o titulo de marquez: Gonçalo Vaz Coutinho, de quem em seu logar se fez larga memoria: Manuel de Sousa Coutinho, que, deixando a ordem militar de Malta, abraçou a dos Prégadores com o nome de Fr. Luiz de Sousa, para eterno brazão desta esclarecida familia: André de Sousa Coutinho cavalleiro da ordem de Malta: Fr. Lopo de Sousa Coutinho religioso eremita augustiniano onde foi provincial: e D. Anna de Noronha religiosa dominica no convento das Donas de Santarem. Foi profundamente versado na lingua latina, letras humanas e antiguidades historicas. Da poesia soube os preceitos, da mathematica as demonstrações, da filosofia as experiencias. Com a gravidade do aspecto conciliava universal respeito, e até elrey no semblante, e nas palavras quando lhe fallava, dava manifestos indicios da distinção com que devia ser tratado tão grande vassalo. Todos estes dotes se illustrarão com innocentes costumes, e virtudes heroicas de que deu claros argumentos na educação de seus filhos destinando-lhe horas para o exercicio das devoções, e dos estudos. Não lhe merecia maior amor um do que outro, punindo aos culpados, e premiando aos benemeritos, donde conseguiu não haver pae mais amado, nem mais obedecido. A todos mandou frequentar a universidade de Coimbra, e estranhando-

lhe seus parentes, que entre elles fosse o herdeiro da casa, lhes respondeu que mal lhe tinha feito aquelle filho para o deixar ignorante, increpando com esta judiciosa resolução o abuzo observado nas casas grandes de permitirem, que os seus herdeiros não cultivem as letras. Persuadindo-lhe que passasse a segundas vodas o não exacutou dizendo que não queria dar madrasta a tantos filhos com que estava cazado, e muito menos fazer esta injuria a sua mãi com a qual vivera em summa paz. Quem devia tantas obrigações á natureza não podia esperar remunerações da fortuna. Sendo acredor dos maiores premios, nunca os solicitou satisfeito de que em beneficio da patria tivesse despendido toda a sua fazenda não sómente quando visitou os logares da Africa como quando exercitou o posto de capitão mór da armada da côrte. Morreu infelismente na villa de Povos pois indo a apear-se de hum cavallo se lhe dezembainhou a espada, e no movimento que fez o corpo o penetrou de tal sorte que logo falleceu a 28 de Janeiro de 1577. Jaz enterrado na capella mór da parochia do Salvador da villa de Santarem da qual era padroeiro onde juntamente com sua mulher D. Maria de Noronha instituio a 15 de Maio de 1557 missa quotidiana para suas almas.

Fazem da sua pessoa honorifica menção Andrade *Chron. del Rey D. João III.* Part. 3. cap. 52. e 53. Barros. *Decad. da Ind.* 5. liv. 6. cap. 16 e livr. 8. cap. 5. e 16. e livr. 10. Cap. 5. 6. 8. e 13. Maf. *Hist. Indic.* lib 11. Joan. Soar. de Brito *Theat. Lusit.* Lit. L. n. 51. Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* tom. 2. p. 65. col. 2. Franco *Bib. Portug.* M-S. e D. Antonio Caetano de Sousa *Hist. Gen. da Cas. Real.* Tom. 12. p. 359. Compoz: — *Livro primeiro do Cerco de*

Dio que os Turcos pozerãm á Fortaleza de Dio. Coimbra per Joam Alverez ymprimidor da Universidade aos XV. dias do mez de Setembro MDLVI. fol. Consta de 15 Capitulos o primeiro livro e o segundo de 21.

Livro da perdição de Manuel de Sousa de Sepulveda sua mulher e filhos. 4.° He composto em verso solto com alguns tercetos e outavas diferente daquelle que compoz neste assumpto Jeronimo Corte Real. Lisboa por Simão Lopes 1594. 4.° Traduzio em o idioma materno em verso solto:

Comedias de Pindaro.
Comedias de Seneca.
Poema de Lucano.
Empreзas de Varões illustres da India.

No Cancioneiro Geral impresso em Anveres 1570. estão a pag. 177, 179. e 192. varias *Obras Poeticas* de Lopo de Sousa sem o apellido de Coutinho.

PROEMIO

Ao mui poderoso rei D. João de Portugal o terceiro d'este nome

OUSA mui antiga e costumada é, Serenissimo Principe, os feitos illustres e famosos porem-se em memoria, porque o tempo com sèu discurso e diversos effeitos os não consuma e annulle segundo sua propriedade. E como este que entendo escrever seja de si famozissimo e em grande parte exceda a outros, em os quaes mui excellentes varões houveram por bem empregado seu trabalho: e sobretudo ser dirigido a V. A. em cujo serviço se fez, é de crêr, que nem a meu trabalho faltará descanço, nem á obra perpetuidade; por que assim o mostra querer o mui alto Deus que as cousas de V. A. sejam tecidas da tal firmeza. D'onde se infere grão seguridade aos que receam o juizo d'aquelles que cheios de bons manjares, e com somno quieto, e livres de sobresaltos, medos, fomes e vigilias de muitos bons e tambem a quem lh'o conta não perdoam. E creio que seja, porque duvidam do

que passa além do que seus espiritos e engenhos alcançam e se atrevem. Mas eu a prudentes escrevo, os quaes passarão as faltas e rudezas minhas levemente, conhecendo que persuadido de meus justos desejos apresento o interior de meu animo nú de ornadas palavras que em mim não ha. E em este grosseiro estilo escreverei, não fantesiadas imaginações, nem menos antiguidades mal provadas; victorias portuguezas sim, havidas dos bem afortunados turcos, não, ouvidas ou furtadas a modo de curioso, mas vistas com meus olhos, provadas com vivos, e das estrangeiras nações grandemente exalçadas. Das quaes alguns movidos de bom zelo escreveram este famoso cerco de Diu, cujos tratados e volumes, se vêm hoje por toda a christandade. Mas como a tal escriptura fosse feita por diversas informações vae toda a materia destroncada, desvairada em os successos, e os nomes ignorados d'aquelles esforçados cavalleiros, que ali com seus despedaçados corpos ganharam não serem tratados com tal descuido. E o peior, que contam alguns dos serviços que se ali fizeram, e não as muitas mercês que V. A. com grão magnificencia nos fez a todos, como eu em mim e em outros posso com verdade affirmar. Das quaes cousas movido o quiz escrever na verdade como passou. E começarei em casos muito atraz, o qual cumpre ser assim por fugir confuzão. E se eu fallando em mim (o que não posso deixar de fazer) alguem tomar escrupulo, peço-lhe, que dos vivos se informe, porque tanto lhe durará emquanto o não pozer por obra. E a V. A. peço que tirando á parte o atrevimento de escrever, creia que no contar não serei atrevido, e receba o que vi, e meu fraco entendimento poude notar.

LIVRO PRIMEIRO

CAPITULO I

Das condições e maneiras do Sultão Badur rei de Cambaia

REINANDO em Cambaia Sultão Badur, rei mui poderoso e rico, debaixo cujo senhorio e mando eram outros reinos d'elles, herdados de seus antecessores e d'elles adquiridos e domados por seus exercitos. (1) Vivendo elle mais pacifico de seus visinhos que de si mesmo, movido da sua inquieta natureza; quando lhe faltava nos estranhos poder executar suas revoltosas e insolentes condições, nos subditos e vassallos seus,

(1) Parece-nos defeituosa a syntaxe, mas assim está no original. O periodo não devera acabar aqui, pois a oração é apenas circumstancial. Fazemos todavia esta advertencia, para que o estudioso corrija como melhor entender. O *d'elles* deve-se entender que parte dos reinos eram herdados de seus antecessores e parte conquistados. A virgula, por conseguinte, devia collocar-se immediatamente a reinos.

assim grandes como pequenos, nos que amava e desamava, em suas mesmas mulheres: emfim em seus proprios irmãos, o rigor da sua sanguinolenta sede mui amiudo fartava. E não bastava, que com as vidas e sustancias pagassem o que muitos d'elles não deviam, mas ainda ás famas notaveis maldades applicava, por dar alguma côr fingida a suas verdadeiras crueldades. Veiu a tamanho uzo n'este vicio que muitas vezes por suas mãos fez officio de carniceiros algozes, havendo que o tempo lhe podia interromper taes obras se as differisse. De maneira que em pouco tempo quasi em todos seus reinos não havia homem de apparencia: e se o havia procurava o tal de por este não ser julgado; porque era sufficiente culpa ser pessoa digna de alguma authoridade ou credito. Em seu tempo, as mais das casas e estados grandes do reino, foram traspassados em pessoas indignas de taes dignidades; mas nem a estes a fortuna permittia longo assento, que logo eram depostos e fenecidos, e a outros dadas, e d'estes em outros e outros. E ainda que era a todos cousa conhecida e clara serem as taes honras mortiferas, não faltava quem as sollicitasse e trabalhasse. Este modo de reinar o veiu tanto a atemorisar e vacilar, que d'aquelles a quem maiores bens tinha feito se receava mais. E á verdade elle sentia isto bem e com razão, porque segundo as mercês que fazia eram de pouca dura e enfermas, e os que as recebiam de pouco merecimento; e se as desejavam de possuir per tempo, de crêr era que o não poderiam fazer com mais seguridade, que tirada a causa que lh'as deva. Este conhecimento o fazia não dormir duas noites em um lugar nem amanhecer aonde anoitecia; e não sómente se receava do fer-

ro, mas de peçonha em grande maneira. Por esta via fez grandes mortes e estragos, e bastava para tal effeito qualquer pequena suspeita; e por lhe parecer que ninguem no manjar lhe trataria verdade, fazia por suas mãos o que havia de comer, e assim mostrava ser rei e cosinheiro tudo junto. Foi dado a vicios que repugnam á natureza; era em grande maneira prodigo e com isto acquisidor de dinheiro por todas as vias, honestas e deshonestas; destruidor do seu, cobiçoso do alheio; muito inclinado á guerra; mui pouco a se achar na batalha. Seguiu-as com potentes exercitos, com grandes e ricos apparatos, e n'isto consumiu innumeraveis thezouros que de seu pai e avós herdára. De alguns era julgado por atrevido e esforçado; isto por o verem muito presumpçoso e arrogante, e por algumas cousas que publicamente fazia tão pouco pertencentes a rei, como a qualquer outra pessoa popular. Digo-o, porque, sendo tão poderoso e grande principe, costumava, na presença de muitos estrangeiros, correr por cima de mui altas ameias de muros e torres, e convidava os circumstantes ao mesmo; e os que o não faziam julgava-os por covardes. Estas, e outras similhantes leviandades que commettia, o faziam dos taes ser tido na posse que digo. E eu o vi uma vez ir com muita pressa, mettido em um pequeno e triste barco de pescadores, ao mar, que não andava mui assente. E, sendo seguido do governador Nuno da Cunha, e perguntado onde ia com tanta efficacia, respondeu: que tinha nova que, d'ahi uma legua, andava um grande peixe sobreaguado, e que lhe queria atirar com arco, de que se elle muito presava. Estas eram as escadas em que, nos muros dos inimigos, o viram subir, para o louvarem de ani-

moso (ainda que nos principes, os taes louvores, que em outros são justos, n'elles sejam condemnados). Em seu tempo (como acima tenho dito) padeceram seus reinos grandes e tristes infortunios, assim dos que d'elle dependiam, como das guerras que se lhe moveram. Entre as quaes, a que lhe dos portuguezes era feita por mar, com grandes armadas, era intoleravel, queimando-lhe e assolando-lhe a mais da fralda do mar; matando e captivando tanta quantidade de seus subditos e vassallos, que, certo, de muitos annos para cá, nunca reino soffreu tal guerra: as causas d'ella eram antigas: mas já então as mais eram, e se referiam, a nos darem logar para, em a cidade de Cambaia, das maritimas a principal de toda a India, fazermos uma fortaleza; porque, sendo, como era, fortissima, e n'ella haver bom porto e vasadouro, e ser a balravento de toda a India, vindo os rumes a ella, poderiamos receber detrimento grande (como já em tempo do vice-rei D. Francisco de Almeida succedeu) o que, querendo el-rei nosso senhor evitar, mandou a Nuno da Cunha, por governador da India, que no anno de 1528 partiu d'estes reinos, que trabalhasse de tomar a dita cidade com toda a diligencia possivel, e em ella fizesse fortaleza. Em o que elle logo entendeu, como chegou a India, que foi dois annos depois que d'este reino partiu: por invernar em o caminho e ter grandes infortunios em elle. Para a qual jornada e expedição fez grande apparato e grossa armada, como em o seguinte capitulo direi.

CAPITULO II

De como o governador Nuno da Cunha foi sobre a cidade de Diu, e o que lhe succedeu no caminho

O anno de 1530, passado o inverno, que nas partes da India acaba em setembro, ajuntou Nuno da Cunha a mais gente que poude, armas, munições e mantimentos convenientes, e cento noventa e cinco navios de toda a sorte. Partiu de Goa no primeiro dia de janeiro do anno de 1531, levando comsigo todos os capitães e homens insignes da India; e por toda a gente portugueza, dizem, não passaria de dois mil e setecentos homens. Levava juntamente outros dois mil homens dos naturaes da terra, canarins, malabares, repartidos pelos navios de mouros, que em sua armada iam. E como o fornimento e tenção d'esta armada não poude ser tão encoberto por sua grandeza, como era necessario, e tambem por Nuno da Cunha eleger logo as pessoas que haviam de estar em os bateis de mantas e albetoças, e outros

navios ordenados para dar a bateria; andava o negocio publico, e não poude, finalmente, haver segredo; porque, como a cousa era de nome grande, que entre a gente de guerra faz muito alvoroço, todos trabalhavam de ir ataviados conforme as suas ufanias. Uns d'estes faziam bandeiras e estandartes de suas tenções, outros de seus receios, e mui certas desventuras que o negocio advinhava. Foi sabido este grande apparato por Melique Tocam, que ao presente era senhor de Diu, e começou-se a repairar por todas as partes em que o temor o despertava, e a juntar as munições e gente que, para contra taes inimigos, convinha. O governador achou tantos tempos contrarios em sua viagem, e juntamente por algumas escalas que foi fazendo, que assim gastou todo o mez de janeiro até chegar a uma ilha que está sete leguas de Diu, chamada Beth, mui pequena na quantidade, e muito mais ignota em nome até áquelle tempo; mas d'ahi por diante muito conhecida, pela fieldade e esforço de seu capitão e gente. Em esta ilha estava um turco, capitão d'el-rei de Cambaia, que por seu mandado a guardava; o qual teria comsigo até dois mil homens de differentes linguagens. Arreceiando-se já a vinda d'esta armada portugueza, havia em ella uma povoação cercada de muro, que assim occupava todo o plano que em o alto da ilha se fazia. Ao qual o governador Nuno da Cunha mandou dizer que se entregassem todos juntamente com o logar, senão que os combateria, e meteria á espada. Ao que o turco respondeu que se espantava de um principe tão poderoso persuadir a nenhum capitão (ainda que alheio) cousa tão feia e injusta, como era, por temor da morte, entregar as bandeiras e confiança de seu senhor: mas antes se

esperava d'elle favorecer para bom exemplo os que inteiramente guardassem o que deviam. E, porém, que, como elle claramente visse que o poder d'aquella sua armada era tão grande, julgando que em isso fazia serviço a el-rei seu senhor, elle despejaria a ilha e se passaria a terra firme; levando, porém, suas pessoas, armas e fazendas, sem deixarem mais que a fortaleza, que parecia ser a causa principal de seu intento. O governador, como não estivesse d'este parecer, e queria mais a gente e artilheria que boas razões, e, porventura, cuidaria que em combater estes e tomal-os estava muita parte do successo de Diu, tornou-lhe a mandar dizer que, todavia, se entregasse aquelle dia, e senão que os seguintes se defendesse. O esforçado capitão, como não tivesse em vontade fazer vileza, nem menos ser captivo, apercebeu-se o melhor que poude, e, comtudo, por não lhe ficar nada por tentar de que os seus podessem receber saude, tornou a replicar ao governador dizendo que lhe lembrava que pois ia a uma empreza de tanto pezo, como era a cidade de Diu, que não devia querer emprehender cousa tão pequena como aquella ilha em que não havia que desejar; a qual lhe sirviria de em ella quebrar o alvoroço de sua gente de guerra, e, porventura, pôl-os em perigo: porque elle havia de defender aquelle logar o melhor que podesse. O governador não quiz tomar o conselho que o inimigo lhe dava, e tambem se disse que alguns de seus amigos lhe aconselhavam o mesmo, e davam outras boas razões para que o accommettimento se deixasse: mas não o poderam acabar com elle. O turco, vendo-se desenganado e toda a esperança perdida de poder com sua honra salvar a vida, e a dos seus; movido

de desesperada e honrosa determinação, communicou com os seus o pouco remedio que com boas razões tinha alcançado com os portuguezes, e quanto peior lhe seria a todos o captiveiro que a morte. E, inflammando-os com esforçadas palavras ao desprezo da vida, e engrandecendo o morrer com liberdade, vituperando a vida sem ella, persuadiu com tanta força de palavras que de consentimento de todos mataram aquella noite suas mulheres e filhos, e a todos os velhos e inhabeis para defeza. D'onde se póde vêr quanto valem palavras bem acentadas; e feita uma grande fogueira em a praça da fortaleza, juntamente com quantas cousas tinham ricas, boas e más, queimaram tudo junto, deixando somente armas e desesperação para despojo de seus inimigos. Os nossos, que se apparelhavam para o que a outro dia haviam de fazer, vendo o grande fogo que em a ilha se fazia, com quanto não houve nenhum em ella, tão covarde que, com medo da morte vindoura, se viesse lançar com elles para lhes dar esta nova, todavia advinharam logo o que podia ser, vistas as honestas e esforçadas razões do capitão turco. Aquella noite ordenou o governador a Heitor da Silveira que com certa gente accommettesse a fortaleza pela porta: e Diogo da Silveira e Garcia de Sá e Antonio de Saldanha e Antonio da Silveira, e outros fidalgos, repartidos por outros logares com gente, para que com mais facilidade fossem entrados; e, antes que de todo fosse bem manhã, desembarcaram e accommetteram o muro, e, pela parte que Heitor da Silveira ia, foi ter com a porta em a qual o capitão turco e toda a força da sua gente estava. Como se trabalhasse de romperem a dita porta, e outros de subir pelo muro, que

era baixo, foi Heitor da Silveira ferido de cima das ameias, por uma perna, de uma espingardada, de que caiu, e d'ahi a tres dias morreu, que foi grande perda, assim por sua pessoa e saber, como pelo muito credito que tinha entre a gente portugueza. Rompida a porta, acharam os nossos grande resistencia, e, emquanto os mouros se não sentiram entrados por outras partes, se defendiam com muito esforço. Em isto prevaleceram até seu capitão e a maior parte d'elles ficarem mortos, e estendidos em aquelle logar, que elegeu sua notavel determinação. E, como os mais e melhores morressem, alguns poucos, temendo todavia a morte, se recolheram por cisternas e furnas que na povoação havia. E aconteceu que um nosso achou um mouro mettido em umas pedras, ao qual fez sair fóra, e, vendo que o mouro se queria chegar a elle para o ferir com um treçado, lhe deu com a lança pelas ilhargas, que o passou da outra parte, e o mouro, mettendo-se pela lança, coando-se por ella, se chegou tanto que lhe deu com o treçado por uma perna acima do joelho tal ferida que quasi lh'a cortou toda e cairam ambos mortos: o que foi visto por pessoas de credito. Alguns se lançaram de altas rochas ao mar, fazendo-se em muitos pedaços, só por não virem a mão de portuguezes. Foi, finalmente, tomada esta ilha, sem em ella se tomarem mais que dois ou tres captivos e nenhum outro despojo, somente as cinzas do que queimaram. D'este dia em diante se chamou a Ilha dos Mortos, pelo effeito.

CAPITULO III

Da vinda de Rumecan a Diu, e da bateria que o governador deu á dita cidade

CONCLUIDO este negocio, então se viu quão bem aconselhava o capitão turco ao governador; porque ficou a gente commum da frota mui tibia do alvoroço que até ali mostrava, e a morte de Heitor da Silveira, homem esforçado e de muita auctoridade, os entristeceu em grande maneira; e faziam suas contas, julgando pela determinação e esforço de tão poucos mouros, e em logar tão fraco, o que se esperava que fariam em aquella brava e dura cidade de Diu, cheia de gente nobre e de muita artilheria; costumada a vêr batalhas e armadas. O governador partiu-se ao outro dia para Diu, e foi surgir pouco mais de meia legua da cidade, aos quatro dias de fevereiro. E ali ordenou o modo da bateria, a qual havia de ser por mar (como em outro capitulo fiz menção) porque até este tempo nunca em a India os nossos tinham batido muro, e eram

tão pouco dextros n'isso, como se pode vêr pelo modo que aqui tiveram; porque cuidavam muitos que a bateria dada por mar tivesse alguma força, tendo em verdade mui pouca, e muito menos certeza em o acertar, que é o principal; como em este logar, e depois em outros largamente se experimentou. E porque d'esta cidade de Diu, de seu sitio e fortaleza adiante hei de tratar por extenso, direi somente aqui do combate e logares d'elle, e do demais fica já uma noticia confusa para o diante. Ordenou Nuno da Cunha tres bateis grandes; um dos quaes levava um espalhafato, em outro ia um leão e no terceiro outra peça grossa, com suas mantas, e arrombadas de balas e maçame. De um d'estes era capitão D. Vasco de Lima, homem esforçado e amigo de perigosas emprezas, e com elle outros parentes e amigos seus. E levava um grande estandarte preto, com a morte pintada: prognosticando a sua verdadeira e dando aos que o viam triste e nojosa vista. Em outro ia Jorge de Lima, valente cavalleiro, e de muita experiencia, e no terceiro ia Tristão Homem, tambem mui bom cavalleiro. Estes tres bateis haviam de bater o baluarte do mar, e, rompendo-o, se haviam de chegar a elle, e largarem a cadeia que d'elle saía para os da terra, com a qual se fechava a entrada do rio para os outros navios poderem entrar, e para soccorrer estes bateis. Estava Antonio da Silveira, com trinta fustas e bergantins, afastado algum tanto, porque a artilheria lhe não damnasse. Sobre o baluarte da barra se ordenaram tres navios grossos para o baterem. E em uma galé bastarda estava Francisco de Sá, em outra galé real Nuno Fernandes Freire, e Antonio de Sá em uma albetoça. Sobre o baluarte de

Diogo Lopes de Cerqueira, que assim se chamava (como adiante direi) se ordenaram nove navios que o batessem, em os quaes havia seis baziliscos e outras peças grossas. Em um d'estes navios, que era uma galeaça, estava por capitão Manuel de Albuquerque; em uma galé, Jorge Cabral; em outra galé, Manuel de Sousa; em outra galé, Martim Affonso de Mello Jusarte; em outra galé, Francisco de Vasconcellos; em um batel, Vasco Pires de Sampaio; em outro batel, Henrique de Macedo; em outro, Martim de Freitas; e em uma albetoça, Miguel Carvalho; todos com suas arrombadas e defensas conforme ao que pretendia a cada um; e muita parte da outra armada havia de atirar por outras partes para dividirem os inimigos. Emquanto em a frota se isso ordenava, em a cidade não dormiam, nem deixavam de lhe atirar com peças tão furiosas que deitavam muitos pelouros dentro na frota, com quanto estava distante. Melique Tocam senhor d'ella, como havia muitos dias que sabia a vinda da nossa armada e tivesse apercebido tudo o possivel, todavia vencido do credito e nome portuguez, não sendo bastante a muita fortaleza d'aquella nobre cidade, munições e gente d'ella para lhe tirar o receio que tinha concebido, affirma-se que a quizera desamparar e que assim o tinha ordenado, e o pozera por obra, se não succedera um caso que lh'o estrovou. Oito dias antes que Nuno da Cunha chegasse com a sua armada a Diu, veiu ter á dita cidade um capitão turco, fugido, por nome Rumecan, o qual vinha do Mar Roxo com dois galeões mui bem armados, e bem acompanhado. A causa de sua vinda era por matar Raes Soleimam, governador do Cairo, e com isso lhe tomou muito dinheiro e se veiu a Suez

(que é um logar que está em o fim do estreito do mar Roxo) e tomou estes dois galeões e muita artilheria, com que chegou a esta cidade ao tempo que digo. E, achando Melique Tocam angustiado do que esperava, e com o proposito sobredito; como fosse homem creado em a guerra e mui habil, e visse a fortaleza da cidade e muita abundancia que em ella havia para sua defensa, reprehendeu a Melique de tal cousa, dizendo-lhe que deixasse a elle o cuidado e perdesse o receio. E d'aqui nasceu ter sultão Badur este homem em muita conta, e o fazer depois seu capitão geral, como em seu logar será dito. Esforçado Melique com as boas palavras do turco, determinou-se para o negocio; pois, tornando ao proposito, estando todos prestes para a bateria, aos cinco dias de fevereiro do dito anno de 1531, em amanhecendo, moveram todos os navios para os logares d'onde haviam de bater; e surtos em suas amarras e ragueiras começaram a jogar sua artilheria, fazendo muito pouco damno aos mouros, e recebendo muito em os navios; porque elles atiravam de logar fixo, e os nossos de movediço. Os tres bateis iam-se chegando aos baluartes da barra e do mar, remolcando-os as fustas: os quaes foram recebidos muito antes de chegarem aos logares que desejavam com grande multidão de pelouros, arrombando as fustas que os atoavam, e matando e ferindo muitos, de maneira que só o batel de D. Vasco foi quasi ao logar determinado, e d'ali fez um tiro, que deu em a torre do baluarte do mar, mas fez-lhe pouco damno; e como de mar e de terra tudo eram bombardadas, não se viam uns aos outros com as grandes fumaças, nem sabiam a quem atiravam. Os pelouros eram tantos por entre os na-

vios e dentro em elles que era espanto. Em os bateis havia já tanto trabalho que não tinham quem os chegasse aos baluartes nem quem os affastasse d'elles. D. Vasco de Lima, como atirasse um tiro e quizesse atirar segundo, sendo os pelouros da terra mui bastos, veiu um que lhe levou a cabeça e parte de um hombro, e matou Antonio Homem; finalmente, sem outro fructo com assaz de trabalho se apartavam todos da triste bateria com alguns mortos e feridos, e os mais dos navios desapparelhados e malbaratados. Affastados da cidade se partiu o governador para Chaul, ordenando primeiro muitos navios que ficassem pela costa de Cambaia, fazendo a guerra, a qual se continuou até o fim do anno de 1533, muito cruelmente feita, saindo os nossos por esta fralda do mar, cada hora matando e captivando tantos d'aquelle reino, e tomando-lhe tantos logares e navios, e fazendo tantos estragos e males, que, verdadeiramente, causaria espanto contado; tanto que obrigou el-rei de Cambaia a fallar em pazes, em as quaes deu Baçaim com todas suas ilhas e terras. E, para se assentarem, foi Simão Ferreira, secretario da India, a Diu, e levou por seu interprete a um João de Santiago, de quem me pareceu cousa digna de ser contada a variedade de sua estrella e vida. Este João de Santiago foi mouro natural de Africa; sendo menino, o captivaram; veiu a poder de um calafate portuguez, o qual, por sua agudeza e discrição, o amava muito; succedeu ir-se o calafate para a India, e levou-o comsigo. Vindo depois a morrer o deixou forro, e partiu com elle de sua pobreza; era já a este tempo Santiago homem, e em todas ou as mais linguagens da India em grande maneira entendido. Depois que seu senhor falleceu

foi-se para Bisnaga com alguma mercadoria, e como sabia bem a lingua, e sua audacia era infinita, veiu el-rei de Bisnaga, que é gentio, a ter alguma noticia d'elle, e a lhe dar entrada em sua casa. Não perdeu elle este favor, porque logo idolatrou seus idolos, e louvou seus ritos e gentilidades. Veiu por esta via e pela sua sagacidade e estrella a ser um dos principaes na privança; mas como em elle houvesse sobeja cubiça e maldade, não a poude tanto encobrir e dissimular que mui em breve não fosse conhecido. E assim por este vicio (que de todos é aborrecido e prasmado, de poucos deixado) como por o verem em muita privança, sendo estrangeiro era mui inemistado de outros privados que se haviam por acanhados d'elle, pelas quaes cousas, em o dia que mais valeu, se viu cavalgado em um pobre rocim e caminhar para a forca, (porque este é o costume da justiça em este reino), e sendo ao pé d'ella, de seus proprios inimigos foi pedido a el-rei; e sendo solto se tornou para Goa, e d'aqui se passou para Ormuz, e em pouco tempo todas as cousas do reino se faziam por suas mãos, de maneira que veiu a ter muito dinheiro e valia. Estando a seu pesar em seguro estado, em continente foi despojado de tudo, por vir á noticia d'el-rei que fazia asperas tyrannias; e sem duvida houvera maior castigo, se o capitão da nossa fortaleza lhe não valera. Tornou-se outra vez a Goa, e ali esteve algum tempo em miseria: succedeu depois mandar Nuno da Cunha, Simão Ferreira, secretario da India, a tratar com el-rei de Cambaia as coisas de Baçaim como atraz fica dito; pediu-lhe Santiago que o levasse por seu interprete: foi cousa de espanto a benevolencia que com o Sultão logo alcançou, e tão devotamente entrava na

mesquita como o fazia nas egrejas dos christãos e pagodes dos gentios, quando estava entre elles. Finalmente, vindo-se Simão Ferreira, lhe pediu el-rei que lh'o deixasse, do qual se seguiu pouco serviço de Deus. Era em grande maneira querido d'el-rei; e posto em muitas honras: trazia grande casa, e para sustentação d'ella lhe deu el-rei vinte mil pardaos de renda, com dois logares mui bons, e servia de seu interprete de todas as cousas em que os senhores de Cambaia podia servir. Era homem de mau rosto, e cheio de muitos signaes de mal francez de que continuamente era atormentado; mui eloquente e manhoso, e d'isto tinha tanto que ficavam desculpados os principes em lhe serem tão affeiçoados. Em casa d'este rei se lhe mostrou a fortuna mais duradoura; porém, já como enfadada de lhe dar e tomar seus emprestimos, em sua companhia arrecadou d'elle tudo por inteiro: dando-lhe o fim que suas infidelidades muito antes mereciam, como adiante direi; pois, tornando ao proposito, tambem foi movida ao Sultão outra importantissima guerra, pelos mogores; a qual foi total destruição sua, e o trouxe a estado que pedisse com humildade o que d'elle sempre foi denegado, que era dar a dita fortaleza e outras cousas que nunca lhe foram pedidas. E para melhor intelligencia de como isto veiu a ser, farei um pequeno discurso da dita guerra, e das cousas d'ella.

CAPITULO IV

Das causas e razões que el-rei dos mogores teve para fazer guerra a Sultão Badur rei de Cambaia

NAS partes interiores da Persia visinhas ao mar Caspio, ha uma provincia povoada de uma gente a que chamam mogores, cuja linguagem differe pouco dos persas. São homens alvos, mui domesticos e polidos, em seu viver e tratar. Ao presente, reinava entre estas gentes um rei por nome Mir Mahamed Zaman, homem inclinado a guerras e trabalhos, e mui dado a elles. Entre este poderoso rei e Sultão Badur houve alguma quebra e má vontade, por respeito de Sultão fazer guerra a alguns amigos e alliados do Mogor. Passaram sobre isto recados, os quaes como eram mandados e recebidos de vontades damnadas, não diminuiram nada no odio, e porém não que houvesse mais rompimento. Estando as materias dispostas d'esta maneira, succedeu um caso que bastou para dar effeito ao principiado, e foi assim. Na côrte de

Mogor andava um grande senhor por nome Mirizam Hamed irmão de uma das mais presadas mulheres d'el-rei, homem de vinte cinco ou trinta annos. E ou que d'el-rei não era segundo a sua pessoa e dignidade tratado, ou que sua mocidade o incitasse a cousas novas veiu a tanta desgraça d'el-rei que não o podendo soffrer, escondidamente se partiu e se veiu para o Sultão Badur, que ao presente estava em Mandou, reino pouco antes d'elle ganhado, do qual foi bem recebido. Sentida que foi sua partida e sabido onde estava, houve d'isso o Mogor grave desgosto; e por seu embaixador o mandou pedir ao Sultão. Não sómente não impetrou o embaixador o que pedia, mas ainda dizem que algumas descortezias recebeu. Repetiu o Mogor outra vez, bem que já soltando palavras. O Sultão como era de sua natureza assomado e soberbo, e andava dos successos da guerra favorecido e ao presente se achasse com potentissimo exercito, deu tal resposta ao embaixador, que bastou para abertamente dizer o Mogor que elle iria em pessoa a vêr que obras tinham taes palavras. Succedeu isto no inverno; como veiu tempo dos rios darem maneira de serem vadeados, poz em ordem o Mogor, dizem que trinta e cinco mil de cavallo sem outra nenhuma gente de pé, porque d'esta maneira uzam estas gentes a guerra. E passando mui em breve grande caminho começou a fazer a guerra nas frontarias do reino Chito (que tambem estava pelo Sultão), e aqui lhe vieram mais vinte cinco mil de cavallo com que fez sessenta, com os quaes abalou em busca do Sultão. Não o detinham cousas pequenas nem buscava aldeias nem grandes rebanhos de gado: andava com tanta presteza que em muitas partes precedeu as novas que d'elle se

divulgaram. Esta maneira de guerra semeou grande e não cuidado temor por toda a terra e sobretudo no arraial do Sultão fez grande impressão. E como n'estes casos se vê a *miude* que os que trazem similhantes novas sempre as cousas dos inimigos exalçam sobejamente: dizendo que trazem capitães mui experimentados e gente doutrinada nas batalhas, e que são honrados os bons e valentes, remunerados e louvados de seus maiores; e assim engrandecem as cousas de seus inimigos para abater nas suas proprias. D'esta maneira já não criam as novas verdadeiras do que diziam o numero que eram, mas antes cada um temia o que seu proprio medo lhe dictava; e assim vinham a ter por verdadeiro o que elles mesmos falsamente compunham. Foi o Sultão tão indeterminado, que nem a destruição do reino, nem as novas que cada dia lhe vinham da pressa que seus inimigos traziam pelo achar, foi bastante para de um logar se mudar; ali aguardou o Mogor, o qual mui em breve se lhe mostrou; que como visse que lhe não atalhavam o caminho, deu-se por vencedor. Tinha o Sultão em seu exercito passante de seis centos mil homens, entre os quaes havia bem cento e cincoenta mil de cavallo e haveria dozentos elefantes de guerra e setecentas peças de artilheria. Com tal poder se encerrou dentro do seu arraial, o qual jazia assentado junto da serra de Mandou. Deixando a seus inimigos por senhores do campo, os quaes asentaram perto d'elle, e estando a cousa n'este estado Rumecan de nação turco (de que atraz fallei) que com o Sultão estava, e o officio de capitão geral administrava, e de quem se elle muito fiava, e seguia seus conselhos; secretamente tratou com o Mo-

gor de se passar a elle, e deu-lhe modo de ganhar um passo na dita serra, pelo que vinham todos os mantimentos e cousas necessarias ao exercito. Foi o passo occupado e Rumecan com o Mogor lançado sem o Sultão sentir mais que o effeito: d'isto se seguiu tanto mór temor do que tinham, quanto menos razão era de o haverem, como se a tamanhas companhias faltaram mãos para sem as armas poderem ser vencedores, ou olhos para verem a desigualdade que havia d'elles a seus inimigos. Mas á verdade seu capitão era corredor de ameias, e não remediador de necessidades, e alguns que as cousas da guerra administravam homens novos e pouco doutrinados n'ella, nos quaes o medo é mais particular, que aos que muitas vezes a viram e seguiram; começou logo o temor da fome, e atraz d'isso o effeito d'ella; morriam em grande quantidade; comeram todo o genero de animaes e com isso cavallos e quasi todos os elefantes e por derradeiro sem mais golpe de espada el-rei se poz em fugida uma noite, escondidamente dos seus.

CAPITULO V

De como os mogores tomaram o rico arraial do Sultão, e de como o seguiram

SABIDA a fugida d'el-rei dos seus ao outro dia, fez terrivel espanto em todos; porque emquanto a gente via seu rei e senhor podiam tolerar suas desventuras com elle ser presente e testemunha de seus males; mas desde que sua ausencia foi certa arrematou o medo tudo o que faltava. Então todos em rebanhos, desamparando o arraial, o começaram a seguir: não porque o ir em manadas os mais segurasse, mas era tal a qualidade do temor que tinham, que lhes cegava o juizo para verem que faziam em irem d'aquella maneira cubiçosa preza a seus inimigos. Os quaes des que viram tão bemaventurado vencimento não curaram de seguir os que fugiam, mas foram tomar entrega de tão grande e rico arraial. No qual foi sem numero a diversidade das riquezas que se n'elle acharam, que não sómente a maior parte do thesouro do Sultão

aqui estava, mas tambem muitos esbulhos de reinos que d'elle foram saqueados e adquiridos. Em alguma gente que dentro acharam fizeram pouco damno, não por serem misericordiosos, mas porque a preza era de sorte grande que não deixava commetter outro nenhum excesso. Sultão Badur não parou em seu caminho, antes em breve veiu a Champanel, cidade mui distante do logar do seu desbarate. Mas este caminho não o passou sem grandes sobresaltos e desventuras, porque de umas gentes a que chamam Resbutos seus vassallos que vivem em maneira de alarves, em logar de se lhe virem offerecer e o consolar de sua perda foi duas ou tres vezes d'elles assaltado, despojando-lhe os seus d'esse pouco que levavam e poderam salvar. Chegando a Champanel, ajuntou alguma gente, e começou a fortificar alguns logares de derredor e todas as cousas ricas, mulheres e mantimentos metteu na dita cidade, a qual é fortissima por natureza e por artificio. E aqui dizem que se determinava de se defender e refazer; mas o Mogor não lhe deu logar a se pôr em ordem que como um raio o assaltou domando e saqueando tudo o que ante si topava, sem haver quem se lhe pozesse em defensão. Sentindo o Sultão sua vinda perto, não se atrevendo a defender, desamparou a cidade, a qual (como disse) era inexpugnavel, com quanto thezouro n'ella tinha, que por sua muita fortaleza d'ella mais que d'outra alguma fiava. Ao tempo que d'ella se partiu disse-se que mandára queimar uma grande quantidade de perolas que ali tinha, e encommendou a guarda da dita cidade ao capitão que d'antes n'ella estava: e veiu-se para Diu, derradeira cidade de todo seu reino. Os mogores em chegando a Champanel lhe foi en-

tregue com todo o seu recheio. E vendo que era por demais alcançar o Sultão deram-se a repastar o reino, sem nunca n'elle acharem quem lhes negasse nem impedisse cousa que n'elle quizessem fazer; e como já andassem muito fartos de roubos, uzaram então de desaforadas crueldades, não guardando sexo, nem edades.

CAPITULO VI

De como o Sultão se quizera ir para Meca, e desamparar o reino se dos seus não fôra estorvado

SULTÃO Badur, como chegou a Diu, desesperado de sua saude, quizera desamparar o reino e ir-se para Meca se d'alguns dos seus não fôra estorvado; que tal terror e medo tinha concebido, que sómente trabalhava de salvar a vida, sem ter respeito a seu estado e ao que perdia; podendo comsigo acabar de viver em reino estranho particularmente, antes que sobre o seu aventurar tão triste vida, como seria a de um tão poderoso rei se se visse cercado de pobrezas e necessidades, que aos taes devem ser mais intoleraveis pelo uso e largueza que tiveram. Mas eu creio que eleger elle tão torpe remedio, os males e cruezas que em seus subditos tinha executado lh'o aconselhavam; que não ignorava a muita razão que geralmente todos tinham de folgarem com seu desastrado fim, á qual elle fugindo muito mais crua de

si dava: posto que alguns digam que elle n'esta ida não deixava para mais o reino, que para ir impetrar ajuda dos turcos para se restaurar. O que parece improprio, porque sendo victorioso e favorecido em grande maneira da fortuna, com grandes e potentes exercitos de seus naturaes (que ainda que n'elles tivesse feito terriveis males, a antiga obediencia e natureza os havia de fazer sequer mais fieis que outros alguns) com elles se não atreveu a dar batalha a seus inimigos tendo tão desigual exercito d'elles; como depois de ser vencido havia de ter esperança na ajuda que do mar Roxo podia trazer, e demais d'isto que sabia mui bem que de lá não podia ajuntar nem adquirir em grande parte sufficiente adjutorio para contra tão poderosos inimigos, e que já tinham visto as costas a tanta multidão dos seus. Tornando ao proposito: desde que viu que os seus lhe estorvavam tal determinação consentiu na ficada; mas não que de todo apartasse de seu coração a tal imaginação, a qual elle por cima de tudo puzera por obra, se os mogores o não deixaram de seguir. E por que (como tenho dito) este era seu ultimo remedio a seu proposito; mandou armar dois galeões, e outros navios, que por todos eram sete, e n'elles metteu, diziam que tres contos e meio de ouro em dinheiro e muitas e mui riquissimas joias e pedras, e assim a mais amada e querida mulher que tinha, filha d'el-rei de Delli mui fermosa e nobre senhora; e deu por guarda e companhia a ella e ao thesouro sobredito, um capitão seu por nome Acefargam, de quem se elle muito fiava. E mandou-lhe que se fosse a Judá, cidade situada no estreito do mar Roxo da parte da Arabia, e que ali esperasse seu recado se elle não

fosse o portador. E ha-se por sem duvida que assim o fizera, se dos seus em outras esperanças não fôra posto.

CAPITULO VII

De como o Sultão Badur mandou chamar Nuno da Cunha governador da India para lhe dar fortaleza em Diu

Os crueis estragos e corridas que os mogores por todo o reino faziam, foi causa que muitos que escapavam se vinham a Diu, onde o Sultão estava, e não porque os trouxesse a bandeira de seu rei que ali sabiam estar; mas porque (como geralmente acontece) os povos e gente commum, aquelle logar elegem por mais seguro, d'onde sabem que seu rei está, ainda que seja muito pelo contrario. Assim que isto os trazia aos de guerra e aos que o não eram; e praticando-se da saude do reino, d'elles foi el-rei aconselhado que desse aos portuguezes logar n'aquella cidade para fazerem uma fortaleza que segundo d'elles era desejada, levemente lhe dariam ajudas para bem de sua defensa, e que ninguem o podia tão em breve fazer nem com mais animo que elles. E como já do anno atraz passado se tinha prati-

cado de paz e el-rei lhe tivesse dado Baçaim com suas terras e rendas, quadrou-lhe, parecendo-lhe que por esta via alem da outra lhe teriam mais obrigação. Fez então embaixador ao governador Nuno da Cunha; notificando-lhe sua vontade, encobrindo-lhe porém a causa, que a tal nobreza o movia. E rogando-lhe que logo fosse a Diu com o maior poder que tivesse, e pelo mesmo embaixador mandou dizer a Martim Affonso de Sousa, capitão mór do mar que ao presente estava em Chaul, que fizesse o mesmo. Nuno da Cunha, visto o recado d'el-rei, fez-se prestes o melhor e mais asinha que pôde em Gôa onde estava; mas não tão poderoso como a necessidade do Sultão havia mistér. O que até aqui tenho contado inquiri e soube de pessoas de credito e que o bem sabiam, e d'aqui por diante contarei o que vi por meus olhos. E porque em algumas cousas não posso deixar de fallar em mim, tomo a Deus por testemunha, e os vivos por entre quem fallo. Partiu Nuno da Cunha a 20 de setembro do anno de Christo de 1535, e chegou a Diu a 10 de outubro; foi logo vêr el-rei; achou n'elle bom recebimento, mas com tanta vaidade e estado que excedeu os termos. Assignou lugar a Nuno da Cunha em que se agasalhasse onde agora é fortaleza. E por que me parece cousa necessaria, pois esta cidade de Diu é o sugeito d'esta historia, saber-se seu sitio, lugar e nascimento, e pelo conseguinte quem a engrandeceu, o mais em breve que poder o direi, assim como d'alguns principaes moradores da dita cidade o aprendi e vi.

CAPITULO VIII

Do nascimento, sitio e logar da cidade de Diu

A costa da India, onde as mais das fortalezas portuguezas estão, jaz toda direita quasi de norte a sul; nasce-lhe o sol por cima da terra, e o mar fica ao occidente. A derradeira fortaleza d'estas que está mais ao norte n'esta dita costa é Baçaim, que é já no reino de Cambaia. D'aqui vae á costa, ora ao norte, ora ao noroeste, até uma cidade que se chamma Cambaiete (d'onde todo o reino toma o nome) e d'aqui torna, fazendo enseada, ora ao sul, ora ao sudueste, até a Ponta que chamam de Diu, e d'aqui torna á costa ao noroeste, caminho do Estreito de Persia, e para Arabia. Esta Ponta de Diu é cortada de um rio de agua salgada, que a faz ser ilha: será de comprimento de duas leguas pequenas, e no mais largo terá meia legua. Este rio pelo poente não se entra, por causa de grandes recifes, e pela parte do le-

vante tem bom porto e boa entrada para naus pequenas ou descarregadas; e d'esta parte que digo fica de rosto a Baçaim, distante vinte e oito leguas de travessa. Aqui, da parte da ilha, antigamente habitavam alguns pescadores em suas pobres casas. Por esta mesma via outros pescadores passaram suas redes e barcos e foram accrescentando a povoação; mas não que gente outra em ella vivesse por ter defeito de agua, principalmente da dita parte. Depois, haverá trezentos annos, porque na terra firme sobejavam os salteadores (a que chamam resbutos), muitos por viverem fóra dos rebates que dos ditos ladrões cada hora recebiam, assim mesmo se foram á dita ilha, e podiam-n'o bem fazer por não ser mais largo o rio que de meio tiro de bésta, e a logares mais estreito: assim se foi fazendo uma boa villa; mas seu maior accrescentamento, nobresa e cerca, teve o nascimento que agora direi. Reinando em Cambaia o Sultão Madrefaxa, avô do Sultão Badur, principe valoroso e nobre; tendo o dito rei cercado um logar do reino de Mandou (com que ao presente tinha guerra) com poderoso exercito, no qual militavam diversas nações de gentes; estando o Sultão um dia assentado á porta da tenda, passando um milhano voando pelo ar deu uma tolhedura, a qual lhe caiu na cabeça, e como os mouros tenham muito respeito a qualquer leviandade d'estas, reduzindo-as a futuros effeitos; este rei muito agastado bradou, dizendo: Não haverá quem mate aquelle milhano? Ninguem poz n'isso cuidado, por quão longe a dita ave já ia, senão um tartaro de nação que no exercito ganhava seu soldo, por nome Meliqueliaz, o qual ouvindo o que el-rei dizia, com quanto já viu ir o milhano mui affastado, confiado

em sua força e destreza, poz uma frecha no arco, atirou-lhe, e tão bem a guiou que veiu o milhano ao chão atravessado na frecha. Muito satisfez a el-rei o tiro por se haver por livre de algum mau prognostico que d'alli podia inferir; e agradecendo ao tartaro a diligencia que poz em o servir, o começou a honrar e favorecer; mas muito mais o fez depois que sentiu a muita discreção, sizo e valentia que n'elle morava. E desejando-lhe fazer mercê, sendo-lhe do dito Meliqueliaz pedida aquella ilha de Diu com sua povoação, não sómente lhe deu o que lhe pedia, mas tambem houve por bem, que na terra firme, houvesse duas ou tres leguas quanto se estendia a mesma ilha. Como Meliqueliaz se viu senhor do que pedira, e de muito mais de que desejára, sendo homem de guerra conheceu a forte disposição que a entrada do rio tinha, e assim a dita ilha; cercou então a cidade muito maior de que a povoação era, de bom muro e cava, metendo dentro do dito muro aquella ponta que estava na entrada do rio da parte do levante, lançando o muro pela banda da costa do mar até onde se chama o baluarte de Diogo Lopes de Siqueira (que depois se ali fundou); e d'alli cortando a dita ilha direito ao rio, pondo nos logares necessarios baluartes e torres. E onde o muro se vem ajuntar com o rio fundou outro grande baluarte, e d'aqui tornou correndo o mesmo muro de longo do rio até outra vez o ajuntar na ponta (que dito tenho) da entrada; e em ella fundou um poderoso baluarte, o qual encheu de muita artilheria; e mais dentro pela mesma parte do rio fez outro baluarte que chamam o da Couraça, do qual sahia uma grande e grossa cadeia para o baluarte do mar que defronte d'este estava,

a qual á força de cabrestantes erguiam e abaixavam. Fundou outrosim, sobre uma restinga de pedra que quasi está ao meio do rio na boca da barra, o baluarte do mar que digo de grande e demasiado comprimento, e no meio d'elle uma torre de menagem. E além da dita entrada ser forte por natureza, quiz com artificio fazel-a mais difficultosa, lançando-lhe da terra firme uma estacada de grossa madeira, a qual vem pela parte de fóra do baluarte do mar deixando-o dentro de si, e determina pegal-a no canal; e ao longo d'esta estacada lançou muitas e grandes pedras soltas. A terra que é occupada da cerca da dita cidade é em figura triangular, a saber: um dos angulos onde está o baluarte de Diogo Lopes de Siqueira olha ao sul; o que está ao longo do rio olha ao noroeste, e o terceiro angulo que é o da entrada do dito rio e barra, está com o rosto ao levante; no qual está fundado o baluarte que já tenho dito que se chama da Barra. Encheu o dito Meliqueliaz em pouco tempo a dita cidade de muitos e ricos mercadores, favorecendo seus tratos de sorte que de logar pequeno de pescadores fez em breve a mais nobre e temida cidade de toda a India. E depois que já sua opulencia era muita e o concurso dos mercadores mui frequentado, fundou em um areal que estava defronte da cidade da parte da terra firme, uma villa de bem mil visinhos, cercada de muro. E esta fez para os turcos que vinham do estreito do mar Roxo se agasalharem n'ella pelas muitas revoltas com que cada hora inquietavam a cidade, e d'aqui se chamou a villa dos Rumes, por que os indios chamam rume ao homem que é louro como o geral dos turcos são. Este Meliqueliaz finando-se deixou dois filhos, Melique Tocam, homem de

muito preço e Melique Sacla, os quaes Sultão Badur matou com asperissimas mortes e senhoreou-se da cidade sobredita.

CAPITULO IX

De como Sultão Badur assignou logar para se fazer a fortaleza, e dos pactos que fez com o governador

A ponta que dito tenho, que se faz na barra e entrada do rio, na qual está toda a resistencia da dita entrada, mandou el-rei ao governador que se agasalhasse com sua gente. Não havia ahi mais que umas pobres casas que serviam aos bombardeiros e aos que administravam as cousas pertencentes á artilheria, que n'aquelles baluartes alli situados jogava; porque a esta parte não chegava a povoação da cidade. D'ahi a poucos dias assentou o governador com el-rei os pactos e condições com as quaes recebia os portuguezes por amigos, que eram escriptas em muitas capitulações, e d'ellas porei algumas.

Primeiramente que elle Sultão dava a el-rei de Portugal seu irmão e amigo, lugar em aquella sua cidade em que fizesse uma fortaleza; o qual lugar queria que fosse n'aquella parte da barra e entrada.

Assim mesmo lhe dava o baluarte do mar, tirando porém a artilheria que em elle estava e no da barra com tal condição, que na cidade nem regimento d'ella, nem em cousa alguma da fortaleza em fora, teria nenhum mando, nem acção.

Seguintemente que suas naus navegariam a toda a parte sem impedimento nas viagens nem mercadorias; as quaes levariam seguros se os quizessem.

Item, que todas as naus que das portas do estreito de Meca para dentro trouxessem cavallos, os trariam alli a Diu, donde pagariam os direitos costumados a elle Sultão, em sua alfandega; e as que similhante mercadoria d'outros logares, e não do conteúdo trouxessem, de obrigação os levassem a Baçaim, e d'elles pagassem direitos na alfandega d'el-rei de Portugal que na dita fortaleza estava.

E assim que todas as naus estrangeiras, sem fazer excepção de nenhum logar, poderiam vir a todos os portos de seu reino sem contradicção alguma, e com isto seriam amigos de amigos, e inimigos de inimigos; e outras algumas capitulações que aqui não fazem ao caso.

Assignados os ditos pactos e capitulações se começou a fundar a dita fortaleza, d'esta maneira. Lançou-se um panno de muro da costa do mar a um alto que ali faz, e sobre elle se fundou um grande e fermoso baluarte redondo entulhado, o qual tinha noventa palmos em diametro; e fez-se pouco mais alto que o outro muro e poz-se-lhe nome S. Thomé, por ser começado em seu dia; e d'alli se estendeu outra vez o muro direito ao rio; e antes que chegasse a agua trez ou quatro lanças acabou; fazendo outro grão baluarte que tinha sessenta palmos em diametro, e poz-se-lhe nome o de S. Thiago; e entre

estes dois baluartes junto d'este menor, ficou a porta da fortaleza com sua couraça, de resto para a cidade; foi o muro de grossura de 27 e 28 pés, e de alto 20 e 22 afora peitoril e ameias, com sua cava; a qual vinha a acabar de fenecer a meio rosto do baluarte menor que está do rio: assim que a metade do dito baluarte ficou sem cava, porque o sitio abaixa alli tanto que quasi fica no andar do rio; e assim mais ficou sem cava, toda aquella parte que cahe sobre o rio, desde o dito baluarte até a feitoria velha. No qual espaço o dito rio não chega ao muro senão de aguas vivas, e todo o outro tempo fica duas lanças ou mais affastado; e n'este espaço que digo pouco distante do dito baluarte menor, se fizeram as casas para os capitães da dita fortaleza; as quaes não occuparam todo o dito espaço, e ficou uma boa parte em grão maneira falta por defeito de cal que faltou. O chão que occupa a dita fortaleza é em figura triangular. Em o meio d'ella havia um grande cavouco, no qual depois, em tempo de Antonio da Silveira ser capitão, se fez uma grande cisterna que levava cinco mil pipas de agua, mui bem lavrado edificio. Fez-se esta fortaleza, a saber: muralhas e baluartes até o andar das ameias em quarenta e nove dias de trabalho; e n'ella trabalhavam todos os homens que com o governador foram em sua armada; que segundo o comprimento do muro, grossura e grandeza, foi certo, trabalhar de homens que folgavam de servir seu rei. Sultão Badur veiu vêr a dita obra algumas vezes, em uma das quaes vendo os portuguezes que n'ella trabalhavam cheios de immundicias que o trabalho de si dava, perguntou ao governador se aquelles trabalhadores e gente civil que alli andava levavam muito jornal: por que

segundo os via servir, julgava serem dignos de boa paga; foi-lhe por elle respondido, que aquelles trabalhadores que elle via tão cheios de cal e de pó eram os fidalgos e capitães que a el-rei seu senhor sostinham a India; os quaes o tempo que lhes faltava a guerra, passavam n'aquellas branduras e delicias. D'isso se espantou el-rei e disse, que então via claro que el-rei seu irmão era senhor de vassallos dignos de serem d'elle muito amados; por que se ao mais triste homem de guerra que em seu arraial havia tal mandasse, em continente bons e máos o deixariam.

CAPITULO X

De algumas ajudas que o governador deu a el-rei de Cambaia e do pouco fructo que fizeram

DURANDO esta obra e estando el-rei na dita cidade de Diu, os mouros não deixavam de fazer na terra seus costumados estragos e roubos, dos quaes andavam já tão fartos e carregados que o mais pobre d'elles fazia mil nobrezas. Era tal o terror que suas obras tinham semeado, que por não cahir em suas mãos a mais gente que podia se vinha a Diu, e outros para outras partes. De maneira que n'este tempo (que digo que se a fortaleza obrava) havia na cidade e ilha maravilhosa quantidade de gente, entre os quaes haveria quarenta mil homens de guerra. E é cousa digna de ser contada que sendo Diu terra que de si não produz nenhuns mantimentos, e vem todos de Baçaim, de Chaul e Damão, valiam tão baratos, que o trigo fazendo-lhe a conta a razão dos moios portuguezes, valia o moio a mil e seiscentos réis, e

o de arroz a oitocentos réis, e o milho de toda a sorte, carnes e legumes, em grão maneira baratos. E no meio d'esta abundancia vi eu muitos morrerem de pura fome, e a razão d'isto, que a gente baixa da India é em tanta calidade sua excessiva pobresa, assim das muitas tiranias que padecem, como do pouco trabalho que põem para atalharem por elle a fome; que ainda que tudo mais barato valesse, como fosse necessario dinheiro para comprarem, é logo a morte certa n'elles. Quiz o Sultão n'este tempo começar-se a lograr dos portuguezes e pediu ao governador que mandasse a Baroche, cidade e grande porto de mar, situada na enseada que vae para Cambaiete, alguns portuguezes, que com elles mandaria tambem gente da sua, por que a esta cidade ainda os mogores não tinham feito damno, e soava-se que um esquadrão d'elles levava esse caminho. Mandou o governador Manuel de Macedo com setenta homens, e el-rei mandou assim mesmo gente sua com elle. E com esta, e com a que na cidade estava, se não foram tão amedrontados dos mogores, havia assás para se defenderem d'elles. Mas todos estes soccorros de el-rei não prestaram para mais que para lhe ser mais difficultosa e occupada a salvação, por que como na terra viram erguer uma poeira (que n'aquelles mezes mui a miudo se levanta) julgando que não podia ser senão de mogores, desamparavam a cidade, sem aproveitar a Manuel de Macedo querel-os deter. De maneira que lhe cumpriu não impedir suas costumadas victorias e assim se veiu para Diu. Outra ajuda de pouco mais fructo lhe deu o governador, em a qual foi Vasco Pires de Sampayo com navios em que levava duzentos homens; e com elle em companhia mandou el-rei Coge

Çofar, italiano arrenegado que em Diu vivia rico á maravilha, que comsigo levava mil homens de turcos e persas. Foram combater uma pequena fortaleza na qual estariam trezentos mogores junto do rio Indo, e era colhido d'elles tão notavel temor, e elles tão pouco dos d'el-rei, que a combateram um dia todo e lhe pozeram algumas escadas, nas quaes poucos chegaram ao meio, por que dos de dentro mortalmente assim das armas como da authoridade eram feridos e espedaçados. Os portuguezes e alguns dos turcos, ganharam ali honra, e deixaram o combate por noite; do qual ficaram os da armada quasi todos feridos; dos portuguezes cinco mortos, e dos d'el-rei mais de cincoenta. Os mogores tambem lhe custou muitos mortos, e feridos; pelo que tanto que foi noite despejaram a fortaleza e foram-se. Tornou-se então a dita armada para Diu, e como já n'esse tempo toda a terra de Cambaia até cinco ou seis leguas de Diu que com a authoridade portugueza escapou, fosse corrida dos mogores, e em toda ella não houvesse cousa digna de ser d'elles desejada, pela fartura e grande copia de riquezas que traziam; começaram a ir deixando o reino, e pouco a pouco dar a volta para suas terras. Como o Sultão tal sentiu, disse ao governador que os queria seguir, e ha-se por certo que sua tenção ia mais fundada em se lhe a terra não fazer bravia, e se lhe levantarem, apartado o obstaculo dos inimigos e ausencia sua, que o desejo de com elles se affrontar, como claro se mostrou no successo. Pediu-lhe que deixasse ir com elle Martim Affonso de Sousa e alguns portuguezes, para sómente capitanearem a sua gente e darem ordem ás cousas da guerra: foi do governador concedido. Partiu el-rei levando

comsigo o dito Martim Affonso e quatorze homens ou quinze, os mais d'elles fidalgos. Fez seu caminho nas costas do Mogor com boa copia de gente, e assim o proseguiu até uma cidade chamada Amadabá, mui grande e populosa, antes que a furia da guerra a tocasse: a qual é distante de Diu pelo sertão 33 leguas: foi sentida sua vinda dos mogores: estando apartados quinze ou dezeseis leguas, em uma noite andaram todo este caminho; e antes que amanhecesse foi d'elles assaltado sem ter nenhum sentimento d'elles; por que era o Sultão nas cousas da guerra tão remisso e nigligente (tendo passado tantas desventuras n'ella, que eram bastantes para de um insensivel fazerem um experimentado capitão), que nenhum modo de espias, nem outras nenhumas intelligencias d'elles tinha, sómente as que afamados males que elles faziam divulgava. Assim que quasi houvera de ser tomado, se para os taes acontecimentos não andára mui prevenido; por que aquillo que dos capitães para resistencia dos taes rebates e soccorro dos assaltados se ordena, sómente para sua saude se preparava. Salvou-se, como digo, e com elle os portuguezes que levava; e os mogores acharam ainda no arraial cousas que lhes fez haver por bem empregado o trabalho que aquella noite tinham levado, e d'ahi tornaram a proseguir seu caminho. O Sultão ficou tão castigado d'este derradeiro perigo que não parou senão em Diu, e ahi esteve até março de 1536, e deu a Martim Affonso dez mil pardaos e outros quatro mil que repartisse com os fidalgos e cavalleiros que com elle foram. N'este tempo se partiu o governador para Gôa a invernar deixando na fortaleza capitão, Manoel de Sousa e com elle oitocentos homens escolhidos, en-

tre os quaes havia muitos fidalgos, e eu fiquei ahi. Elrei (partindo o governador) tornou a entrar pela terra; por que já neste tempo os mogores tambem, por causa do inverno que se chegava, caminhavam depressa para a patria, e achando o reino despojado d'elles começou a socegar a gente d'algumas novidades e opiniões que a guerra tinha causadas. E esses senhores que dos desbarates se salvaram, e que por outras partes eram acolhidos começaram a chegar-se a elle, e assim se foi restaurando até que de todo a terra foi desoccupada dos inimigos. Mas alguns reinos que elle tinha tomados, visto o tempo ser-lhes favoravel, tiraram o jugo de sobre seus hombros, não lhe querendo dar mais a obediencia. Contra os quaes elle mandou um sobrinho seu por nome Miram em que muito confiava, e homem em que havia boas qualidades. Muitos dos outros principes ficaram com elrei, entre os quaes andava Mirizam Hamed, cunhado d'elrei dos mogores (de que já tenho dito, que foi a principal causa da rotura que entre estes dois poderosos reis houve). N'este tempo se lançou um secretario do Mogor com o Sultão, ao qual elle recebeu bem. Pediu-lhe o mouro que lhe mandasse dar embarcação para se ir para Ormuz e d'ahi a Persia, d'onde era natural. Disse-lhe o Sultão que lhe prazia, mandou-lhe que se viesse a Diu dando-lhe cartas para o Rao governador da dita cidade, e juntamente mandou dizer ao dito governador que o mandasse matar e tomar-lhe o que trazia. E a noite que o dito secretario chegou a pousar á villa dos rumes foi morto ás punhaladas, e acharam-lhe setecentos mil pardaos em dinheiro.

CAPITULO XI

Da má vontade que o Sultão começou a mostrar contra os portuguezes.

Como o Sultão Badur se viu desafrontado de seus inimigos e seus reinos de todo desoccupados delles, começou logo seu peito a inflamar-se em suas naturaes condições, as quaes, emquanto sua fortuna andou adversa, eram toleraveis e domesticas; mas, como se lhe tornou a mostrar com rosto alegre, brevemente se viu em elle, que o que até ahi deixara de fazer mais era da mudança de sua fortuna que de seus costumes serem esquecidos. Logo entre a gente portugueza foi conhecido quanto suas cousas lhe eram carregadas e aborrecidas, e que em grande maneira se afrontava de ter dada a fortaleza. E em tanto isto sentia que de puro odio não queria vir a Diu. Esta intrinseca paixão (posto que d'elle nas palavras era dissimulada) algumas vezes como de sua condição fosse ardente e mal soffrido, assim em ellas como

nas obras se publicavam, e de alguns seus acceitos foi revelado a Manuel de Sousa, de sua má vontade em tenção, que ácerca dos portuguezes tinha; e quem isto mais declarou foi o Rao governador da cidade, pessoa mui principal, gentio. O qual lhe disse que el-rei trabalharia de tirar a carga que dos portuguezes sentia, visto tempo e logar conveniente. Por outras muitas e claras conjecturas Manuel de Sousa sentia este conceito d'el-rei e por tanto com muita capacidade as cousas assim temperava que podesse passar o inverno, por quanto na fortaleza não havia mais agua que quanto os da cidade de carreto traziam. No qual inverno sendo notorio aos moradores d'ella a tenção de seu rei, quando os nossos iam pela cidade, eram tratados com muita soberba da gente de guerra que n'ella havia, posto que por vezes a culpa dos nossos; pelo que succederam algumas brigas, e entre ellas mataram alguns homens e tambem morriam dos seus. Pelo conseguinte Nuno da Cunha em Gôa (onde estava) tinha muito conhecimento das cousas que el-rei contra os portuguezes desejava emprehender, mas ao presente era impedido de aspera guerra que com Accedacam visinho de Gôa tinha, a qual teve desvairados successos, e por não fazer a esta historia que temos para contar, a deixo. Passado o dito inverno, estando as cousas de Diu em estado quieto, e as de Gôa no maior fervor, aprouve a Nosso Senhor que se fez paz. A qual como foi assentada fez-se o governador prestes com sua armada e em ella pouco mais de quinhentos homens, e partiu para Diu na entrada de dezembro do dito anno de 1536; e chegando a Baçaim mandou a Diogo de Mesquita (que já em Cambaia estivera cap-

tivo, e das cousas d'ella e de sua linguagem tinha bom conhecimento) com recado a el-rei sob côr de com elle tratar algumas cousas necessarias; e para com esta figura vêr se sentia mais d'elle do que as cousas succedidas mostravam. Deteve-se o governador em Baçaim todo janeiro, e na entrada de fevereiro do anno de 1537 partiu da dita fortaleza para Diu; e atravessando o golfo da enseada de Cambaia, tornou o dito Diogo de Mesquita, denunciando ao governador que assim em el-rei como nos da sua côrte era o jogo mui desaberto, e em nosso damno se fallava claro. Pois assim navegando chegou a outra costa de Diu onde chamam Madrefaba (que é um rio cinco leguas da dita cidade) vespera de entrudo. Essa noite veiu Manuel de Sousa capitão da fortaleza fallar com o governador e dar-lhe conta de algumas particularidades que de poucos dias atraz eram succedidas, e uma d'ellas foi que el-rei viera havia pouco á cidade, e depois de ser visitado d'elle, uma noite sendo a primeira vela passada, viera um mouro da parte de fóra da fortaleza, de longo do rio d'onde cahia uma varanda das casas do capitão, e chamára por elle, e sendo acordado por uma das velás que no muro estavam, lhe disse: Sabe capitão, que pela manhã serás chamado d'el-rei para te matar; e para veres que a isto me não move interesse, nunca saberás meu nome, e fica-te embóra. Este mouro se houve por certo ser obra do governador da cidade: a tenção com que avisou Manuel de Sousa seria a com que tinha descobertas outras cousas, elle porém fazia n'isto inteiramente o que não devia. O que restava d'aquella noite para quem tivesse em vontade de todavia ir a seu chamado, de crêr é que seria mal dor-

mida; pois vinda a manhã, não tardou muito o recado d'el-rei, no qual rogava que fosse a vêl-o, que lhe queria algumas cousas necessarias. Elle dissimulando o que em tão arduo caso devia sentir, respondeu, que de boa vontade. E por que das outras vezes tinha ido a cavallo e com guarda de sessenta alabardeiros, em esta mudou o estilo: por que se metteu em um catur com um só pagem, querendo n'isto tirar a cobiça que el-rei teria dos alabardeiros, e que vendo só a elle veria que em um só homem, e que tão simplesmente ia a seus mandados, tal maldade era mal empregada e de pouco fructo. Indo d'esta maneira pelo rio desembarcou nas casas d'el-rei onde o achou; e segundo as mudanças que em elle viu conheceu que seu animo tinha concebidas grandes novidades. E ou que pelo vêr sem mais companhia, ou por que as cousas que para o diante Deus tinha guardadas não tivessem ainda aqui seu ultimo fim, se lhe esfriou. Fez-lhe bom acolhimento; disse-lhe que o mandára chamar para saber d'elle quando viria o governador, que desejava sua vinda; e que n'isto e em outras cousas o detivera até o despedir. Outras d'esta qualidade contou ao governador que todas consertavam e se referiam ás que d'elle tinham conhecido. Pela manhã se tornou o dito Manuel de Sousa para a fortaleza de Diu. A quarta feira de cinza em amanhecendo se fez toda a armada á vela e foi demandar ao porto. El-rei n'este tempo andava monteando na terra firme ás gazellas: e assim como a armada vinha seguindo sua viagem, assim elle pela terra se vinha chegando para a cidade; e sendo já a dita armada junto do porto, chegou um criado d'el-rei em uma fusta a dar a boa vinda ao governador e trazer-lhe parte da

caça que aquelle dia elle fizera, a qual era dezoito gazellas e a cada uma faltava a carne da metade de uma perna sem lhe ser tirada a pelle; e assim mais muitas galinhas todas sem cabeça. Estas demonstrações e abusos como sejam naturaes nos mouros, e em elles costumem a prognosticar seus desejos e determinações, foram de todos os que no galeão vinham com attenção olhadas e praticadas. O governador recebeu o prezente e mandou sua resposta a el-rei; e que se não viera tão mal disposto que logo o fôra vêr: porém que como a enfermidade lhe desse lugar o faria. Tornou-se o mouro, e a armada foi surgir ao porto a horas de vespera, el-rei chegou á cidade ao mesmo tempo; e disse-se depois, e houve-se por certo que el-rei determinava que indo o governador vel-o, de trabalhar de o matar e aos que com elle fossem; o qual elle havia por cousa facil, pela seguridade com que d'elle era visitado o anno atraz passado quando a fortaleza se fazia. E para o tal effeito, dizem ter em suas casas (que para isso eram mui aptas) muita gente e munições: pois tornando ao proposito, como lhe tornou o recado do governador e soube que vinha doente, com o fervente desejo que tinha de acabar esta obra, determinou de ir vêr ao galeão, a fim que com tal honra e amor, lhe deitaria maior obrigação para que com mais simpleza e descuido o fosse vêr: havendo que suas cousas eram tão occultas que d'ellas não havia nenhum sentimento: e d'esta maneira permittiu Nosso Senhor que suas iniquas e dobradas obras fenecessem, armando laço para si mèsmo, como adiante direi.

CAPITULO XII

Da morte e desastrado fim de Sultão Badur rei de Cambaia e de outros senhores seus vassallos.

Como Sultão Badur fosse homem governado por seu parecer e appetite, e acabasse de assentar em sua mente que d'aquella maneira seu engano e cautella tomaria côr verdadeira para que com maior vigor viesse ao fim que elle desejava; mandou dizer a Manuel de Sousa á fortaleza que se fosse para ella, por quanto queria ir vêr o governador de sua enfermidade, de que estava mui triste. Quando Manuel de Sousa tal lhe foi dito, espantado o mandou dizer ao governador e atraz isso foi-se para el-rei que o estava aguardando. Não ficou menos espantado Nuno da Cunha, pois havia de tratar entre si do que em caso tão grande e tão necessario devia fazer, e sentir por uma parte a muita necessidade que havia d'este revoltoso rei ser opprimido para bem e segurança, assim d'aquella fortaleza, como de outras, que

segundo sabia d'elle ser-lhe penoso estar um dia em paz, mui grão certeza seria que o que n'este dia perdesse mui tarde o cobraria, mas tambem lhe seria cousa grave ainda que conhecesse a peçonha que lhe este rei em tal visitação preparava vindo em habito de paz (ainda que fingida) fazer-lhe nenhum mal. E julgaria por cousa feia que nas armas portuguezas tão limpamente vencedoras por todo o mundo se podesse pôr alguma macula de mao nome: posto que as cousas d'este rei eram tão notas e por taes havidas, e sua pessoa tão reprovada, que o que contra outros se podia contar a mal usar-se, n'elle perderia tal nome. Assim entre taes imaginações (como se pode crêr que estaria envolto), mandou embandeirar o seu galeão e por-lhe grandes estandartes, e a tolda com grandes e ricas alcatifas, e assim que todos os navios se pozessem de festa para o recebimento, e com os homens que no seu galeão vinhamos, e com os outros que da armada para elle vieram haveria no galeão bem dozentos homens entre os quaes estariam setenta fidalgos; e sem saber o que se havia de fazer, a nenhum esqueceu o cuidado d'isso, que era tão geral o desejo de seu fim que cada um em ouvindo dizer que elle vinha o julgou á morte e o houve por digno d'ella. Pois d'esta maneira estando o vimos vir mettido em uma pequena fusta, vestido em trajes de monte, de um panno verde, e na cabeça uma touca preta, e uma adaga de ouro na cinta; dois pagens, um que lhe trazia o treçado, e outro um arco, e coldre de frechas. Na mesma fusta vinha Manuel de Sousa e treze senhores, os maiores de todo seu reino, um dos quaes era Langarcam, homem mancebo de nação guzarate, senhor de grande estado, e Amina-

cem, isso mesmo guzarate, homem de grande preço e tambem de grande estado. Vinha Coge Çofar italiano arrenegado a quem el-rei se mostrava affeiçoado por amor de um seu filho gentil moço, e lhe tinha dado Çurrate com suas rendas e absoluto mando, que era uma boa villa; vinha mais um genro do dito Coge Çofar que era havido por valente homem, e tal se mostrou esse dia, janizaro de nação, homem grande e bem disposto a quem o povo chamava o tigre do mundo, e outros, todos com suas armas acostumadas e atraz elle vinham outras quatro fustas do theor da sua, as quaes traziam criados seus e outra gente; e assim atravessaram por entre toda a armada sendo salvados de todos os navios de apitos e gritos, com as quaes festas em el-rei se não via mais alegria, que seus mesmos pensamentos o faziam temer. Chegou ao galeão aonde ao portaló o estava o governador aguardando bem acompanhado; e alli com muita cortezia e festa o metteu dentro, e assim todos os da sua fusta, indo diante d'elle com o barrete fora. Subiram a tolda e alli tinham todos os olhos em o governador, parecendo que não passasse a cousa mais adiante. Entraram ambos na camara e com elles quatro senhores dos que com elle vinham, a saber: Langarcam, Aminacem, o genro de Coge Çofar, Santiago e um pagem. Estariam dentro meia hora, affirma-se que nem um nem outro fallou palavra, que era tal a confuzão em ambos que lhes atava as linguas, e el-rei sentiu alli o máo sizo que fizera em tal jornada, mas já era fora de tempo. E parecendo-lhe que na varanda do dito galeão estaria gente, disse a Santiago em lingua persa que o visse, e elle dissimulando chegou á porta e vendo-a despejada lhe res-

pondeu em a mesma lingua que não. O qual foi do governador entendido; por quanto d'aquella linguagem tinha algum conhecimento e assim estiveram o tempo que dito tenho, e tornaram-se a sahir; bem sentimos em el-rei a mudança de seu rosto, e o desejo que tinha de se vêr d'alli fóra. Aqui se esperou outra vez que houvessem effeito os pensamentos de todos, mas não foi assim, do que se seguiu assás damno. As razões por que aqui se não accommeteu com verdade se não podem dar distinctamente, por que certo isto pareceu mais ordem do ceo, que descuidos dos homens. Mas as que se não sentiam direi. Manuel de Sousa era homem mui cobiçoso de cousas de honra, e o governador pouco affeiçoado dos que tinham tão mau nome. Assim Manuel de Sousa desejoso que este negocio por suas mãos fosse arrematado, crê-se, e houve-se por certo que o commetteu a Nuno da Cunha (mas eu nunca lh'o ouvi a elle) dizendo-lhe que seria mais formoso ser el-rei preso depois de estar na sua fusta, que dentro do galeão (por que não cuidou que se defendesse). O governador como sentisse escrupulo em o fazer (demais vindo em habito de paz) dizem que levemente o concedeu. Pois d'esta maneira se differiu para fóra: e Nuno da Cunha sahiu com el-rei até o embarcar. Manuel de Sousa ficou fallando com o governador á parte, poucas palavras depois d'el-rei embarcado, e posto que a detença foi mui pequena, quando tornou para se metter na fusta com elle, ia el-rei já de largo, que como se viu fóra do galeão, conhecendo o perigo de que escapara, não curando de mais, mandava aos remeiros que remassem fortemente. Manuel de Sousa, não podendo metter-se na fusta d'el-rei, tomou um catur

(que é outra maneira de navios mais pequenos, e muito ligeiros) e em elle deu a remar com muita pressa pelo alcançar levando sómente comsigo Diogo de Mesquita e um pagem. Depois que se el-rei partiu e Nuno da Cunha tornou para a tolda, como a todos parecia ser necessario que el-rei perecesse, vendo-o ir em salvo ficamos attonitos e pasmados, olhando para elle, o qual com um desasocegado semblante disse: que me olhaes? Mettei-vos n'aquellas fustas que a bordo d'esse galeão estão, e acompanhai el-rei. Em este tempo todos obedeceram, e com muita pressa se embarcaram cada um como podia, e assim em uma fusta se mettiam muitos, e em outras iam poucos, e deram a remar atraz el-rei o qual ia já boa distancia do galeão. Chegando uma d'essas fustas perto d'elle, ao mesmo tempo chegava Manuel de Sousa a elle no catur em que ia, e tomando uma alcatifa por uma ponta se foi aproximando e disse a Santiago em voz que foi bem entendida: Dize a el-rei que se passe sua alteza a este catur, que manda o governador que vá á fortaleza. Respondeu-lhe Santiago dizendo: Que doudice é essa Manuel de Sousa, a um principe tamanho se diz tal cousa, passai-vos cá e dizei-lh'o. E voltando-se para el-rei, se lhe entendeu dizer: Estes querem-te matar. Em este tempo, ou que a proa do catur estava molhada, ou d'outra cousa que resvalasse, escorregou e cahiu Manuel de Sousa ao mar; deitou-se logo o seu pagem a elle, e como a fusta em que ia Lopo de Sousa Coutinho era já perto, pode saltar no dito catur e correu á proa a tempo que elle, e o pagem pegado n'elle tornavam sobre a agua, e subiram acima elle e Diogo de Mesquita. Elrei vendo o desastre, como que lhe pesava; com as mãos

o chamava, que para elle se passasse: o que Manuel de Sousa fez saltando na fusta; atraz elle se metteram Pedro Alvares de Almeida, Antonio Correa, Diogo de Mesquita e Lopo de Sousa. Manuel de Sousa, Pedro Alvares d'Almeida e Antonio Correa ficaram de proa; e Diogo de Mesquita e Lopo de Sousa junto da pôpa. El-rei ficava entre elles: e Manuel de Sousa fallando com elle, as quaes palavras Diogo de Mesquita entendeu, e ouvindo-lhe que os matassem e vendo que o genro de Coge Çofar o punha por obra em Manuel de Sousa, levou da espada e tomando el-rei pelo braço o virou para si e lhe deu uma ferida pela parte direita: bradou el-rei que os matassem, sem por si fazer nenhuma defensa, pelo qual Langarcam e outros que áquella parte estavam, vieram sobre Diogo de Mesquita e Lopo de Sousa com treçados e adagas, e elles o melhor que poderam se começaram a defender com as espadas. Manoel de Sousa foi logo morto pelo genro de Coge Çofar e deitado ao mar. Pedro Alvares defendeu-se quanto poude e lhe durou a vida e tambem foi lançado ao mar. Os outros trez se ficaram defendendo. Algumas fustas que nos vinham soccorrer tomou cargo de lhes não deixar cumprir seus desejos, um moço turco pagem d'el-rei que lhe trazia o arco e frechas que seria de edade de dezoito ou dezanove annos, o qual com muito animo despendeu as frechas nas fustas que se mais chegavam matando e ferindo muitos, e nos remeiros d'ellas poz tal terror, que nem valia aos capitães mandal-os nem ameaçal-os que em mais temiam a morte que lhes o moço cruelmente dava, que as pancadas que d'elles podiam receber, não fazendo o que lhes mandavam; e com tão bom tento fazia

seus tiros que perdeu mui poucos, e em isto prevaleceu até que lhe faltaram as frechas, e a vida que com uma espingardada lhe foi tirada. Os trez que estavam em a fusta d'el-rei em este tempo trabalhavam entre elles; e por derradeiro como os mouros eram muitos mais vieram a braços com elles e deram com todos trez ao mar assás maltratados e feridos; d'onde foram tirados quasi mortos. D'elles assim mesmo ficariam na fusta mortos sete ou oito, e outros feridos. Desembaraçado el-rei d'esta maneira tornou a remar com muita pressa para a cidade. As nossas fustas que para os soccorrer trabalhavam, com a pressa de o fazerem davam umas pelas outras e se embaraçavam, e os remeiros escandalizados das frechas do moço seguiam mal seu caminho: mas outro maior intervallo sobreveiu no que agora direi. Na flagrancia d'esta peleja chegavam ao porto e logar d'ella uma galeota e uma fusta e uma taforea, e estes tres navios eram de el-rei e vinham de Mangalor mui bem armados e com muitos turcos dentro, os quaes mostraram bem ser valentes e nobres homens, porque em vendo o negocio em que andava seu rei, podendo-se muito bem salvar, pelo pouco respeito que a elles se tinha, vendo seu rei e senhor em tal affronta, surgiram esses trez navios em meio dos nossos e com muita valentia o começaram a defender lançando de seus arcos infinitas frechas e muitas espingardadas, trabalhando de com suas vidas remirem a de seu senhor: o que poz a cousa em estado de poder ser, porque sentindo-se os nossos do mal que dos ditos navios recebiam os mais d'elles os foram aferrar e entrando com elles ás cutiladas lhes cortaram a todos as cabeças; não porem sem lhes custar alguns mortos

e feridos. El-rei vendo-se desoccupado dos tres que na sua fusta tivera e dos navios que o seguiam e com tal ajuda como lhe era vinda, com muita ligeireza se acolhia á cidade e sem duvida o fizera se Deus lhe não atravessara diante um catur que vinha da fortaleza ao rebate, do qual era capitão um valente homem a que chamavam de alcunha o Pantafaçul. Este vendo como el-rei se ia acolhendo atirou-lhe com um berço, e foi o pelouro tão bem guiado que lhe matou dois ou tres remeiros, e como se a fusta achou menos dos remos, e a maré áquelle tempo vazasse, atravessou-se e começou a tornar para fóra. Vendo el-rei sua ultima hora chegada, lançou-se ao mar cuidando que o nadar o salvasse, e assim o fizeram os que com elle iam, e como a agua alli tinha muita força cada vez os chegava mais aos nossos navios. De maneira que sendo junto de uma fusta bradou o triste que era el-rei, que o não matassem: vinha em ellas um cavalleiro por nome Tristão de Paiva, natural de Santarem, o qual, quando conheceu ser el-rei, fez chegar a fusta para o recolher: mas elle temendo a morte todavia se arredava e pedia que o não matassem; tanto o segurou Tristão de Paiva até que se chegou e apegou a um remo da dita fusta, e vindo elle para o metter dentro, de outro homem que na mesma fusta vinha, foi ferido com uma chuça pelo rosto e atraz aquella lhe deu outras, e assim não faltaram outros que o mesmo fizeram até que finalmente lhe acabaram a vida ficando morto sobre a agua um pouco espaço e foi-se ao fundo, d'onde nunca mais foi achado.

CAPITULO XIII

Dos mortos e feridos que n'este negocio houve, e de como se a cidade despejava, e o que o governador n'isso fez

De todos os homens e grandes senhores que com el-rei vinham nenhum escapou, que ou da agua ou dos navios não fosse morto, sómente Coje Çofar que nadando veiu dar sobre uma fusta em que vinham alguns fidalgos, entre os quaes vinham Francisco de Barros de Paiva e Antonio de Soutomaior, e conhecendo o dito mouro o fez chegar á fusta e dando-lhe a mão ajudando-o a tirar: de outro homem que na mesma fusta ia lhe foi dada uma grande ferida pela cabeça, sem o ver o dito Antonio de Soutomaior. Este mouro assim ferido foi levado ao governador, e d'elle com muito gasalhado recebido, e mui bem curado. João de Santiago como sempre teve melhor estrella com mouros que com christãos, foi tão mofino que nadando se chegou ao baluarte da barra da fortaleza, bradando que o tomassem, e nomeando-

se, havendo que em o conhecerem estava sua salvação, o que foi o mais curto caminho que podéra achar para suas prosperidades e adversidades terem fim como lh'a logo deram lançando quanto achavam sobre elle com tanto cuidado e presteza quanto suas maldades mereciam. Quando estas cousas se acabaram era noite, e depois dos navios todos juntos e vindos ao governador se acharam dos nossos mortos e feridos muitos; a saber: na fusta de el-rei dos cinco que n'ella entraram morreu Manuel de Sousa capitão da fortaleza, homem discreto e de muitas e boas qualidades. Isso mesmo morreu Pedro Alvares d'Almeida, homem sizudo e bom letrado em leis, e os trez ficaram feridos. O pagem d'el-rei matou com suas frechas a Antonio Cardoso, homem fidalgo e bom cavalleiro; e matou ao Fialho, valente mancebo capitão de uma fusta, e tambem matou o pagem de Manuel de Sousa, e assim a outros dois; e feriu a João Zuzarte e a Martin de Castro e a outros dez ou doze. Os trez navios que tenho contado que ao tempo da morte d'el-rei chegaram, a um d'elles que foi a fusta afferrou Alvaro Mendes, homem mancebo e bem esforçado, e entrando-a pelejando com muita valentia matando nos turcos, foi morto, e assim outros da sua companhia, e outros feridos. Acabando porém de render a dita fusta pelo conseguinte os outros dois navios tambem fizeram algum mal. Morreriam por todos com el-rei e os senhores que com elle vieram, e com os ditos trez navios, bem cento e cincoenta homens, porque depois que se a cousa accendeu a nenhum se perdoava. Visto pelos da cidade a morte de seu rei e estrago dos da sua companhia, não se havendo por mais seguros, julgando que em elles seria o mesmo

executado, com grande pressa e temor cada um procurava salvar sua vida e faculdade; de sorte que veiu a ser tão excessivo o medo, que as muitas portas da cidade não lhe sendo bastantes a seu refugio, dos altos muros por cordas se lançavam. E assim n'isto como nas portas foram mortos de afogados muitos; e muito maior fôra o mal se o governador o não atalhara d'esta maneira: Sendo avizado da cousa como passava mandou vir perante si Coge Çofar (que como tenho dito lhe fôra levado ferido) e disse-lhe, que elle tinha sabido que na cidade ia grande revolta, cuidando os moradores d'ella que os haviam de roubar e matar, do que lhe muito pesava porque se mandara matar el-rei que lh'o merecia, por trabalhar de em elle e em todos os portuguezes fazer o mesmo, como elle Coge Çofar seria boa testemunha: mas que quanto á cidade que sua vontade não era tal; mas antes mantel-os em muita paz e justiça e defendel-os de quem o contrario procurasse. Pelo qual lhe rogava como pessoa tão principal, e que n'aquella cidade vivia, e n'ella e em todas as d'aquelle reino tinha muita valia e credito, que tomasse cargo de pôr em socego os moradores d'ella, e que n'isto faria muito serviço a el-rei nosso senhor, e uzaria de bondade com seus naturaes e conhecidos; porque de tal fugida a nenhum d'elles se não seguiam senão damnos em suas fazendas, e outros mil males; e que para isso ter effeito não queria mais d'elle que dar-lhe sua menagem de se não ir d'aquella cidade sem sua licença: na qual elle havia por bem que sua authoridade não fosse menos, mas mais antes do que soia. Coge Çofar lhe prometteu de assim o fazer e manter. Este Coge Çofar era um dos homens que em grande par-

te da redondeza da terra com mais grosso caudal a mercadoria uzava, homem de edade de cincoenta annos, de grão discrição e sagacidade, no uzo da mercancia habilissimo, e nas cousas de guerra não menos sabido: como depois se mostrou claro quando da dita cidade fugiu e fez guerra á fortaleza. Vivia em esta cidade de Diu, tinha um logar na enseada de Cambaia, que o Sultão lhe deu por nome Surrate que rendia bem; o qual elle depois fortificou em grão maneira. Pois (como já disse) tomando-lhe o governador a menagem lhe deu seguros por escripto assignados por sua mão, em geral a todos os da cidade, e em particular a cada nação por si, que nenhum damno lhe seria feito, mas antes muitos bens. Partiu-se Coge Çofar com os ditos seguros, e como foi na dita cidade cessou a volta que todos tinham em se ir e os que já eram idos em breve se tornaram. De maneira que a cidade não ficou menoscabada em suas mercancias, nem em outra cousa alguma de sua opulencia.

CAPITULO XIV

Do dinheiro, navios e armazens que se acharam d'el-rei de Cambaia, e de como Mirizam Hamed (1) *se fez rei d'ella, e da liga que com o governador fez*

No outro dia depois da morte do Sultão Badur, o governador sahiu em terra e mandou ás casas d'el-rei e ás da rainha sua mãe (que ao presente não estava na cidade) Antonio da Silveira e Fernão de Sousa de Tavora, e com elles o secretario da India João da Costa, para que o dinheiro e fazenda que se achasse ser d'elle nas ditas casas, ou em quaesquer outras fosse posta em arrecadação; e assim mandou lançar mão dos armazens, e pelo conseguinte, sabendo que na villa dos Rumes estavam muitos mantimentos do dito Sultão, os mandou arrecadar, e depois foram vendidos por não haver d'elles necessidade. Nas casas do Sultão, e em as de sua mãe foi acha-

(1) Couto chama-lhe *Mir Mahamed Zaman.*

do algum pouco de ouro amoedado, e prata e moeda de cobre. A razão de se não achar muito dinheiro, é que el-rei chegara áquella hora, e como havia sete ou oito mezes que andava fóra (no qual tempo só uma vez viera a Diu, e se tornára logo) toda a sua casa e fazenda trazia no campo d'onde tinha sua gente e capitães, e agora quando o mataram veiu aforrado sómente com os senhores que já tenho nomeado e a mais gente havia-o logo de seguir. De mais d'isto seus thesouros tão grandes já não tinham senão o nome, porque a gente de guerra lhe gastou grande parte e el-rei dos mogores lhe deu dois taes varejos que foi maravilha (segundo a quantidade lhe tomou) ficar-lhe nenhum; a saber: uma vez quando no reino de Mandou o desbaratou, e lhe tomou todo o arraial; e depois em a cidade de Champanel outra grande somma; que como esta cidade fosse fortissima e o capitão d'ella havido por leal, fiava-se d'ella mais que d'outra alguma: na qual lealdade estava bem enganado; segundo se viu por experiencia no bom recebimento que fez ao vencedor, e como o empossou nos bens de seu senhor; e tambem mandou para o estreito (o que atraz contei), nos navios quando se quizera ir. E por cima de tantas vezes ser esbulhado, ainda Mirizam Hamed cunhado d'el-rei dos mogores que em sua companhia e serviço andava, e então ficara no exercito teve que tomar (como adiante direi). Assim que pelas razões dadas se não achou mais dinheiro. E porém d'outros thezouros que os reis e grandes principes devem estar fornecidos com muito cuidado para poderem soccorrer e reparar os lugares fracos e necessitados, e suas armas serem bem fornidas, em esta cidade se acharam grande copia d'elles;

grandes e mui abastecidos armazens, muita artilheria, muita polvora de toda a sorte, e muitos materiaes para se fazer outra; muitos artificios de fogo, e muita espingardaria; infinitos arcos turquescos e frechas sem numero; muitas e mui ricas cobertas de cavallos, muitas sellas, zagaias, zagunchos, bizarmas, maças de ferro, espadas, treçados, landees, saias de malha, muito ferro e chumbo; grande quantidade de madeira, muitas outras munições de guerra afóra os mantimentos que já tenho dito. Assim mais muitos navios de remo, e de alto bordo, em que havia dezoito galés e galeotas, trez galeões, vinte cinco ou trinta fustas e catures, quatro naus de carga e outras quatro taforeas; todas estas cousas foram postas em arrecadação. Proveram-se tambem logo as alfandegas assim a da cidade, como a da villa dos Rumes de officiaes portuguezes; e assim algumas rendas que el-rei na dita cidade e ilha tinha foram arrendadas. Sendo tudo posto em ordem e a cidade mui pacifica veiu um mouro que na dita cidade vivia, de monstruosa edade para tempo em que Matusalem e Noé eram passados, e disse ao governador que em cem annos que havia que viera para aquella cidade, sempre dos senhores d'ella tivera ajuda para sustentar seus longos annos: e que o Sultão que ora morrera pela mesma razão lhe dava seis centos reaes cada mez para sua mantença; e que pois a cidade era passada a elle governador, lhe pedia, pois tinha posse de cem annos lhe não tirasse aquella esmola. O governador lhe concedeu. Este mouro era de nação bengalla, fôra gentio, homem pequeno de estatura, e de pouco saber: sua edade diziam ser então de trezentos e trinta e cinco annos: sabia-se ser elle de muita edade por

muitas razões, a uma diziam homens da dita cidade de honrados e de crêr e antigos, que sendo moços ouviram dizer a seus paes que tinham aprendido de seus avós ser este mui velho; a outra que não sabendo lêr nem escrever das cousas antigas d'aquelle reino, e d'outros em que se achou dava conta concertada e verdadeira sem discrepar das chronicas escriptas dos taes acontecimentos; e sobre tudo tinha um filho de noventa annos, e outro de doze, tambem se affirmava serem-lhe mudados os dentes já quatro ou cinco vezes, e outras tantas tornados a nascer, e a barba pela mesma maneira, como se lhe acabava de fazer branca de todo, começava-se-lhe a fazer preta até o ser de todo. Esta monstruosidade e reformação da natureza lhe foi dada a voltas de muita pobreza para que sentisse que a longa vida de nós tão desejada a muitos não aproveita para mais, que para pedir esmola, allegando com ella como algum notavel aleijão. Sendo sabida a morte de Sultão por todo seu reino fez grande espanto, e em muitas partes se teve algum tempo por falso: porque eram suas cousas tanto de demonio, e não de homem mortal que não criam que a morte podesse com elle. Em o seu exercito foi grande confusão e mui differentes pareceres. Mirizam Hamed sabendo a cousa, com ajuda de alguns mogores que no arraial andavam que com el-rei de Cambaia se lançaram (quando el-rei dos mogores se tornava para seu reino) lançou mão de todos os apparatos reaes e de todo o dinheiro que havia, o qual dizem que seria um conto e meio de ouro, e começou-se a nomear rei de Cambaia, e porque sabia que este nome entre os da terra seria odioso, quiz conseguir a amizade do governador, julgando que

tendo com elle alliança mais levemente poderia emprehender as cousas do reino. E para isto ser melhor expediente veiu-se para Novanager, logar pequeno uma legua de Diu, e d'ali mandou um embaixador a Nuno da Cunha, pedindo-lhe sua ajuda para essa empresa. E que se lh'a quizesse dar, e sua amizade, e havel-o por rei d'aquelle reino, que além de em elle ter bom amigo, e mais leal e seguro que os que na terra o podiam ser, que elle lhe daria cincoenta mil pardaos para ajuda dos gastos de suas armadas; e lhe daria (vindo a cousa a bom fim) quaesquer lugares da fralda do mar que elle quizesse. O governador recebeu bem o embaixador e respondeu-lhe (depois de em isso tomar conselho) que era mui contente, e folgava muito, e que Deus o ajudasse em tal empreza, a qual era mui digna de tal pessoa como elle. Tornado o embaixador, o Mogor cumpriu quanto ao dinheiro. Assentaram-se as pazes e amizades, foi pelo governador havido por rei de Cambaia, e mandou que por tal fosse nomeado em a mesquita da cidade, como d'antes soiam fazer ao Sultão. Mandou o novo rei dizer ao governador que lhe aconselhasse o que n'esta empreza devia de fazer, porque nenhum conselho seguiria senão o seu; que elle tinha cerca de dois mil mogores de cavallo, gente escolhida e bem encavalgados, e que lhe diziam que na terra esses senhores que havia, se punham a fazer rei um moço sobrinho do Sultão Badur (por quanto Miram era morto havia pouco, e que a este vinha de direito o reino) por não ficar filho do dito Sultão. Nuno da Cunha lhe mandou dizer que de seu conselho, em quanto as cousas do reino estavam embaraçadas e escuras, elle devia com brevidade salteal-os, e cortar-lhes com sua pre-

sença seus conselhos, porque d'esta maneira os tomaria desmembrados e confuzos e poderia com a gente que tinha dar-lhes batalha, e que além d'isto não haver ainda outro rei enlevaria alguns povos a desejos de novidades. E que para o seguirem muitos, bastava começarem alguns poucos, o que tudo pelo contrario acharia se tardasse; porque pelejaria com exercito unido, e gente com rei. Pareceu bem este conselho ao novo rei, mas não para elle uzar. Deixou-se estar levando boa vida no dito logar sem pôr em effeito o que começára. Os senhores de Cambaia em este tempo fizeram rei o dito moço e os regentes eram trez: Driacam, Madiemaluco e Alucam. Compostas as cousas do reino e socegados alguns tumultos que a morte de Sultão Badur cauzou, conhecendo que o governador não podia estar muito em Diu por razão do inverno, de quem o novo rei podia receber favor que lhes fizesse impedimento ao que tinham ordenado, foi d'elles deferido para depois que se fosse. O governador, como veiu o fim de março, partiu-se para Gôa a invernar deixando na fortaleza e cidade por capitão Antonio da Silveira, e com elle ficaram todos fidalgos que com o governador vinham.

CAPITULO XV

Da batalha que os senhores de Cambaia deram ao rei Mogor e do que em ella succedeu

No fim d'abril do dito anno de 1537 juntaram os senhores e regentes de Cambaia gente para vir sobre o rei Mogor, que nunca de Novanager se movera em todo este tempo, os quaes eram dez mil de cavallo e quinze mil de pé. E vinham por capitães d'essa gente Alucam e Madiemaluco. Sendo já quatro ou cinco leguas do Mogor, vendo elle que convinha fazer então o que muito antes (para bom conselho) houvera de ir buscar, sahiu a recebel-os como homem esforçado uma legua de Novanager; e como uns vinham e outros iam, em pequena hora se toparam: e porque era já tarde deixaram o negocio para o outro dia seguinte. Em essa noite repartiu Mogor bom quinhão de dinheiro entre a sua gente, e com boas e nobres palavras os esforçou, engrandecendo suas pessoas e feitos; e disse-lhes que sua vontade

não era vir-se para os portuguezes (porque já então tinha perdido a esperança de conquistar o reino), mas ir-se para o rio Indo: que ainda que vissem que era tão distante, se em aquella batalha pelejavam como d'elles esperava, que sem nenhum impedimento poderiam lá chegar. A qual terra era já possuida de seus amigos, e alliados, e que com el-rei d'ella tinha algum parentesco, d'onde poderiam viver quietamente até Deus melhorar seus estados: foi dos seus louvado tal parecer, mas não de todos seguido. Vinda a manhã, uma e outra gente se poz em ordem: os de Cambaia fizeram-se todos em uma batalha; o Mogor fez duas batalhas, a primeira com mil e duzentos de cavallo tomou para si, e em a outra em que ficariam setecentos de cavallo, deu por capitão um homem que comsigo trazia, que julgou ser para isso, mandou-lhe que como elle rompesse, o seguisse com bom animo. E elle foi acommetter os inimigos com muito esforço, os quaes abriu em duas partes, matando muitos d'elles, sem dos seus perder quatro, e assim rompidos se passou da outra parte. A segunda batalha quando viu ajuntar a seu senhor com os inimigos, e sumir-se entre a multidão d'elles, ou que temeram de o seguir havendo-o perdido, ou que desesperaram de poder salvar-se em tamanha distancia de caminho, como era d'alli ao rio Indo: ao tempo que deveram de romper seguindo seu senhor deram volta fugindo para a villa dos Rumes. Os inimigos seguiram estes deixando Mirizam Hamed; e como do lugar da batalha houvesse mais de legua e meia á villa dos Rumes vieram matando a maior parte d'elles até junto d'ella, onde pararam, porque da dita villa lhe atiraram algumas bombardadas por

mandado de João de Mendonça; que n'ella estava com gente; e não querendo recolher os ditos mogores sem mandado de Antonio da Silveira, sem embargo que o medo que traziam era o que tem os vencidos; e tanto que se mettiam pelas bombardeiras e por buracos mui pequenos, e com desejo de se verem dentro davam quanto traziam a quem os recolhesse. Na qual calamidade, houve alguns portuguezes tão inhumanos que tomando-lhe o que os tristes lhe davam por os recolherem, os deixavam de fora. Em esta desventura e desejo de entrar, fez uma mulher moça e formosa, uma gentil prova de amor e lealdade que a seu marido devia. E foi assim: Vinham entre estes mogores alguns que traziam suas mulheres (como geralmente estas gentes costumam); pois este que digo trazendo esta sua, a quem (segundo se viu em ambos) devia de amar em grão maneira, chegando a um postigo que se a uma parte do muro fazia, d'onde algumas entradas se remiam por dinheiro, pediu aos que á porta viu que quizessem recolhel-o, e aquella mulher, e que pol-o assim fazerem daria o que entre tantas desventuras podera salvar; foi por elles respondido que a ella recolheriam, mas não a elle, que lhe era defezo. Como elle do mal que lhe a ella podia vir, se de fóra estivesse fosse mui temeroso, disse, que pois assim era que lhe aprazia que a salvassem e que elle ficaria, e dando algum dinheiro por isso a levou a metter pela dita porta, e como os dentro a quizessem recolher, não embargante o temor que em coração de mulher o desbarato e estrago passado podia causar; como em ella fosse maior o amor que o medo, vendo que seu marido ficava em perigo pela salvar tornando mui depressa para traz dis-

LIVRO SEGUNDO

DO CERCO DE DIU

CAPITULO I

De como Coge Çofar se partiu escondidamente da cidade de Diu e da guerra que moveu á fortaleza em companhia de Alucam (1)

Depois que o governador Nuno da Cunha se partiu para Gôa a invernar, deixando a guarnição em Diu, de que tenho no capitulo atraz feito menção: d'ahi a um mez que foi no fim de abril de 1538 Coge Çofar (que como já disse era italiano arrenegado, que na morte de Sultão Badur, rei de Cambaia, fôra levado ferido ao governador, pelo qual a cidade foi posta em socego e quietude) vivendo na dita cidade em muita reputação sendo mui acatado, tratando como soia o grosso meneio de sua mercancia, por algumas razões (que ao diante direi) uma noite se partiu levando toda a sua casa. A qual ida aos outros

---

1 Barros diz *Alucham*.

mouros que na cidade viviam poz em grande confuzão, e aos portuguezes, vendo o modo de sua sagaz partida, deu verdadeiro conhecimento de sua muita discrição. Foi causa de admiração o segredo e sizo que teve em sua fugida, tendo tanto que salvar, que nem visinho o sentiu nem entendeu, nem as pessoas de quem se elle fiou o descobriram, posto que era notorio a todos o interesse que tiraria quem o revelasse. Foi por mar em uma nau sua a Seva, villa de Curate; e d'ahi foi-se logo a Amadabad cidade assentada no sertão, onde el-rei estava, e ali disse e fez o que ao diante direi, por contar uma ebullição e prognostico que entre os moços se viu, e foi assim: Um domingo se juntaram quantos moços pequenos portuguezes na fortaleza havia; e pelo conseguinte quantos escravos isso mesmo pequenos em ella se acharam, e todos de um consentimento se desafiaram; sendo os escravos em grande quantidade mais que os portuguezes; e pondo-se elles de uma parte ordenados pelo capitão que entre si elegeram, e sua bandeira de cruz, e os escravos fazendo outro tanto se acommetteram com paus e pedras, chamando uns por Santiago e outros por Mafamede; com tanto animo e vontade, como se fôra de sizo; e veiu a cousa a ser tão pelejada que com sangue de muitos foram os escravos vencidos pelos portuguezes. Ao outro domingo seguinte assim uns como outros furtaram e furgicaram muita polvora a seus paes e senhores, e outras cousas que já não eram de moços, e fazendo os portuguezes baluartes de pedra emsossa, e bastiões a modo de fortaleza; e postos em ordem pelo seu capitão, foram acommettidos pelos escravos, e com tanto fervor e vontade pelejavam lançando-se arti-

ficios de fogo uns aos outros, e pedras e paos que houve muitos mais escalavrados, e alguns rijamente queimados. E sahindo os portuguèzes de sua fortaleza, levaram de vencida aos ditos escravos, e assim o fizeram algumas vezes sendo sempre vencedores. E, pelo mal que se faziam, foi-lhes vedado que o não fizessem mais. Mas era já a cousa tão accesa entre elles que não esperando que viessem os domingos, nem menos ser-lhes concedido, em qualquer parte que se topavam, poucos ou muitos acommettiam-se tão devotamente (1) e com tanto odio que nos punhamos aos vêr, admirados de tal misterio; e sempre jámais (como tenho dito) os poucos portuguezes eram vencedores. Estas meninices foram claro prognostico das cousas ao diante succedidas. Pois tornando a Coge Çofar, sendo (como dito tenho) chegado a Amadabat, desculpando-se ante el-rei e os regentes do tempo que estivera entre os portuguezes, sem acommetter mais cedo o que então fizeram, e por se mais mostrar sem culpa os incitou e apressou á guerra, que contra nós achou algum tanto abalada, offerecendo para ella sua pessoa e faculdade apresentando muitas (cousas?) de que estavamos necessitados, como quem d'ellas tinha assás conhecimento: dizendo que não havendo agua na fortaleza, porque ainda então havia pouco que se começára uma cisterna: a qual segundo o grão fundamento que levava, era pouco um anno para se acabar. E que o baluarte da villa dos Rumes, que o governador mandára fazer, tambem estava ainda

(1) Talvez seja devotadamente. O exemplar da B. N. tem emendado á mão para denodadamente.

tão debil e baixo que qualquer pequeno rebate e acommettimento sobejaria para o ganhar, e que á mingua de gente e armas que tinhamos faria não podermos suster a ilha, nem a cidade. Maiormente pela muita gente de guerra que em habito de mercadores em ella habitava. E que, como a dita cidade e ilha fosse desamparada pelo defeito de agua que na fortaleza havia, nos não poderiamos suster. E tambem (segundo depois foi sabido) disse ter por mui certo virem os turcos na entrada d'aquelle verão. Pelas quaes razões ainda que a guerra não estava muito propinqua, com suas exortações a poz logo em effeito e foi mandado por cabeça da gente Alucam mui grande senhor e um dos regentes ao presente do reino: o qual trouxe cinco mil de cavallo, e dez mil de pé, e Coge Çofar quasi em egual mando trazia á sua custa mil de cavallo, e tres mil de pé, boa e escolhida gente. E partiram de Amadabat a dez de junho do dito anno. Em este meio tempo que na fortaleza se esperava por sua vinda, uma noite se levantou um fogo na dita fortaleza, o qual começou em casa de uma mulher solteira. E como grão parte das casas fossem cobertas de palha, e o vento áquella hora soprasse em pequeno espaço, queimou bem sessenta moradas de casas, com fazendas em muitas d'ellas. E se não fôra atalhado sem duvida levara a maior parte da povoação. A qual cousa (como acontece que mui pequenos males sejam quebranto a quem os recebe, ou ao menos deem esforço aos contrarios) foi muito celebrado este entre os inimigos de seus capitães, por fazerem o caso da guerra mais comportavel, de si mesmo assacavam que todas as munições nos eram ardidas, e que faltava pouco para vencidos.

Durando isto, dizia-se que esta gente se vinha chegando. Mas como a certeza que d'estes negocios se podia ter dos mesmos mouros se havia de saber, ainda que Antonio da Silveira com muito cuidado o sollicitasse, e com dinheiro remisse, sempre as novas que do dito exercito vinham, eram erradas e com máo zêlo dadas: e todavia como a guerra começou a soar, deu grande expediente á cisterna da fortaleza e ao baluarte da villa dos Rumes. Pois assim estando a vinte e seis de junho do dito anno uma antemanhã assaltou Coge Çofar com os seus quatro mil homens o baluarte da villa dos Rumes. Era já a este tempo o dito baluarte de vinte palmos de alto, e uma sala que pegada a elle se fazia, estariam as paredes d'ella de altura de um homem. Como os officiaes da alfandega da dita villa dos Rumes dormissem na mesma villa, posto que nos muros estivessem velas, escaparam quasi meios tomados, e alguns de sua companhia morreram. Os ditos officiaes, como melhor poderam, se subiram ao baluarte, e começaram-se a defender, e sendo dado o rebate na fortaleza acudiu lá o capitão deixando-a a recado. E por que podia ser que aquelle rebate fosse para na cidade se dar outro algum, que mais podia damnar (ainda que para passarem a ilha em alguns passos d'ella estivessem guardas, por serem muitos os logares por onde se podia passar) mandou a Lopo de Sousa com a sua gente aos muros da cidade d'aquella parte que olha para o campo que se faz na dita ilha. Em este meio Coge Çofar apertava com os do baluarte que podiam ser até vinte homens, os quaes com o favor que na vinda de Antonio da Silveira tinham, e que já viam vir, se defenderam valentemente. E sendo a cousa pe-

lejada de uma parte e da outra, deram os do baluarte uma ferida a Coge Çofar, por uma mão de uma espingardada, e com a ferida e chegada do capitão se afastou, com perda de alguns dos seus.

CAPITULO II

De como os passos da ilha foram providos e os inimigos assentaram artilheria sobre elles e como se alargou a dita ilha e dos navios e artilheria que se perderam

Este pequeno rebate despertou as cousas necessarias á guerra, e aos portuguezes fez ter melhor intelligencia dos muitos homens de guerra que na cidade sob os honestos trages de mercadores andavam, e algumas vezes intentavam dar sobresaltos; pelo qual Antonio da Silveira com singular diligencia os esbulhou das armas, e alguns prendeu por se vêr serem causa de ajuntamentos e tumultos; e como em os da cidade poz freio, em aquelle mesmo dia proveu os lugares que o rio que divide a ilha da terra firme tem fracos, e possiveis a serem vadeados, os quaes eram muitos; e em dois onde a agua era mais baixa havia dois baluartes, em cada um seu, que Sultão Badur mandou fazer ao tempo que veiu fugindo dos mogores; em um d'estes baluartes mandou estar a Gonçalo Falcão, e em outro a Luiz Rodrigues de

Carvalho, providos de artilheria e gente necessaria e em outro passo que não era tão secco e porém muito estreito mandou estar a Lopo de Sousa com uma galeota, e uma barcaça e duas fustas; e depois se pozeram outros navios por outros logares necessarios, em os quaes estava Francisco de Gouvêa, capitão mór do mar de Diu, e Antonio da Veiga, feitor da fortaleza. A causa que moveu Antonio de Sousa querer defender a dita ilha foi pelo defeito da agua; porque a cisterna ainda se em ella trabalhava, e porém antes que de todo fosse acabada, com muita pressa e bom expediente lhe mandava deitar quanta agua podiam trazer com odres quantos bois havia na cidade (que d'aquelle mister servem) acarretando-a dos poços que na ilha ha, e pelo conseguinte se trabalhava em o baluarte, e sala da villa dos Rumes, e em pouco tampo foi acabada a dita obra. E ficaria o dito baluarte de quarenta palmos de alto, e a sala no mesmo andar; e não se lhe fez cava porque nem o sitio o permittia nem o tempo. E fornecido tudo de muito boa artilheria e munições, e com Francisco Pacheco, juiz da alfandega da dita villa, que em elle estava por capitão, haveria setenta homens escolhidos. Coge Çofar por causa da ferida tornou-se a Novanager, e como se foi achando mais aliviado d'ella, com sua gente se poz sobre o passo onde estava Lopo de Sousa, que havia nome Palerym e assentou contra elle trez bombardas grossas, com as quaes lhe atirava aos navios, e elle isso mesmo com a artilheria que em elles tinha lhe fez por vezes assás damno, assim em a gente de cavallo como de pé. Alucam com quinze mil homens que trazia assentou nos outros passos onde estavam Gonçalo Falcão, e assim onde Anto-

nio da Veiga e Francisco de Gouvêa tinham os navios (como dito tenho) e com muita artilheria vedava o rio que não fosse navegado dos navios que levavam mantimentos e munições aos passos. E como isto lhe não fosse muito difficultoso, pelas disposições que o dito rio tinha, ainda que os navios não deixassem de passar ou mal ou bem, ia custando mais que á defensa da dita ilha já então não era necessario. E durando este negocio muitas vezes, sobre elles quererem melhorar de noite e de dia suas estancias, de longo do rio, pelejavam os dos passos e navios com elles ás bombardadas e espingardadas, e lhe matavam muita gente; e elles tambem alguma dos nossos; e comtudo não deixavam de as melhorar onde lhe bem vinha, estreitando a serventia cada vez mais. Vendo Antonio da Silveira que era por demais poder longamente defender o rio, que não fosse d'elle, a pezar nosso passado, e que sobre isso cada hora perdia gente e munições que a custosa defensa consumia: e tambem como já tivesse a cisterna acabada, e com grande quantidade d'agua em ella, determinou de abrir mão da dita ilha, e defender a cidade, e pôr em ella toda a artilheria que para defensa da ilha estava espalhada. E pedindo os pareceres d'aquelles que em este caso lh'o podiam dar foram todos de accordo que a dita ilha se deixasse (pelas mesmas razões acima ditas). Foi tomada esta concluzão aos nove dias de agosto, e mandou o capitão que cada um se viesse aquella mesma noite, e que Payo Rodrigues de Araujo, alcaide mór da fortaleza, fosse com este recado, e que tomasse o dito Payo Rodrigues a barcaça que Lopo de Sousa tinha em sua companhia, e que a levasse ao baluarte de Gonçalo Falcão e

lhe ajudasse a metter em ella a artilheria que no dito baluarte estava. Assim mesmo mandou uma fusta grande a Luiz Rodrigues de Carvalho para que tambem embarcasse a artilheria que em seu baluarte tinha; e que cada um se viesse com a sua. Foi levada a barcaça, e começou Gonçalo Falcão a metter n'ella sua artilheria e munições. Além d'este seu baluarte, em outro passo estavam duas galeotas, e outras fustas e catures, dos quaes navios tinha cargo Antonio da Veiga (como já disse). E como lhe fosse dado recado do capitão que as trouxessem, desembarcou-se na ilha, deixando os ditos navios aos capitães d'elles, e veiu-se por terra á fortaleza: os navios, sendo hora, desamarraram-se e havendo de passar por junto de uma estancia que os inimigos tinham ao longo do rio, as duas galeotas tendo pouco tento os officiaes d'ellas, juntamente com o grande vento que ao presente ventava, e tambem por causa da artilheria que da dita estancia lhe atirava, a menos de cem passos deram em secco, e sem mais diligencia se deitaram ao rio os que em ellas vinham. Desamparando-as, ficando sómente em ellas os capitães: os quaes quando viram que suas sós pessoas as não podiam remediar, como melhor poderam pozeram fogo ás ditas galeotas, porque os inimigos se não aproveitassem d'ellas; as quaes mal ardidas foram dos mouros tomadas com artilheria e cousas que dentro vinham. E como para um grande desastre tingir a muitos abaste começar em alguns poucos da companhia, aconteceu que Gonçalo Falcão depois de recolher toda a sua artilheria na barcaça (que para isso lhe foi levada) e assim armas e outras cousas, ao tempo que as duas galeotas ardiam tinha por recolher trez ou quatro

cachões de polvora, e como em alguns da sua companhia o desastre dos outros lhe tivesse posto algum temor; não abastando esforçal-os elle, e rogal-os que o ajudassem, pois não tinham de que temer, começaram a querer-se ir; mas elle os deteve o melhor que poude. E vendo que lhe não queriam trazer a dita polvora, porque isso mesmo os inimigos se não aproveitassem d'ella, deu-lhe fogo. O qual foi causa que os inimigos vissem em o meio da escura noite quam carregados e mal remediados elles iam; pelo qual dando-lhe gritas davam-lhe a entender que os queriam seguir, e assim por estas falsas apparencias que elles creram, como pela tormenta (que como disse fazia) deu a barca em secco em lugar que com pouco que trabalharam a poderam desencalhar: mas como já viessem tocados do mal dos outros, desamparando a barca se deitaram ao rio, e se passaram á ilha deixando a seu capitão Gonçalo Falcão só em ella, o qual os chamou e rogou que tal não fizessem, increpando-os de covardes e máos: mas pouco aproveitou: quando elle tal viu, conhecendo não ser parte para só a tirar do secco, veiu-se para a cidade. Em este navio se perderam bem dez peças de artilheria grossa e miuda, armas e outras cousas muito necessarias. Não se satisfez ainda por aqui a desventura d'esta noite, porque Luiz Rodrigues de Carvalho trazendo a fusta que lhe fôra levada para tirar a artilheria que no seu baluarte tinha; carregada com todas as cousas que em elle havia, com muito menos causa e pelo mesmo modo a perdeu. De maneira que os inimigos cobraram ás escuras aquella noite o que em muitos dias atraz não cuidaram alcançar; tudo por culpa dos nossos. Lopo de Sousa fez-se á vela

na sua galeota, e a mesma tormenta o lançou da parte da terra firme, e como a maré já então vazasse ficou em secco, e vendo elle que tanto lhe cumpria em tal tempo guardar-se dos companheiros lhe fazerem algum escarneo, como dos inimigos o tomarem (posto que sempre em elles tinha conhecido muito esforço) mandou alagar o batel e quiz-se assegurar tirando o remedio da salvação, por ser o rio ali mais largo. Não tardou muito a manhã que lhe fez vêr a muita distancia que havia d'elle a agua, e assim em breve foi cercado de grande copia de mouros; dos quaes com ajuda de Nosso Senhor se defendeu com muita perda d'elles e nenhuma sua, até que veiu a maré que seria ás dez horas do dia: e como a galeota nadou, posto que a tormenta não cessava, se foi para a cidade.

CAPITULO III

De como o capitão Antonio de Silveira, tomando conselho, abriu mão da cidade e se recolheu á fortaleza

Como Antonio da Silveira tivesse determinado de com a artilheria que na defensa da ilha estava, defender a cidade, vendo que em aquella noite toda era perdida; e não sómente ficava elle com esta falta mas ainda ajuntada á que os inimigos traziam, quiz com conselho vêr o que em tal caso faria. Para a qual determinação se apartou com os fidalgos e pessoas que para isso eram, e foi por elle proposta a pratica, dizendo que elle (como tinham visto) defendera o rio e passagem da ilha, pelo defeito que na fortaleza havia d'agua: a qual como de força havia vir da dita ilha, se não a defendera ficava a fortaleza perdida. E que ora ordenára de largar a dita ilha, assim por já a cisterna ter conveniente copia d'agua para nossa mantença, como pelo detrimento que na dita defensa se recebia, com pensamento de

suster a cidade e em ella assentar toda a artilheria, que pelo rio e baluartes da dita ilha estava. E como ora viam toda a dita artilheria, e além d'isso os navios de que se podiam ajudar, por assim o permittir Deus, tudo aquella noite era perdido e dos inimigos cobrado, e que vissem o que em tal caso se devia fazer. Foi de parecer de todos, que a dita cidade se deixasse por muitas razões. Assim porque para se defender convinha tirar da fortaleza parte da artilheria que em ella estava, e se não podia escusar, a qual como não podia ser muita, não faria mais fructo que enfraquecer a fortaleza, e ajudar pouco a cidade: e mais que tinha tão grande quantidade que defender, e os nossos eram tão poucos e mal armados que mui levemente a dita defensa poderia ser causa de se perder a fortaleza, e juntamente com isto era notorio que entre o povo da cidade havia muita gente de guerra, a qual ainda que por vezes lhe fossem as armas tiradas, que podiam ter outras muitas. E que bastava sómente darem gritas, para em nós se imprimir grande confusão, e outras assás sufficientes razões em que era damnosa a tal defensa. A esta hora, como já os inimigos estivessem na ilha, vieram perto da cidade a dar vista bem trez mil de cavallo, e outra muita gente de pé. E como os moradores da dita cidade os vissem tão perto, foram logo em algumas partes d'ella erguidas bandeiras fazendo signaes aos de fóra, e houve outro sim alvoroços e ajuntamentos, pelos quaes se viu claro a muita copia de inimigos que dentro dos muros havia; e por já ser assentado o recolher á fortaleza, mandou o capitão alguns homens que queimassem a uns navios de remo que em a ribeira estavam varados, por se d'elles não

aproveitarem os inimigos: e assim que tambem queimassem uma boa quantidade de enxofre e salitre que em um dos armazens da cidade estava; levando os ditos homens para o tal effeito convenientes artificios de fogo, para que com mais brevidade tudo fosse abrazado; os quaes (como se vê a miudo em os que põem a sua esperança em outro logar mais forte, que tudo acham difficultoso, como é impedir-lhe, ainda que seja com pouca detença o verem-se em tal logar) posto que o salitre e enxofre sejam materias tão promptas a receber o fogo e pelo conseguinte os navios tão seccos e alcatroados; com todas estas ajudas era tanto o desejo que tinham de se verem já na fortaleza, que nem o salitre ardeu, nem os navios ficaram insufficientes a se d'elles poderem aproveitar os inimigos. O capitão com cem homens se metteu pela cidade, e onde achava ajuntamentos (que foi em muitos logares) principalmente onde havia armas, mandava enforcar e alancear a todos os que em taes habitos achava, e de caminho mandou prender quatro mercadores principaes da cidade, e levou-os para a fortaleza. Não porque em elles se mostrasse culpa dos taes ajuntamentos, mas porque podia o tempo trazer tal occasião em que com elles se contribuisse e remisse alguma necessidade, por serem homens mui honrados e de muito credito: os quaes foram sempre mui bem tratados, e depois que o cerco passou postos em liberdade. D'esta maneira nos recolhemos á fortaleza, e os inimigos, á noite, sendo-lhes notificado pelos de dentro como a cidade era despejada entraram em ella; sendo recebidos com grandes luminarias e festas, e assim andaram toda a noite visitando suas mesquitas dando louvores a seu propheta de victoria tão

descançada e sã; e antes que fosse manhã assentaram algumas bombardas das que os nossos perderam junto de um caes que está onde chamam o Mandovim que fica defronte do baluarte do mar; não tanto por damnar o dito baluarte, como para a galeota de Lopo de Sousa, e outras fustas que escaparam, as quaes estavam ao socairo da fortaleza. E como foi de dia atirando com as bombardas aos outros e a elle, metteram no fundo duas fustas e mataram alguns marinheiros d'ellas e em a de Lopo de Sousa deram alguns tiros, mas não foi por lugar que lhe damnasse muito. Esse mesmo dia sahiu Gaspar de Sousa por mandado do capitão com sua gente, para alguns portuguezes que moravam fóra nas casas visinhas á fortaleza que com a pressa de se recolherem deixaram suas pobrezas, as podessem cobrar se as achassem, o que ainda a muitos aproveitou; e como já os inimigos andassem pelas ditas casas, matou o dito Gaspar de Sousa d'elles e tambem a elle lhe mataram um homen e feriram outros. D'esta parte da cidade perto da fortaleza, onde disse que se chamava Mondovim, assentou Coge Çofar sua gente e estancia, e Alucam ficou em as casas que foram da mãe do Sultão Badur, que estão em um alto a maneira de fortaleza junto do bazar que é a praça; porque já a sua edade era tanta, que lhe não pertencia estar sujeito a rebates, e desasocegos. Em a fortaleza poz o capitão a Gonçalo Falcão em o baluarte S. Thomé, e a Gaspar de Sousa deu outro mais pequeno que está no canto do rio. E repartiu isto assim, não porque d'aquelles inimigos suspeitasse tanta ousadia, que combatessem a fortaleza, mas porque os nossos se occupassem tendo logares certos; e a Lopo de Sousa

deu cargo, que com a sua gente desse cada dia guarda aos moços e mulheres que iam por agua a uns poços de agua salobra, que estavam juntos com as casas da cidade; e assim traziam lenha das ditas casas; que por estarem em logares damnosos á fortaleza se mandavam derrubar, mas não se poderam tanto assolar que depois quando veiu maior trabalho deixassem de fazer d'ellas muito mal, como em seu logar direi.

CAPITULO IV

De algumas cousas que succederam durando o mez de agosto

Aos quatorze do dito mez de agosto, vespera de Nossa Senhora, sahiu Lopo de Sousa da fortaleza a dar guarda á gente miuda que ia tomar agua e lenha (como lhe era encommendado), sómente com a gente de sua companhia: e como da gente de Coge Çofar andassem alguns desmandados, dando em elles morreram alguns e outros escalavrados se salvaram: os quaes ou por se desculparem de seu desmando, ou por assim o entenderem disseram que a sua gente era a desmandada; contra a qual se sahissem, com pouco trabalho os tomariam ás mãos. Soltaram-se a esta nova da estancia de Coge Çofar, bem quatro centos homens e vieram-o accometter. No presente estavam com elle sómente quatorze homens, porque outros quarenta tinha postos por outras ruas para a seguridade dos que tomavam agua e lenha

(que disse) e como a boca da rua que elle tinha tomada fosse estreita, e os homens que com elle estavam de recado, determinou de pelejar com os ditos mouros, porque o logar o consentia (posto que a desegualdade era grande) e querendo acommettel-os lhe disse um homem que comsigo tinha, por nome Simão Furtado, homem sizudo e bom cavalleiro que os deixasse mais embeber, e encher a rua, porque quanto mais se apinhassem, menos se poderiam lograr das armas. O que parecendo-lhe bem deteve os seus até que os inimigos subindo pelos telhados fizeram romper sua dilação: por lhe parecer que se mais detivesse, que os poucos seriam menos, então deu em elles, e a sua multidão fez ser insufficiente o logar a elles, e os poucos que os nossos eram bastaram para lhe fazer conhecer como Deus primeiramente, e os lugares muitas vezes dão a victoria a quem os conhece, como aqui aconteceu com estes: dos quaes morreram trinta, e iriam feridos outros tantos, e voltando-lhe as costas os foi seguindo. Lopo de Sousa sahiu ferido de uma cutilada pela perna esquerda, e um pagem seu com um olho quebrado, e outro homem com uma estocada por uma perna, sem mais mal algum. E sendo-lhe feito signal da fortaleza se recolheu; e emquanto a ferida o deteve dava a guarda, ora a Gaspar de Sousa, ora a Gonçalo Falcão; e sendo Gonçalo Falcão um dia fóra, a dita guarda tomou um mouro, homem avisado, e de boa razão, o qual sendo pelo capitão Antonio da Silveira interrogado das novas do exercito que em a cidade estava, e assim de algumas outras dos rumes, porque sempre se teve suspeita de sua vinda; o que se inferia de se vêr que os da terra faziam guerra para sua arte tão

apertada, sabendo que vindo o verão haviam de pagar a cento por um, não era senão com esperanças de estrangeiros. Respondeu o dito mouro que do exercito não havia que contar sómente estarem dezoito, ou dezenove mil homens, e que esta guerra que nos faziam, a causa principal era o sentimento da vinda dos rumes, e que quanto a elles virem, não sabia mais senão, que haveria trez dias que andava uma nova no arraial, que era chegada uma náo a Mangalor, cidade do mesmo reino de Cambaia, porto de mar, e que diziam os que na dita náo vinham, que em Adem ficava uma grossa armada de turcos: mas que esta nova ainda se não havia por mui certa, por se não achar author a ella: e com isto concluiu. Depois d'isto tornou Lopo de Sousa a fazer a guarda costumada, até que em um dia achou em os poços já ditos grande quantidade de rosalgar, pelo qual foi a guarda d'ahi ávante menos frequentada. Em o mesmo tempo, da fortaleza e baluarte da villa dos Rumes, com a artilheria a tiros perdidos se fazia algum damno aos inimigos, e porém gastou-se assás polvora, de que se depois teve grande fome e necessidade; e elles pelo conseguinte atiravam ao dito baluarte da villa dos Rumes, mas faziam-lhe pouco nojo. Em cousas d'esta qualidade se foi gastando o mez de agosto, em o qual tempo por já se poder navegar e o inverno não ser tão molesto fez o capitão por seu recado saber a Nuno da Cunha das cousas succedidas; e Nuno da Cunha despachou logo de Gôa, onde estava, alguns fidalgos e cavalleiros, que fossem a Diu, dos quaes veiu um por nome Fernão de Moraes (como adiante direi). Em os derradeiros dias do dito mez de agosto mandou Antonio da Silveira uma fusta para a parte

de Mangalor, a vêr se achava algumas novas de virem rumes como seja já sentido, a qual partiu, e tornou com o recado que no seguinte capitulo direi.

CAPITULO V

De como veiu a armada dos turcos, a quem o vulgo chama rumes, e de como os da terra se dividiram em diversos pareceres

Aos quatro dias de setembro do dito anno, uma quarta feira ás dez horas do dia se viu da fortaleza tornar a fusta, que o capitão mandara saber as novas que disse. Como pelos muros e torres mais altas que na cidade havia vissemos subida e embarrada muita gente dos inimigos, a qual se punha em os ditos lugares para divisarem o que ainda da fortaleza se não comprehendia, fez isto buscar-se com mais curiosidade modo de descobrir novas alturas para que sem obstaculo das altas penedias da costa brava se podesse vêr o que elles com tanto cuidado procuravam divisar. E como no baluarte de S. Thomé estivesse mettido um mastro assás comprido e difficultoso de subir, o qual servia de ter em cima uma bandeira de Christus; não faltou quem se atrevesse a subil-o, e de effeito o fez: e sendo em cima d'elle

disse que via sete navios, os quaes vinham d'aquella parte da Arabia, e disse que via outros mais emmarados, e que a mesma derrota traziam. Não faltou, como nunca falta, quem de logar assás baixo e pouco comprehensivel disse logo que via por outras partes navios, e muita quantidade d'elles, e que discernia o modo de sua mareagem; e atraz isto começaram os juizos, e porfias e apostas, uns dizendo que era armada de Portugal, outros que da India, outros não de o conhecerem, mas de uma certa inclinação que os provoca sempre prognosticarem o que mais receiam, diziam que eram turcos: e como se o tiveram por carta, davam o numero de gente e navios, particularisando o que não viam nem sabiam. Começou a este tempo a dita armada a se devisar dos que com verdade a podiam vêr, a qual vinha em esta ordem, a saber: da banda do mar, distantes da terra duas leguas, quatorze galés reaes em uma batalha; e de longo da terra vinham outras sete galés na mesma ordem, e atraz estas duas batalhas seguiam todas as outras galés e navios de guerra trazendo entre si as náos de carga. Então foi conhecida a dita frota ser de turcos pelo numero grande de navios de remo que traziam, e atraz isto acabou de chegar a nossa fusta, que os já tinha conhecidos; da qual era capitão um valente homem por nome Miguel Vaz e disse como eram os rumes de tantos annos esperados, e que contara quarenta e cinco galés reaes, afora outras que atraz divizara, misturadas com outros muitos navios de toda a sorte. Escreveu logo Antonio da Silveira um pequeno escripto, e dando-o ao dito Miguel Vaz, lhe mandou que fosse na volta de Gôa e o desse a Nuno da Cunha, e lhe dissesse de palavra o que vira. Partiu-se

a dita fusta, e como o capitão d'ella fosse homem desejoso de vêr e affirmar-se na verdade (posto que mui bem a tivesse visto) fez o caminho não mui arredado da dita frota, o qual lhe houvera de custar caro. A dita armada vinha já para surgir junto de uma mesquita que está em um alto sobre o mar defóra do baluarte de Diogo Lopes de Sequeira (que como no livro primeiro disse, está no angulo da cidade que olha ao sul) e como fosse d'elles vista a dita fusta com muita diligencia doze galés tirando as bordadas, que são velas pequenas, e mettendo os arrimões, que são velas muito maiores a começaram a seguir. E sendo da fortaleza visto como a iam alcançando, e sem duvida a tomaram se o vento não acalmara, e vendo que se lhes ia, por lhe não ficar nada que fazer, lhe atiraram ás bombardadas, e deram a volta a surgir com outra armada que já estava ancorada em o logar que disse, fazendo entre si grandes alegrias. Em a gente da cidade houve logo differentes pareceres, como se em continenti mostrou. Porque Alucam capitão geral da dita gente com cinco ou seis mil homens se sahiu e se poz na terra firme: porque conhecia as intoleraveis maneiras dos turcos. E toda a outra gente que seriam treze mil homens ficou com Coge Çofar e ahi estiveram todo o tempo que os ditos turcos tiveram cercada a fortaleza. E por fugir confusão a qual se seguiria se não soubessemos a raiz e nascimento d'esta armada e de sua vinda e a razão que a moveu a vir mais a Diu, que a nenhuma outra fortaleza da India; e assim algumas pessoas principaes que em ella vinham, e as particularidades seguidas durante sua navegação as porei.

CAPITULO VI

Em que se reconta o nascimento d'esta armada e dos capitães e gente d'ella e das cousas seguidas em sua navegação

Como em o principio do primeiro livro tenho contado, ao tempo que Sultão Badur rei de Cambaia veiu fugindo de el-rei dos mogores, e se metteu em Diu, estando (como disse) desesperado de sua saude, querendo desamparar o reino e ir-se ao mar Roxo, foi pelos seus com muitas e justas ràzões apartado de tal determinação. Mas como a seu proposito e entender esta ida tivesse elegida por boa, porque arreceava do Mogor o ensecar de todo; e conhecendo-se a si mesmo, julgava o amor que seus vassalos lhe podiam ter, tendo por mui certo de tarde ou cedo fazer este caminho. Querendo prevenir ao tempo lhe poder tirar a faculdade de salvar algum dinheiro mandou Acefargam capitão seu muito estimado com os sete navios que disse: o qual levou, dizem, que tres contos e meio de ouro, e muitas e mui riquis-

simas joias e pedraria; e assim mandou pelo dito capitão uma sua mulher a que muito queria. Mandando-lhe que se fosse a Judá e que ali o esperasse ou seu certo recado, o que elle fez como lhe era mandado: tratando a mulher d'el-rei seu senhor com tanto amor como se fôra sua propria: e estando o dito Acefargam em Judá, succedeu matarem Sultão Badur; e foi sabida sua morte por todo o estreito do mar Roxo, e isso mesmo em o Cairo. Governava a dita cidade do Cairo ao presente Coleymam Baxa (1), janizaro eunuco natural de Morea, antigo criado e porteiro da camara de Sultão Cahali Grão Turco, pae d'este Sultão Coleymão, Grão Turco, que ora reina. Mandou este baxá a Judá lançar mão do dito thezouro do Sultão Badur defunto: e sendo-lhe trazido o fez saber em Constantinopla ao Grão Turco, o qual mandou que o levasse elle, como o fez. E vendo-se em Constantinopla tão bom dinheiro, assim validamente mandado de um remoto rei, julgou-se que d'onde tal quantidade sahira com tão pouca guarda e receio, que não poderia ser senão que a superabundancia e riqueza d'este rei (que em muitas partes era celebrada) seria sem comparação. E assim movido o Grão Turco d'esta cobiça quiz armar uma armada para a India, tanto por conseguir este intento, como por senhorear a India que dos nossos era possuida. E como Coleymão Baxa se criara em casa do Sultão Cahali, e por este antigo conhecimento fosse mui acceito á mãe do Grão Turco, pediu a dita senhora que impetrasse de seu filho que o mandasse por capitão e

(1) *Soleimão Baxiá*, diz Barros, Couto diz *Baxá*.

governador da dita armada, e que elle queria fazer o gasto a toda a armada á sua custa; e que sómente lhe dessem gente e artilheria. Foi-lhe concedido do Grão Turco a dita empreza, e despachando-o se tornou ao Cairo, trazendo comsigo de Constantinopla mil e quinhentos janizaros mui escolhidos, e dois mil turcos gente boa, e de Alexandria Damiata, e de outros portos do mar Mediterraneo, recolheu outros tres mil homens: os quaes por serem usados no mar, serviam de officiaes dos navios quando navegavam, e de bons soldados quanto cumpria. Fez o dito Coleimão Baxa grandes tiranias aos moradores do Cairo e de outros logares em derredor para que contribuissem ao fornecimento da dita armada; e para a chusma dos remeiros tomou quantos houve mistér, forçando-os ao tal officio. E porque elle por sua muita edade e pezada disposição não poderia soffrer o trabalho de capitanear, deu cargo de capitão mór do mar a um esforçado homem por nome Ihuefhamed (1), isso mesmo capitão mór de Alexandria e natural da mesma cidade, guardando elle Coleymão para si o mando e governança de tudo; e tambem trouxe comsigo alguns capitães sabidos e antigos na guerra assim do mar como da terra, a saber: Bharam Baxa janizaro, e Mustafat natural do Cairo, do sangue dos antigos mamelucos, e outro Bharam Baxa da mesma linhagem de mamelucos em hamud queea. Fornecidas as cousas necessarias veiu-se com toda sua gente a Suez que é um pequeno logar situado no fim de todo o estreito do mar Roxo, vinte e oito leguas do

(1) *Isuf Hamed*, diz Barros.

Cairo onde a armada estava: e como alli chegou proveu que nenhum navio partisse para a India do Toro, nem Judá que estão da parte da Arabia, nem isso mesmo dos lugares maritimos do Egypto, porque sua ida não fosse sentida. Os navios de remo que no dito Suez estavam e forneceu, eram os seguintes: quinze galés bastardas de trinta e tres bancos cada uma; vinte e cinco galés reaes de trinta bancos; dez galés sotis, quatro albetoças e seis galeões de duas gaveas. Estas sessenta velas eram as que haveria vinte e sete ou vinte e oito annos que os governadores do Cairo mandaram fazer para guarda e segurança do estreito do mar Roxo. Isto mesmo juntou a estas as sete velas que Acefargam, capitão d'el-rei de Cambaia levou a Judá; e assim mais trez náos de Amezuy, vedor da fazenda do Cairo, e outras duas d'el-rei de Judá. De maneira que as velas que em Suez ajuntou foram setenta e duas, afóra outras trez náos de malabares, que em Adem tomou (como adiante direi), estando aparelhando a dita armada, e exercitando os remeiros, que como nem fossem assoldados nem captivos, faziam de má vontade tão trabalhoso officio, querendo os officiaes e capitães apremial-os a isso, como se o foram, se amotinaram bem quatrocentos remeiros dizendo que não queriam servir; o que vendo Coleymão Baxa, como de seu natural fosse crudelissimo mandou descabeçar mais da metade d'elles: este exemplo tão severo fez soffrer o jugo mal de seu grado. Feita prestes a dita armada, e embarcada a gente, em a entrada de julho do dito anno de 1538 partiu de Suez com sessenta e duas velas, e em ellas seis mil e quinhentos homens de guerra e cheias de muita e singular artilheria, toda

de metal, grão numero de munições e muitos mantimentos: com esta armada, gente e capitães, navegou a Judá, e como chegou quizera por manha acolher o rey da dita cidade; mas elle como tivesse bom conhecimento dos turcos e principalmente de Coleymão Baxa que sabia ser cruel tirano e fementido, despejou a cidade e poz-se em salvo. Navegou a dita arma da sua derrota até Azebibe (1) que é um logar situado na costa da Arabia: no qual caminho se apartaram da armada quatro navios de mantimentos sem mais aparecerem. Chegados a Azebibe foram recebidos de Nocoda Hamed (2), turco que senhoreava o dito logar e outros, o qual succedera a Mirescandel, que alli levantado da obediencia do governador do Cairo senhoreou alguns annos. E assim por isto como por se dizer que tinha dinheiro em pago de bom gasalhado e refrescos que mandou á armada foi por mandado de Coleymão descabeçado: e deu o dito principado e mando a Mustafat Mameluco (3); e de Azebibe tornou a partir, e mandou uma galeota diante com recado a el-rei de Adem, pedindo-lhe que por seus dinheiros lhe mandasse ter alguns mantimentos, e assim que trazia muitos doentes para remedio e saude dos quaes lhe pedia lhe mandasse dar umas cazas para serem curados. Como este rei não fosse tão recatado, nem malicioso como o de Judá, nem tivesse inteira noticia do dito Coleymão, com boa vontade lho concedeu. Chegou toda a armada ao porto da dita ci-

(1) *Zeibit*, diz Barros.
(2) *Nacod Hamed*, idem.
(3) *Mustafá Naxar Mameluco*, idem.

dade, vieram-lhe logo muitos refrescos e mantimentos; e Coleymão começou a mandar os enfermos, e dos mais sãos e esforçados que trazia; e levando trez, quatro homens a um enfermo d'aquelles lançado em um leito em o qual levava suas armas escondidas; e como as casas que para recolhimento dos enfermos lhe deram, estivessem despejadas, ficava o fingido enfermo e um par dos que o levavam: e assim d'esta maneira sem os da cidade do engano terem sentimento, em quatro ou cinco dias lhe meteu dentro quinhentos homens doentes de tão contagiosa enfermidade que bastou para os penetrar a todos assim nas fazendas como nas pessoas. E como teve a cousa preparada e certo signal a que os doentes acudissem mandou dizer a el-rei que viesse á sua galé que lhe relevava falar com elle. Zombou el-rei de tal recado e de quem lho trazia, pelo qual sendo feito o signal aos enfermos sahiram das casas que elle mandou dar para serem remediados e em vez de lhe irem dar as graças de tal obra lhe cercaram as casas, e lh'as começaram a combater entrando-lhas, sem haver quem lho defendesse pela muita confuzão que o não esperado mal lhes poz. Vendo-se o mizero e atribulado rei em tal afflicção, entregou-se, cuidando que Coleymão Baxa houvesse d'elle mizericordia, mediante o bom agasalho que d'elle tinha recebido, e sendo levado á galé sem mais detença, com muita crueldade o mandou enforcar na antenna e depois pendurar em a porta da cidade. Foi a cidade mettida a saque, e Coleymão posto a uma das portas d'ella, e a todos os que em o dito saque andavam, os quaes carregados de muito dinheiro e cousas ricas o queriam levar aos navios eram todos d'elle buscados, e todo

o dinheiro e joias lhe tomava e sómente o fato lhe deixava. Recolheu n'isto grande quantidade de ouro e prata, mas muito maior foi o odio que a gente de guerra contra elle concebeu, vendo sua infinita cobiça. Acabado d'esta maneira o negocio d'ahi a quinze dias (tomando trez náos de malabares que no porto achou, fornecendo-as de mantimentos, deixando por capitão da dita cidade de Adem a Bharam Baxa (1) janizaro com duzentos homens) se partiu com toda a armada na volta da India, fazendo o caminho a Diu. E a razão que o moveu vir mais a este logar que a outro algum da India, foi porque Coge Çofar muitas vezes tinha escripto a Nocoda Hamed senhor de Azebibe (que era seu parente e amigo) que se a armada dos turcos houvesse de vir viesse a Diu; porque quem quizesse senhorear a India cumpria para mais facilmente o fazer ter aquella cidade; a qual era forte, e de bom e seguro porto e vasadouro, e a barlavento de toda a India. Achou Coleymão este recado em Azebibe, com o qual seguiu o dito caminho, e chegando á costa de Cambaia, dez ou quinze leguas de Diu, sahiu Coge Çofar a recebel-o em uma fusta, bemdizendo sua vinda e poderoza armada, louvando todos os seus feitos, e de novo aconselhando-lhe que nenhum logar acommettesse senão a Diu, fazendo facil tal feito, pela pouca gente e mal armada que em a fortaleza estava, carecidos de muitas cousas necessarias, e cançados da guerra que elle tinha feito; pelas quaes razões se veiu (como já tenho dito) surgir a Diu. E nosso Senhor que assim o quiz porque lhe aprouve salvar a

(1) Barros diz *Barharam Bec.*

India, que de outra maneira se a dita armada levara a via de Gôa, podera ser lá até oito ou nove dias de setembro a mais tardar, e as náos de Portugal em que veiu D. Garcia de Noronha vice-rei chegaram a onze do dito mez e não houvera que fazer em se perderem: e alem d'isto como todas as fortalezas da India sejam fracas e mal repairadas, (que é assaz para gemer) a nenhuma chegára tão grossa armada que podera resistir trez dias; mórmente que já todos os senhores da India nossos comarcãos estavam prevenidos para os bandear, como se viu em o Nazamaluco (1) e em Acedacam (2) e outros. Apartaram-se d'esta armada de Adem até Diu seis velas, assim por força de um temporal que correram, como por Coleymão Baxa ser de asperrima e intoleravel natureza; um dos quaes navios, que era um galeão, foi ter aos Ilheos de Santa Maria na costa da India, d'onde Antonio de Souto Maior estava com umas fustas da armada, com o qual pelejou um dia todo, e o rendeu com assás de sangue de parte a parte: e de alguns turcos que ficaram vivos soube da dita armada que ia a Diu; e mandou-os ao governador. Pois d'esta maneira chegou a armada a Diu a 4 de setembro do dito anno (como no capitulo atraz fiz menção) e em aquelle dia e noite seguinte acabou de chegar toda a armada que atraz vinha, salvo uma galé bastarda e uma náo, que depois das outras estarem em Madrafabat chegaram mui destroçadas do temporal. Em esta noite, em a vela segunda, foi vista uma grande

(1) Em Barros: *Niza Maluco.*
Dito *Açadachan.*

trave de fogo correr da parte da cidade para sobre a armada dos turcos scintilando por todas as partes até se consumir sobre elles.

CAPITULO VII

De como o capitão Antonio da Silveira proveu a fortaleza e baluartes de fóra, e da gente que da armada sahiu em terra

Como foi conhecida a dita armada, (posto que para contra tal gente tão doutrinada nas cousas da guerra, e tão avezados a vencer por todo o mundo fossem necessarias outras forças e abundancias, que em nós faltavam) Antonio da Silveira com summa diligencia e vigilancia proveu os logares fracos e necessitados, repartindo a fortaleza por estancias d'esta maneira: a Gonçalo Falcão o baluarte de S. Thomé (em que d'antes estava) e logo em o pano do muro que n'este baluarte se começa direito ao outro baluarte menor, que está no canto do rio, deu uma parte d'elle a Francisco Henriques, thezoureiro, e a Antonio Foreiro. E no dito muro até o baluarte que disse poz a Manuel de Vasconcellos, juiz da alfandega; e em o dito baluarte Gaspar de Sousa (como d'antes estava), e no outro pano do muro que d'este baluarte

sahe de longo do rio (em aquella parte que no livro primeiro disse que ficára por repairar á mingua de cal, ao tempo que se fez a fortaleza) poz a Lopo de Sousa Coutinho; mais adiante na feitoria velha a Antonio da Veiga, feitor, e no baluarte da Couraça a Payo Rodrigues de Araujo, alcaide mór; e no baluarte da Barra poz a Francisco Gouvêa, capitão mór da dita fortaleza, e quanto ao outro pano do muro que vae do longo da costa brava por ser inexpugnavel não teve mais necessidade de que de vigias, e o capitão ficou por sobreexcellente com a sua gente. Cada um começou a repairar a sua estancia, não perdoando ao trabalho de dia nem de noite. Gonçalo Falcão e Gaspar de Sousa, dobrando as ameias do seu baluarte na grossura do muro de pedra e barro, o repairaram fazendo mantas e outras defensas: e assim se fez por outros logares necessarios. Lopo de Sousa repairou sua estancia, pelo muro não ser de mais que quatro palmos de grosso, de uma grossa tranqueira de madeira por dentro, estacada e tecida sufficiente a soffrer os tiros que lhe podessem dar; e para o perigo que podia correr de fogo, tinha em ella muitas tinas d'agua. Assim mesmo no baluarte do mar em que estava por capitão Antonio de Sousa com trinta e cinco homens e artilheria e munições se repairou o melhor e mais prestes que o tempo lhe concedeu; pelo mesmo modo o baluarte da villa dos Rumes, em que (como já disse) estava por capitão Francisco Pacheco com setenta homens se repairou; e como a logar que podia receber poucos soccorros, assim pelo defeito de navios, que na fortaleza não havia, como pelos inimigos estarem em meio lhe mandou Antonio da Silveira muitas munições e cousas ne-

cessarias para poderem escuzar o pedil-as a miudo. Pois d'esta maneira, sendo dada ordem aos baluartes de fóra, e á fortaleza, ao outro dia cinco do dito mez deitou Coleimão Baxa em terra setecentos janizaros, os quaes se apresentaram diante da fortaleza mui ricamente armados, vestidos em brocados, e setins carmezins e d'outras sedas e côres; e em aquelles feltros que nas cabeças trazem orlados e guarnecidos de ouro (pelos quaes são divisados da outra gente e conhecidos por janizaros) muitas e ricas plumas mettidas. Todos estes eram espingardeiros e frecheiros excellentissimos, aos quaes seguia toda, ou a mais gente de Cambaia, que na cidade estava. Uns cuidando que logo seriamos tomados e espedaçados, visto seus soberbos e alterados semblantes: julgando serem taes seus feitos como os ricos trages e boas disposições que em elles contemplavam: outros mais avisados e que das cousas dos portuguezes tinham melhor conhecimento, assim mesmo os seguiam para verem em que parava a determinada desembarcação, e pressa que para chegarem á fortaleza levavam. Pois como digo, em chegando com grande affouteza dispararam seus tiros nos que ao presente estavam pelo muro da fortaleza, matando seis homens e ferindo mais de outros vinte. A este acommettimento, como entre os nossos houvesse bem trezentos espingardeiros, lhes mostraram em pouco espaço que não eram novos em aquelle mistér, matando-lhe bem cincoenta homens, e ferindo outros muitos; pelo qual seu temerario acommettimento foi bem pago, e d'alli ávante buscavam com muito cuidado, d'onde com seguridade podessem executar seus tiros. Estes ficaram por fronteiros a voltas da gente de

Coge Çofar, que (como já disse) seriam treze mil homens, contando os de Alucam, que ficaram com o dito Coge Çofar. Ao seguinte dia, seis do dito mez, pela manhã começou a ventar sul, com semblante tormentoso, trazendo grandes e escuras nuvens, espalhando entre elles alguns relampagos que soem a ser annunciadores de graves tormentas, e como o logar em que a armada estava surta ficasse em travessia do dito vento, foi-se embravecendo e cobrindo de uma espuma branca, dando a toda a armada grande temor, e aos nossos outro tanto prazer. Alguns bateis que iam e vinham da terra para a armada, não podendo tomar os navios, nem menos desembarcar na terra, se alagaram, afogando-se a gente que em elles ia. Assim elles estando mui atribulados desejando bonança, e nós que a tempestade crescesse, quiz nosso Senhor, como sabe melhor o que a cada um cumpre, que amançasse o tempo, e que o mar cessasse de sua furia. Ao outro dia, sabbado, sete dias do mez, se fez toda a armada á vela seguindo sua capitania, e não mui distante da fortaleza passaram salvando-a com algumas bombardadas, e d'ella respondendo-lhe com a mesma cortezia: e assim em esta ordem se foram entrar em um rio que chamam Madrafabat, cinco leguas de Diu; e ao entrar do dito rio se perderam quatro navios de carga, e alli espalmaram a immundicie que a longa navegação nas galés criára.

CAPITULO VIII

Da artilheria que os turcos desembarcaram em Madrafabat, e de como se aparelhavam as baterias para a fortaleza, e baluarte da villa dos Rumes

Como os turcos tivessem determinado de combater o baluarte da villa dos Rumes primeiro que a fortaleza, mandou Coleimão Baxa, desembarcar em o dito rio de Madrafabat trez basiliscos, com outra artilheria para mandar com Bharam Baxa e outra gente contra o dito baluarte; e como o caminho era comprido para tão grossas peças, e areia solta em muita parte d'elle, depois de passarem grande trabalho, levaram uma das ditas peças, e outras algumas mais maneaveis, e as duas tornaram a embarcar. Este tempo, que a armada esteve em o sobredito rio, que foram vinte dias, Bharam Baxa, Mahamud Quheca e Coge Çofar preparavam as cousas convenientes ás baterias que determinavam dar á fortaleza, e baluarte da villa dos Rumes; trabalhando de noite e de dia em suas trinchas e bastiões, fa-

zendo mantas e repairos para que com melhor expediente a artilheria jogasse, e em a fortaleza pelo conseguinte se faria o mesmo, contrariando no possivel seu intento. E porque as portas não serviam para as sahidas (que depois os nossos fizeram) as serraram de muro levantando as pontas da cava. Durando estes repairos que elles por offender, e os nossos por defender faziam, sendo seu intento combater primeiro o baluarte da villa dos Rumes (como já tenho dito) inventaram para este effeito uma machina de guerra, em a qual, segundo a fabrica e curiosidade d'ella, deviam ter mais esperança do que entre nós se havia que podia damnar, e foi assim. Havia na Ribeira uma grande barcaça que fôra do Sultão Badur, a qual servia de descarregar as náos, e soffria grandes pezos; em este navio armaram com madeira grande altura, enchendo-a de muitas materias differentes; assim como: salitre, enxofre, rama, esterco, e outras cousas que dão de si grandes fumaças e fedores; e como acabaram a dita compostura, pozeram-na em meio do rio, surta a quatro amarras, e aguardando que fossem aguas vivas, para que a podessem encostar ao dito baluarte e darem-lhe fogo, mediante o qual ou lhe ficasse facil o combater, ou criam que o mesmo fumo lhes entregaria a victoria sã. E ainda que na fortaleza, por razão natural, se tinha o dito artificio por mais curioso que damnoso, todavia pareceu bem que se queimasse antes que as aguas vivas viessem, porque os trabalhos que por muitas partes se commettem, ainda que sejam leves, tem necessidade de muito maior esforço para os resistir e compadecer que se fosse um só: posto que o só exceda em quantidade e qualidade á todos os muitos; porque em os te-

mores entender, e conhecer os pequenos dos grandes só aos esforçados é concedido, que os medrozos não tem mais licença que para temerem, sem examinarem o que temem, assim como os muitos se hajam de repartir por differentes logares, e todos não podem achar diante de si os valentes, vem a damnar mais pela confuzão dos acommettimentos, que pelo esforço dos acommettedores. Pois como isto parecesse, mandou o capitão a Francisco Gouvêa que fosse queimar a dita barcaça, para o que se elle logo apercebeu, levando duas fustas, e em ellas o necessario. E vindo a noite abalou a fazer o que lhe era mandado, e ainda que fazia grande escuro, foi sentido, e assim começou a artilheria a jogar contra elle, e pela pressa que punham em lhe defender o caminho ficava a noite mui clara, e porém não foram parte para lho impedir, e chegando ao dito navio lhe deu fogo por muitas partes, fazendo saltar ao rio os que dentro estavam, e sem receber nenhum mal, estando entre tantos perigos, depois de bem queimada se tornou para a fortaleza. Em estes dias chegou de Gôa Fernão de Moraes em um catur mandado por Nuno da Cunha, e em outro Pero Vaz Guedes, o qual Pero Vaz se tornou logo para Chaul, d'onde viera por mandado de Simão Guedes, capitão da dita fortaleza; e Fernão de Moraes querendo fazer o mesmo, Antonio Silveira lhe rogou e requereu que se não fosse, pondolhe diante a necessidade que tinha dos homens tão velhos e experimentados na guerra como elle. Condescendeu o dito Fernão Moraes a seus requerimentos, mas com assás pejo; d'ahi a dois ou tres dias veiu Francisco Pacheco capitão dos baluartes da villa dos Rumes á fortaleza em uma fusta que lhe fôra

levar algumas cousas: e a razão que deu a sua vinda, foi que vinha a compor e ordenar o seu testamento, e cousas necessarias á sua alma; e porque elle era em divida a el-rei nosso senhor em certo dinheiro, a requerimento do feitor Antonio da Veiga, foi o ouvidor a lhe pedir o dito dinheiro; e á verdade o tempo era mais de afagar homens que de executar dividas; e posto que o dito Francisco Pacheco divulgasse que o desejo de desencarregar sua consciencia o trazia á fortaleza, ficou muito escandalisado e queixoso, e disse mui asperas palavras ao ouvidor agravando-se não sómente dos ditos officiaes, mas do capitão e de todos: fazendo-se tão offendido na honra e damnado, que vinham suas queixas a causar riso; e veiu-se ao capitão dizendo-lhe que pois tal offensa e injuria lhe era feita, que mandasse outro capitão ao baluarte; porque elle em nenhuma maneira lá tornaria. Antonio da Silveira, vendo que o tempo era mais de soffrer que de castigar, com muita paciencia lhe soffreu muitas subegidões d'estas, rogando-lhe que tal não fizesse porque erraria, sendo havido por bom cavalleiro, e daria a entender que era falsa a opinião que d'elle se tinha. E além d'isto, que pois elle viera a desencarregar sua alma e consciencia, que devia de agradecer a quem lhe lembrasse os taes encargos: mas elle, ou com a paixão ou determinação de não tornar, tendo pouco respeito aos conselhos que lhe o capitão dava, disse que todavia provesse o dito baluarte de capitão que não queria tornar a elle, e foi-se para a pousada. Antonio da Silveira sem duvida o castigara se o tempo o concedera, mas, como fosse mui soffrido, dissimulou o que sentia, pelo que cumpria: e mandou Fernão de Moraes (por ser gran-

de amigo do dito Francisco Pacheco) que fallasse com elle, e o tirasse de tamanha erronia. Emquanto elle foi com este recado, pediu Lopo de Sousa ao capitão o dito baluarte, o qual lhe elle outorgou se todavia Francisco Pacheco insistisse em não tornar. Poderam tanto as persuações de Fernão de Moraes que o tiraram do máo proposito em que estava, e aquella noite seguinte se tornou para o dito baluarte. A vinte e seis do dito mez de setembro, antemanhã, chegou um catur de Gôa o qual trouxe novas da vinda da armada de Portugal e como vinha D. Garcia de Noronha, vice-rei com grande poder e gente muito nobre, e o vice-rei escreveu uma carta ao capitão cheia de muitas esperanças e esforços. Com muito prazer foi de todos ouvida e recebida a nova, e com muita festa solemnisada. Fernão de Moraes, que no presente estava, quando viu a carta perguntou ao que trouxe a nova, se trazia alguma carta do vice-rei para elle, e como lhe o outro disse que não, respondeu Fernão de Moraes publicamente, que pois o vice-rei lhe não escrevia, que se queria ir para Gôa, e pediu logo licença ao capitão para se partir essa noite no mesmo catur da nova. A tal estado tinha vindo a India, que um homem de uma lança (posto que havido por bom cavalleiro) se agravasse ou fingisse agravado de um vice-rei não ter cumprimentos com elle, e em tal tempo, e houve por mui boa cautela esta para se ir. O capitão não lh'a quizera dar, parecendo-lhe cousa feia tal partida mais por parte do dito Fernão de Moraes que pela mingua que sua ida faria: mas vendo que todavia insistia em isso, deu-lh'a, dizendo-lhe que se podia ir em boa hora, porque elle em aquella fortaleza se contentava com sómente os que fol-

gassem de em ella estar, e em a noite seguinte se partiu. Essa mesma noite, desejando o capitão que os do baluarte da villa dos Rumes soubessem as novas que eram vindas, se offereceu Lopo de Sousa para lh-as levar como de effeito fez, metendo-se em uma fusta que sómente na fortaleza havia, com a gente necessaria, levando algumas munições pertencentes ao tempo, para que se possivel fosse lhas desse, e com a enchente da maré sem remar se deixou ir, porque á ardentia do remo lhe não atirassem com a muita artilheria que ao longo do rio tinham para os taes soccorros serem impedidos, a qual cautela o cobria algum espaço: mas como o rio fosse estreito e d'elles mui vigiado, foi visto, e assim descarregaram toda a artilheria que poderam, e sem receber nenhum damno chegou ao dito baluarte e bradou por Francisco Pacheco, o qual lhe fallou: perguntou-lhe como estavam, e deu-lhe as novas de Portugal e da armada tão grossa que era chegada, e que lhe trazia alguns refrescos e cousas de Portugal, que tivesse a porta da sala aberta, e que o favorecessem de cima, porque queria desembarcar e levar-lhas. Respondeu o dito Francisco Pacheco que tal não fizesse, porque tinha a porta cerrada do muro, e que além d'isso, entre o baluarte e onde elle estava era já tudo impedido de vallos que os inimigos tinham feito, e que estavam bem, e não haviam mister de nada, senão que Deus os ajudasse, mas que uma cousa lhe rogava, e era que quando fizessem algum signal que lhe acudissem. Durante estas praticas muitas vezes lhas fizeram cortar e tornar a começar de novo os muitos tiros que não cessavam. Perguntou-lhe o dito Francisco Pacheco se Fernão de Moraes era ido, quasi como

que sabia que se havia de ir, elle lhe disse que haveria duas horas que era partido, e assim se despediu d'elles encomendando-os a Deus, e se tornou para a fortaleza; e como á ida e vinda ser tão disciplinado aprouve a nosso Senhor que nenhum mal recebeu. A outra noite que veiu, que foram vinte e seis dias andados do mez, mandou o capitão a grão fusta para Gôa com recado ao vice-rei e levou alguns enfermos; em a qual fusta Antonio da Veiga, feitor da fortaleza trabalhou de se ir, mas foi-lhe a ida impedida de muitos homens d'esses communs, os quaes, amotinando-se, se oppozeram ao não consentir trazendo-o rodeado e vigiado, e dizendo-lhe que pois aquella fortaleza lhe tinha dado muito dinheiro na paz, que a ajudasse a defender na guerra, e em isso lhe pagaria a obrigação em que lhe era, ou senão que deixasse o dinheiro e que se fosse em boa hora, e d'esta maneira lhe embaraçaram a ida e porém mandou elle todo o seu dinheiro, que havia fama ser muito, do qual depois de sua morte se não soube parte, por elle não fazer d'isso lembrança nem testamento.

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES

CAPITULO IX

De como os turcos deram bateria ao baluarte da villa dos Rumes e da tornada da armada de Madrafabat, e da constancia e grão fortaleza que teve uma pobre mulher na morte de dois filhos

ESTANDO já a bateria preparada que ao baluarte da villa dos Rumes queriam os turcos dar a vinte sete dias do dito mez de setembro pela manhã cedo, começou jogando em ella o basilisco que tenho dito, que no rio de Madrafabat foi desembarcado, e assim outras peças e o batiam pela parte que olha para a dita villa. A esta mesma hora começou a aparecer a armada que tornava de Madrafabat; vinha muito apontada e posta em ordem, com vento favoravel e bonançoso, o dia mui claro, cheias de muitos estandartes e bandeiras de sêda, seus tendaes com ricos paramentos que lhe arrojavam pela agua: a gente que em ellas apparecia toda vestida de festa e seus tambores e clarins (1) soavam com grande arruido e

(1) No original está clarões.

fazendo caminho direito á fortaleza seguindo todos a uma galeota dianteira em a qual vinha Yuefhamed capitão do mar; em esta ordem uma ante outra como chegavam á lagea que está no rosto do baluarte da Barra, de que Francisco Gouvêa era capitão, disparava a que vinha adiante a grossa artilheria que na prôa trazia no dito baluarte e fortaleza, e descendo o cornay mettia o remo e se desviava de longo da costa, e descarregava a outra artilheria que pela quadra trazia dando lugar a outra galé que a seguia para que fizesse outro tanto, mettendo d'esta maneira grão numero de pelouros dentro na fortaleza. Do dito baluarte da Barra, e do de S. Thomé pelo conseguinte lhe respondiam com grossa artilheria, com a qual se fez muito mais damno a nós que aos inimigos, porque a elles só desaparelhou duas galés da enxarcia e paliçadas e a nós arrebentaram algumas bombardas, que nos mataram muitos e bons homens, não ficando sem castigo os bombardeiros, que d'esta desventura eram dignos de reprehensão, e foi assim: a mais da polvora que na fortaleza havia, fôra da que se achou nos armazens de el-rei de Cambaia ao tempo que foi morto, da qual muita era de espingarda, e por estar nas vasilhas que soem geralmente servir de bombarda, e tambem por não ser tão aconfeitada como a que entre nós se usa na espingarda, foi havida por de bombarda, e já d'antes, ao tempo que os nossos defendiam o rio da ilha, tinham arrebentado com a dita polvora seis ou sete peças, e alguns homens houve que diziam o de que vinha o erro, mas não se creu nem conheceu de todo, senão quando com mal de muitos se provou. Pois por este defeito que digo, ao tempo que as galés e

toda a armada vinham e atiravam na sobredita ordem, atiravam-lhe do baluarte da Barra com dois basiliscos, um de ferro, outro de metal e outras peças grossas: os quaes basiliscos ambos rebentaram; o de metal não fez damno a ninguem, mas o de ferro, desarmada a composição de seus arcos, matou logo quatro homens, a saber o condestabre do dito baluarte, outro bombeiro e outros dois homens, e feriu outros dez de mui cruas feridas. Pela mesma maneira rebentaram outras peças assim em este baluarte como por outras partes, que por todos matariam sete homens e feririam quinze; e dos tiros que a dita armada atirava (posto que entrava em muita quantidade dentro na fortaleza) não fizeram mais damno que um pelouro matar a um pobre mancebo, na morte do qual se mostrou o muito animo da triste e desconsolada mãe, e foi d'esta maneira: Havia em a dita fortaleza uma mulher portugueza, viuva, por nome Barbora Fernandes, ama que fôra de Manuel de Noronha, da ilha da Madeira, a qual tinha dois filhos valentes e esforçados mancebos; o mais velho que se chamava Luiz Francisco estava no baluarte da villa dos Rumes, e outro que se chamava Christovam, de edade de vinte annos, tinha comsigo. Este estando em o muro com suas armas, foi ferido pelo ventre, de um pelouro de espera que das galés vinha, o qual o espedaçou todo: foi trazido ainda fallando aos braços da infeliz mãe, a qual o recebeu em elles, dizendolhe o coitado moço: oh! mãe: veja eu, vos peço, primeiro a confissão que vossas lagrimas; porque hei medo que a dôr que vos vir padecer seja impedimento á breve partida de minha alma. A triste velha sustendo com suas mãos as espedaçadas entra-

nhas do filho, com face socegada e olhos enxutos (sendo ella só a que entre os muitos que na casa estavam taes palavras podessem padecer sem romper em gritos os altos ceos) respondeu-lhe: Filho: do confessor me peza haveres mister, que da tua morte a esperança que me fica do bom logar que a tua alma possuirá m'a fará soffrer: encomenda-te a Deus, e sê esforçado no morrer, e com isso me consolarás. D'esta maneira, esforçando-se um ao outro, dando a triste mulher ao moço animo para que soffresse a morte, e a si mesma para lh'a poder vêr receber; sendo confessado, e assás contricto passou d'esta vida: a qual morte e desesperado fim foi d'ella com tanto animo soffrido, que os que a vinham consolar em vez de lhe dar consolação a recebiam d'ella. Seguiu-se (como adiante direi) ao outro dia seguinte perder-se o baluarte da villa dos Rumes, onde o outro filho estava, as quaes desaventuras tão juntas a atribulada mãe com incrivel e inusitada fortaleza soffreu, sem nem em palavras doridas, nem lagrimas, nem exclamações mulheris ser notada. Foi este um exemplo heroico, não desconforme á fé christã, matando-se, nem menos morrendo supitamente (como aconteceu áquella matrona romana sendo-lhe trazida a nova da morte do filho, d'onde mostrou ter maior dôr que fortaleza) mas esta não de ouvidas soube a morte do seu amado filho e triste perdição do outro, antes as entranhas do filho viu esparsidas em seu regaço, e sentiu as agudas feridas de suas derradeiras palavras a segunda desventurá do outro filho (que como ferida dada sobre outra, causa maior dôr que recebendo-se em logar são) tão pouco foi parte para desmanchar nem descompor esta poderosa pacien-

cia, pelo qual o (1) que nem nas antigas, nem modernas historias se lerá que males tão naturalmente sujeitos a dôres, como são as mortes dos filhos, se visse que entre tão demaziadas ancias dissimulasse. Pois tornando á armada, que (pela ordem acima dita) vindo á vela descarregava sua artilheria na fortaleza: acabaram todas as galés e navios de o fazer, passando cobertas e embuscadas em suas escuras fumaças que grão circuito occupavam, que fazia ser mais formosa e temerosa sua brava salva, e assim foram surgir junto da mesquita (onde tenho dito que pouzaram ao tempo que vieram de Suez). Durou este bombardear des que o sol sahiu até ás dez horas do dia, durante o qual espaço a bateria que se dava ao baluarte da villa dos Rumes não cessava, e assim procedeu até ás quatro horas depois do meio dia: no qual tempo lhe derrubaram a sala que no dito baluarte entestava, e assim lha derribavam que as mesmas paredes ficaram em escadas as quaes igualavam com o mais alto do dito baluarte; e assim mesmo bateram alguma parte da frontaria do baluarte e lhe cegaram toda a artilheria, e como viram ser feita sufficiente disposição para subirem, a som de muitos instrumentos o arremeteram bem setecentos homens, seguindo de corrida a um alferes que diante ia com uma grande bandeira vermelha, o qual foi com muita pressa subindo pela derribada muralha, e atraz elle quantos o logar podia agasalhar, sendo favorecidos de grão numero de espingardeiros e frecheiros que

(1) No exemplar da B. N. está riscado o artigo e substituido pelo verbo *creo*.

com muito cuidado vedavam aos nossos o amostrar-se e resistir-lhe: e assim já quasi egualando com o mais alto, havendo que eram vencedores, sahiram aos receber em suas lanças sobre o andaime do baluarte sós dois homens dos que em elle estavam, o que os da fortaleza com muita dôr e tristeza estavam vendo, sem sentirem a causa que aos mais que no baluarte havia tolhia o ajudar os dois, nem menos a termos navio nenhum em que ao menos favorecessem, e assim com lagrimas e vontades atirando-lhe da fortaleza ás bombardadas faziam o possivel. Não cessavam porém os inimigos de com muita pressa e fervor trabalhar de superar aos dois. Mas elles como o lugar fosse apertado, com tanto animo e pouco temor o defendiam como se todos os companheiros os ajudaram: dando-lhe com as lanças e deitando-lhe panelas de polvora e outros artificios que os de dentro lhe davam, fazendo sós o que todos os outros haviam por difficuldade e perigo, e d'esta maneira pelejaram até o sol se pôr, derribando muitos dos contrarios das altas paredes abaixo, sendo ambos os que sustinham o peso de tanta gente. A elles sós todos os inimigos seus tiros assestavam, e como fossem muitos, ainda que muitas vezes os errassem, todavia foram passados de muitas e grandes feridas, mas nem por isso deixavam de mui esforçadamente pelejar, e tanto o fizeram até que os inimigos desesperaram d'aquella vez o tomar; e assim confundidos a mal de seu grado se desceram, e correndo espalhados uns por uma parte e outros por outra, porque lhes não dessem os tiros que da fortaleza lhes atiravam, se recolheram a suas estancias espantados e confuzos de tão esforçados dois homens; dos quaes um d'elles

havia por nome Antonio Pinheiro, mancebo de vinte e cinco annos, filho de um cavalleiro de Faro: sobreveiu a isto a noite que os apartou de todo o sobresalto que de outro combate aquelle dia poderam receiar, e lhes fez tomar novo acordo, como adiante direi.

CAPITULO X

De como Francisco Pacheco, capitão do baluarte da villa dos Rumes, tratou de se entregar aos turcos e o fez saber ao capitão

A mesma noite, sendo a vela da modorra, chegou do baluarte da villa dos Rumes um Antonio Faleiro que em elle estava, e disse que o mandava Francisco Pacheco, e que o deixaram passar os turcos pela razão que adiante direi, e que viera ter ao baluarte do mar, e d'esta maneira podéra chegar a nós. Foram chamados e juntos pelo capitão os fidalgos e pessoas que na fortaleza havia para isso, para verem ao que vinha: e estando juntos como digo, lhe disse o capitão que dissesse ao que era sua vinda: mostrou elle então uma carta do dito Francisco Pacheco muito comprida, a qual parecia ser feita havia trez ou quatro dias: e nenhuma cousa tratava do combate que aquelle dia receberam nem d'outra cousa alguma d'aquellas a que o dito Antonio Faleiro era mandado e em logar de sobrescripto dizia que des-

sem fé a Antonio Faleiro a tudo que dissesse: o qual disse logo que Francisco Pacheco ficava para se finar, ou que seria já finado, por quanto ao tempo de sua partida pedira uma candeia para espirar, e isto de enfermidade de que havia alguns dias que estava doente. Respondeu-lhe Lopo de Sousa dizendo, que como dizia tal se elle havia dois dias ao domingo ante-manhã quando lá fôra, o dito Francisco Pacheco lhe falára com voz mui sã e esperta: deu elle algumas razões como isto podera ser, todas más e embrulhadas: e procedendo pela cousa em diante, disse mais que na bateria que os inimigos aquelle dia deram lhe mataram dez ou quinze homens e feriram de grandes feridas quasi todos os outros: pelo qual defeito, quando os turcos os acommetteram, houvera tão poucos que lho defendessem; e que alem d'isto lhe eram faltadas todas as cousas pertencentes para bem de sua defeza, porque a polvora por um desastre ardera, e que as pipas e tanques de agua, com as pedras das bombardas eram arrombadas, e que a artilheria que no dito baluarte estava não podia jogar, ainda que a polvora lhe não faltava, por estarem as bombardeiras cegas, e que as mais das lanças eram cortadas dos tiros; e por fim de tudo, que em elles nenhum modo de resistencia havia e porém que aquella noite como desesperados, vendo que nem na fortaleza havia com que os soccorrer nem elles esperança de salvação, estiveram determinados de fazer escadas de umas antenas que tinham para por ellas descerem a morrer entre seus inimigos; da qual opinião elle Antonio Faleiro os tirara dizendo-lhes que melhor seria verem primeiro se podiam remediar suas mizerias por algum meio, o qual faltando então se poderiam apro-

veitar d'esse desesperado fim, e que parecendo-lhes a todos isto bem, chegara elle á uma bombarda, e vendo (com o luar que era claro) passar um turco por baixo lhe fallára em lingua arabica de que elle era copioso, dizendo-lhe que para que era morrerem tantos de uma parte e outra; que deviam tomar algum bom meio por se escusar o tal damno; ao qual o turco respondera que o diria aos capitães Bharam Baxa e Coge Çofar; e que fôra, e tornando logo com a resposta dissera que os ditos capitães diziam que fosse algum dos portuguezes abaixo fallar com elles e que veriam o que pediam, e que podia ir qualquer d'elles seguramente. E que então do baluarte elegeram a elle Antonio Faleiro por saber a lingua arabica (que entre os turcos é mui uzada) para que movesse partido apto a salvarem as vidas; e descendo elle abaixo e sendo levado ante os ditos capitães, fôra d'elles bem recebido e dito, que se entregassem sem mais combate, pois era claro que não podiam defender, e que podia ser que Coleimão Baxa governador da armada os libertasse; e que depois de muitas razões elle lhe dissera que os portuguezes seus companheiros se não entregariam sem lhe darem a certeza das vidas e liberdades, e além d'isto não fariam partido algum sem primeiro o capitão da fortaleza o conceder: ao qual os ditos capitães disseram que lhes parecia bem e que viesse elle pela licença á fortaleza, e que trazendo-a fallariam em partido, ao que elle ora por consentimento de todos os do dito baluarte vinha e publicava que todos estavam prestes para morrer se elle capitão lhe bem parecesse: e que porém elles eram faltos (como dito tinha) de tudo o que os podia ajudar, pelo que se remettiam ao que elle d'el-

les determinasse. Acabando o dito Antonio Faleiro sua pratica, foi perguntado pelo capitão ás pessoas que com elle estavam, o que lhes parecia d'este caso; e ainda que alguns d'elles estivessem com alguma má suspeita, assim por dizer quão visinho Francisco Pacheco ficava da morte, tendo Lopo de Sousa fallado com elle havia tão pouco, e dizendo elle que havia dias que estava enfermo, como pela carta vir tão despegada e fóra da ordem: mas vendo como de todo diziam não se poderem defender, foram todos de parecer, que tirassem o melhor partido que podessem, porque não se podia mandar a ninguem que morresse, estando os que o mandam em salvo. E parecendo o mesmo ao capitão, lhe escreveu que pois eram todos feridos e mortos, e lhes faltava tudo, que fizessem o que mais sua saude fosse, e que os encommendava a Deus; e com este recado se tornou. Foi cousa espantosa que logo na fortaleza se começou a dizer (sem haver quem tal soubesse) que Francisco Pacheco havia duas ou trez noites que ia fallar com os ditos capitães turcos, e outras particularidades d'esta qualidade, as quaes depois se affirmaram ser assim como foram advinhadas.

CAPITULO XI

De como Francisco Pacheco se entregou aos turcos, e de uma carta que mandou ao capitão, e da resposta

TORNADO (como disse) o dito Antonio Faleiro, e vinda a manhã, estavam todos olhando da fortaleza quando se via a triste preitesia, a qual tardou até horas de meio dia; ao qual tempo vimos subir os turcos uns pelas derribadas paredes, e outros encostando antenas nas bombardeiras subiam com muita pressa trabalhando cada um de ser dos primeiros; e assim entrados dentro, vimos que as bandeiras da cruz de Christo se deitavam abaixo e em seu logar erguer-se uma grande e farpada bandeira vermelha, divisa e insignias do grão turco; a qual vista foi mui triste e com muitas lagrimas de todos contemplada; quando isto assim passava vimos que por cima do andaime do dito baluarte (que não tinha ameias) corria a gente a modo de peleja, misturando-se uns com os outros, e conhecemos andarem na volta al-

guns portuguezes, os quaes parece ser, que como vissem ser tratados differente do pacto assentado, e esbulhados e despidos, e sobretudo o signal da Cruz tão digno de ser reverenciado, com tanto despreso e desacato tratado, como bom e fiel christão impaciente de tal descortesia se alevantou um João Pires, que no dito baluarte estava, homem já velho e cançado, o qual no tempo que as forças o poderam ajudar viu-se n'elle sempre muita valentia, e juntamente mui amigo de Deus, e chamando a outros seis ou sete que o quizeram seguir chegou á dita bandeira vermelha e tirando-a do seu logar a deitou fóra dó baluarte quão longe suas fracas forças poderam, e em continente levantou uma de Christo. Acudiram a isto os turcos, e fazendo o mesmo da de Christo ergueram a sua, e assim por tres ou quatro vezes foi erguida uma e abaixada outra, até que os turcos mataram os ditos homens, e os lançaram em o rio, e com isto ficou sua bandeira segura. Estes portuguezes que d'esta maneira foram mortos e lançados no dito rio, trouxe-os a agua á fortaleza a uma porta que está no baluarte da Couraça, lugar que por via de razão e natural curso da agua em nenhum modo tal podia ser, sem intervir permissão divina, como foi claro ser, e querer nosso Senhor, que estes seus servos e martyres fossem collocados em lugar sagrado; e com este signal dar claro indicio a nós outros que pois lhe dava jazigo aos espedaçados corpos, que ás almas faria bom recebimento. Acabado d'esta maneira de entregar o baluarte da villa dos Rumes, não se soube na fortaleza o modo de sua preitesia: senão ao outro dia, quarta feira vinte e nove do dito mez de setembro; em o qual, ás dez ou doze horas d'elle,

chegou da parte de fóra da fortaleza Antonio Faleiro vestido de calções e jaqueta de gram, e em cima uma cabaia turquesca de brocadilho, e bradando aos do baluarte de Gaspar de Sousa, a cujos brados chegou o dito Gaspar de Sousa, e perguntando-lhe o que queria, foi por elle respondido que trazia uma carta de Francisco Pacheco para o capitão, e dando-a a um mouro que comsigo trazia a mandou lançar dentro em o baluarte, e disse a Gaspar de Sousa que lhe désse logo a resposta, porque Francisco Pacheco que alli em tal caso ficava com Coge Çofar (mostrando com a mão o lugar) se queria tornar logo por que andava mal disposto e não podia esperar muito. Foi levada a dita carta ao capitão, e Antonio Faleiro ficou contando grandes magnificencias de Coleimão Baxa, e que fizera a todos muita honra e lhes dera cabaias, que vinha mui poderoso, e era mui sabido; e outras taes cousas em que acabou de dar verdadeiro signal da pouca fé e lealdade, de que muito antes era notado. Este dito Antonio Faleiro teve sempre estreita amisade com mouros, e seus costumes lhe eram mui agradaveis, e as mais vezes os achariam em sua companhia: fallava bem suas linguagens por meio das quaes veiu o triste a poder-se dizer por elle que induzira seus companheiros a tão torpe preitesia: com quanto o dito baluarte fôra impossivel defender-se longamente e sem duvida se este não fôra com suas exhortações Francisco Pacheco soffrera seu temor e acabára como devia sem deixar nome de participante n'este negocio. A dita carta como foi dada ao capitão mandou chamar aos que soia, e sendo juntos a abriu, cuja sentença era esta:

Carta de Francisco Pacheco a Antonio da Silveira

Eu me entreguei ao grão capitão Coleimão Baxa por um formão seu chapado de ouro, em o qual nos dava as vidas e liberdades e fazendas, e escravos grandes e pequenos excepto armas e artilheria, e que fossemos fazer-lhe celema á sua galé, e sendo todos levados á cidade nos dividiram por essas casas dois e dois; e eu e Gonçalo d'Almeida meu primo, e Antonio Faleiro fomos levados á galé bastarda de Coleimão, o qual nos recebeu bem, e nos deitou senhas cabaias, e entre as praticas que passamos eu lhe disse que me guardasse aquella sua provisão, e nos libertasse (como n'ella se continha) elle me respondeu que nos não agastassemos por que elle cumpriria o que ficara; mas por quanto queria combater essa fortaleza por mar e por terra o tempo que em isso gastassemos nos havia de entreter, e que tomando-a nos mandaria á India: e sendo pelo contrario que então nos soltaria para nos irmos á fortaleza, e mandou logo desembarcar dois basiliscos muito formosos, e desembarcará quantos quizer que o póde bem fazer e disse-me que vos escrevesse, que vos entregasseis sem mais golpe, porque fazendo-o d'outra maneira, a todos vos havia de metter á espada. Agora vêde o que vos cumpre, e havei mui bom conselho.

Lida e entendida a dita carta não foi necessario consultar a resposta, e tomando o capitão papel e tinta lhe respondeu na seguinte substancia:

Resposta de Antonio da Silveira a Francisco Pacheco

Para tão grande capitão e poderoso como na vossa dizeis que esse é, devera de guardar melhor seus

alvarás, e porém não me espanto tanto da sua pouca verdade que com' elle nasceu, quanto de vós escreverdes-me que haja bom conselho; dizei-lhe que faça quanto podér, por que sobre a mais pequena pedra d'esta fortaleza havemos de morrer todos, e avisai-vos que taes recados me não tragaes nem mandeis mais, por que como a inimigos vos mandarei atirar ás bombardadas.

Sendo dada a resposta, o dito Antonio Faleiro se tornou para Coge Çofar e Francisco Pacheco que o estavam esperando, e se foram todos juntos. Sendo visto da fortaleza o dito Francisco Pacheco bem differente do que Antonio Faleiro disse á noite que com seu recado veiu á fortaleza. Estes homens que em este baluarte se perderam, depois quando os turcos se tornaram para Suez, como fôssem mal contentes dos portuguezes, disse-se depois que lhes cortaram as cabeças a todos em chegando a Zebibe.

CAPITULO XII

Da união e concordia de toda a gente que na fortaleza havia, e da liberalidade e esforço de Antonio da Silveira, capitão d'ella, e como se começou a dar a bateria

Foi esta carta e sua sentença havida por claro indicio do dito Francisco Pacheco desejar de cobrir sua culpa com erro de muitos, o que alguns queriam sentir do bom conselho que dizia que tomassem, e outros diziam que isto seriam palavras de Coleimão Baxa; contra o que tambem havia quem redarguisse, dizendo que as suas logo vinham cheias de uma soberba de capitão, mas estas não eram de homem esforçado e induzido ás escrever, por que faziam pouco ao proposito de quem lho mandasse, e muito ao seu para o que lhe era imposto; sendo sabido na fortaleza da dita carta entre a gente commum fez geral impressão em todos, endurecendo seus animos para se defenderem, semeando um esforço não aborrecido da vida, mas desejoso d'ella, para que em generoso e necessario tempo á custa de seus inimigos a

perdessem. E para isso o fazerem taes palavras e tão cheias de honra se achavam no pobre mecanico, como em o mais honrado e valente, e com seus desarmados peitos ameaçavam as partasanas e compridos piques dos inimigos; e da pouca verdade d'elles inferiam cobardia; e com razão, porque as armas dos fementidos cortam tibiamente; que a verdade assim como é amada, assim é temida, pelo qual saibam os que nos pactos da guerra da verdade faltarem, que peleijarão com asperos e duros inimigos, e de si darão certa esperança de cobardia; pois d'esta maneira cada um se assegurava do mal que lhe poderia vir com o desejo do que esperava fazer. E movidos de uma superabundante alegria, mais que do pouco temor que da morte haviam, todos os odios e malquerenças se pozeram de parte, e em seu logar se infundiu amor entre todos. A todos em geral o prazer, e bem de algum, e assim mesmo mui particular a tristeza e pezar em cada um, quando a desventura permittia alguma morte ou ferida; e saudarem-se por mercês nem por beijar de mão foi esquecido, como cousa que procede muitas vezes de vontade damnada; ficou o portuguez «Deus vos salve» sahido da alma e confirmado com a bocca. O que acabava ou punha em bom meio o trabalho ou repairo, que lhe era encommendado, não gastava o tempo que lhe sobejava em detractar de vidas e honras alheias: antes sem os convidarem iam ajudar a outros que d'isso tinham necessidade; e os mandados do capitão eram em grão maneira effectuados. Pois que direi do dito capitão, cuja liberalidade e grandes gastos (de todo o tempo atrás que havia que estava em Diu) era mui conhecida que não intervindo necessidade, que a muitos

de tacanhos faz ser magnificos, mas de sua natural condição, a todo o pobre soccorria, a todo o ferido e doente repairava: seu dinheiro e suas consolações chegavam primeiro que a desventura viesse. E em isto consumiu todo seu dinheiro, que diziam ser muito, e por fim, faltando o dinheiro, e não a vontade de o dar, muita prata que tinha lavrada foi cortada e repartida por quantos d'ella tinham necessidade. Pois de seu esforço o mais atemorisado pondo os olhos em elle, não sómente perdia o medo, mas cobrava animo do muito que em sua presença morava, e do alegre semblante que sempre em elle se via; o qual nem por rebates subitos, nem por medos longos se demudava. A vela do muro não ousava a dormir por mais desvelado que estivesse, e não por castigos severos, que em elles tivesse feito mas porque lhes pezava muito de o anojarem: e tambem porque se n'isso encorriam além d'elle ser a testemunha de taes delictos, com sua mão os accordava e com as palavras os reprehendia: o qual, mediante as muitas partes boas que em elle havia, eram assás aspero castigo, e lei nunca mais quebrantada: as guardas da casa da polvora e cisterna, e as despezas d'isto eram com singular vigilancia ordenadas; os que em os logares fracos pelejavam tinham a elle que os via e esforçava. Durando o cerco, em muitos combates e duras pelejas, em as quaes elle trabalhava de ser participante, de nós outros por muitas vezes foi apartado d'isso: a final posso com verdade affirmar, que quanto mais cresceu o temor e o trabalho, tanto mais se despertou seu esforço e cuidado. Pois tornando á historia gastaram os turcos os dias que faltavam de setembro, e assim até a segunda feira quatro de outubro em

assentar a artilheria conveniente á bateria: posta em seus bastiões e repairos emmantados, e assim em assentarem outra muita mais apta a matar gente que a romper muro, mettendo-a pelas casas mais visinhas á fortaleza. A somma d'esta dita artilheria só apropriada a derribar muralha era a seguinte: nove basiliscos de descostumada grandeza, que cada um deitava pelouro de noventa e seis até cento e cinco arrateis de ferro coado: isso mesmo cinco espalhafatos, que lançavam pedra de cinco, seis e sete palmos em roda; quinze leões e aguias, e d'outra artilheria accessoria. Haveria oitenta peças entre esperas, selvagens, meias esperas e falcões, e depois pelo cerco em diante atiravam com um quartão assás temeroso e mau instrumento. D'esta artilheria e estancias eram capitães Iuc Famed de Alexandria e Coge Çofar, e com elles residiam continuos dois mil homens dos turcos, afóra a gente do do dito Coge Çofar; e Coleimão Baxa esteve sempre na armada sem nunca desembarcar, não sómente por seu officio lhe encommendar a guarda da dita frota, na qual estava o nervo e força de uma cousa e outra; mas tambem porque sua pezada e antiga disposição lho impedia, ou por ventura seria por algum outro respeito occulto, e d'ali provia o necessario. O modo e assento d'esta bateria e gente era da maneira que direi: Por differentes logares e postos estavam feitos grandes bastiões e trinchas, e em elles a artilheria sómente da bateria, sendo amparada e guardada com mui grossas mantas. E todas estas peças (que como digo estavam em diversos logares) nenhuma estava tão affastada da fortaleza que passasse de cento e cincoenta passos, e muita d'ella a menos de sessenta: e diante

da dita artilheria, entre a fortaleza e ella, estavam as estancias da gente de guerra que no cerco havia e ficava a artilheria atirando por cima d'elles; de sorte que quem a ella houvesse de chegar, primeiro lhe cumpria passar toda esta gente, e suas cavas e defensas que eram feitas com grande e defensavel artificio. Pois d'esta maneira começaram a bater a fortaleza a dita segunda feira quatro dias do mez de outubro, em sahindo o sol, atirando com toda a artilheria, assim a da bateria, como da outra mais miuda; e aquelle primeiro e segundo dia (que foram cinco do mez) não trabalharam em al, que em cegar toda a nossa que em os baluartes e muro jogava, rompendo e desabrigando as mantas, ameias e repairos; o que em os ditos dois dias mui a seu salvo fizeram. E como singulares officiaes não sómente estragaram e damnificaram os logares do curso de nossa artilheria, mas ainda quebraram algumas peças, como foi uma boa selvagem de ferro, e um camelete, e a boca a um leão e outras peças miudas; e a quarta feira seis do mez começou a ordinaria bateria. E conhecendo elles o defeito que no baluarte menor (de que Gaspar de Sousa era capitão) tinha, em não ter mais cava que até meio rosto, em o qual logar nenhum dos travezes podia ajudar nem servir, sómente do baluarte do mar alguma cousa, começaram com oito peças a bater-lhe a dita parte e frontaria, e batiam isso mesmo com outras peças em um recanto que estava pegado ao dito baluarte da banda do rio, e com outras batiam sobre a porta da fortaleza, pelo qual logar se fazia muito damno e impedimento aos que dentro em a fortaleza trabalhavam e serviam; por se divisar pelo dito rompimento grão parte d'ella da

banda de fóra d'onde tinham suas estancias. Batiam tambem ó (oo) travez do baluarte de S. Thomé que corria o pano do muro até o baluarte menor; e começava a dita bateria em rompendo a manhã, sem nunca cessarem todo o dia até que a noite lhe impedia o vêr por onde atiravam. E por derradeiro carregavam toda a artilheria, e a assestavam em os logares que de dia batiam mais importantes aos nossos, e como sentiam repairar, descarregavam em os ditos logares, com o que mataram e feriram por vezes alguns homens dos nossos. Mas depois de ser conhecida sua astucia, antes que começassemos a repairar, batia um homem com um picão a modo de trabalhar, e com isto disparavam sem nosso damno, o qual passado, com menos receio se procedia na obra. E esta ordem de bater seguiram vinte cinco dias continuos afóra os dois primeiros, em que cegaram nossa artilheria. E em os cinco d'estes primeiros, como seu principal intento fosse o baluarte de Gaspar de Sousa, por ser logar havido a serem pouco damnados os que o houvessem de combater por causa de não ter travezes que defendessem (como já é dito) em os ditos cinco lhe bateram toda a grossura das ameias e contra ameias; e abaixo do andar das ditas ameias no corpo do baluarte pela mesma maneira o crivaram e romperam até quasi o entulho. Durando os ditos cinco dias mandou Antonio da Silveira atalhar ao dito baluarte lançando-lhe pela borda do dito batido um grosso repairo de parede de pedra e barro, de altura de um homem, com uns degráos da parte de dentro dos quaes podessem pelejar: occuparia este primeiro atalho e repairo que se fez um terço do baluarte.

CAPITULO XIII

Do primeiro acommettimento que os turcos fizeram para entrar a fortaleza, e da ajuda que as mulheres fizeram e d'outras cousas

PASSADOS os ditos cinco dias, ao sexto, doze do dito mez de outubro, como já tivessem batida a quantidade que atraz disse, e mediante o derribado e a immundicie de pedra e caliça que ao pé do baluarte se juntava do que cahia, ficou boa e sufficiente subida para virem com os nossos ás mãos, o que elles fizeram a horas de meio dia, subindo bem cincoenta homens mui bem armados, e outros muitos que por não caberem no logar da peleja ficavam em baixo mettidos e encobertos na nossa cava, os quaes succediam aos que morriam ou cançavam, e com mui compridos piques, partasanas e zargunchos acommetteram aos que ao prezente ali estavam, lançando-lhe isso mesmo muitas panellas de polvora, e outros artificios de fogo aos quaes recebeu o capitão Gaspar, de Sousa e seus companheiros esforçadamente de-

fendendo o dito repairo, e em isto prevaleceu até que das outras estancias o soccorreram; porque tal ordem tinha posto Antonio da Silveira, que como o rebate ou acommettimento era a um, os capitães das outras estancias com suas pessoas e alguns dos melhores de suas companhias soccoriam ao salteado, deixando todos os outros nas estancias, e assim se fez em este dia e com este soccorro os fizeram afastar mal seu grado, matando-lhes alguns, e elles a nós dois homens, e feridos muitos, e d'este dia em diante, emquanto o cerco durou, sempre jámais se pelejava em o dito repairo todos os dias duas e trez vezes, perdendo nós sempre gente de mortos ou asperamente feridos, e a elles o mesmo acontecia, mas enxergava-se mais em nós. E com isto tinham elles uma vantagem que pelejavam de logar mais alto, em o qual tempo Gaspar de Sousa e seus companheiros com muita valentia e immenso trabalho de noite e de dia defenderam o dito baluarte; posto que sempre em sua companhia estava algum capitão das outras estancias com gente, segundo a cada um tocava o quarto ordinario, além do accessorio; porque assim o ordenou Antonio da Silveira depois que sentiu que a este baluarte os inimigos inclinavam mais que a outra nenhuma parte. Durando estas cousas que conto: sobreveiu doença geral de boca damnada a quasi todos os da fortaleza; a qual enfermidade era em muitos tão excessiva que perdiam os dentes, e com dôres immensas esse pouco espaço que alguma hora ou do trabalhar ou dos inimigos lhe era concedido poderem dormir ou descançar, com muita miseria o passavam em gemidos, e o pobre manjar de arroz e pão, que mais não havia, como fosse aspero e escanda-

loso, eu vi a muitos que uma, duas e trez vezes o mettiam na boca, e não o podendo soffrer o lançavam e tornavam a tomar, e assim não podendo compadecer a dôr e desgosto que recebiam, o deixavam, querendo antes morrer com fome que viver comendo com tal desgosto. Este mal diziam ser cauzado da agua da nova cisterna, a qual sendo guarnecida de uma compostura que se faz em a cidade de Ormuz que se chama charu, por caso da guerra se lançou a agua em ella estando ainda o dito betume fresco. E assim infeccionava a dita agua e causava tão nojosa e triste enfermidade; mas nem por isso se viam ir os homens com menos esforço a pelejar e trabalhar, posto que com debeis forças, e porque assim d'esta doença como das mortes e feridas vinha a ser a carga mais pesada, por ser posta em poucos, ia-se a gente subjugando do trabalho, que como fosse contínuo achando os corpos debilitados pela pouca substancia que os fracos mantimentos lhe punham, e assim pela falta de dormir sem duvida se das mulheres não foram soccorridos, o negocio fôra peior de soffrer; com cuja ajuda além de nos aliviarem de muito trabalho, a vergonha que de haverem mister seu adjutorio lhes vinha, fazia da fraqueza tirar esforço, e renovar e emprehender o que aos enfraquecidos e desvelados membros era impossivel soffrer. Estas mulheres eram muitas d'ellas casadas, entre as quaes havia algumas gentis mulheres: foram todas demovidas e incitadas á dita ajuda por duas d'ellas; a saber: Izabel da Veiga e por Anna Fernandes. Esta Izabel da Veiga era casada com Manuel de Vasconcellos, homem fidalgo e bom cavalleiro, natural da ilha da Madeira, que fôra juiz da alfandega d'esta cidade de Diu: a qual

era gentil mulher, e em grão maneira virtuosa e sizuda e de tão grave e honesto parecer que podera mui seguramente fazer o que ali fez em qualquer outra parte ainda que a não conheceram, por esta, sem lhe ser feito nenhum desacato; porque sua pessoa era aspera repugnancia a todo o mau pensamento. Estas virtudes não eram novas em ella, que já em este cerco tinha mostrado uma boa prova de sua bondade e esforço; e foi assim como tenho contado no fim do capitulo 8.º quando Antonio da Silveira mandou uma fusta com recado ao vice-rei na qual foram alguns doentes, e Antonio da Veiga feitor da fortaleza se quizera ir. Manuel de Vasconcellos marido d'esta virtuosa dona, temendo que sobrevindo algum infortunio esta sua mulher fosse despojo dos barbaros inimigos, poz em ordem de a mandar na dita fusta a seu pai d'ella, que em Gôa estava e como lhe notificasse esta determinação; foi por ella respondido que não quereria Deus que se ella fosse d'onde elle ficava: e que se tinha conhecido em ella alguma fraqueza ou descuido em seu serviço que lho dissesse, e que se emendaria, mas dar-lhe tão aspera pena como era apartal-a de si, ella o não merecia; e que não cuidasse que a segurava, pondo-a em lugar apartado d'aquelles perigos e estrondos; porque em sua companhia doces lhe eram taes temores, o que lhe não aconteceria estando em outra parte; porque seu espirito seria sempre acompanhado de grandes medos e desastres; e que d'esta maneira cuidaria que a tinha segura dos inimigos e que a mataria com os pensamentos; pelo qual lhe pedia que com tal remedio a não matasse. Mas porque não tivesse muitas cousas de que temer, que mandasse uma pequena fi-

lha que de entre ambos havia; porque se Deus d'aquella fortaleza alguma desventura tivesse ordenada, que sua pequena edade a não condemnasse. Poderam estas honestas e justas palavras tanto com seu marido, que proposto sua determinação e receio, quiz antes sua companhia com taes temores que salval-a apartando-a de si. Pois (como tenho dito) esta foi uma das mulheres que deu principio ás outras todas ajudarem; e juntamente foi n'isto sua companhia outra mulher por nome Anna Fernandes, já velha, casada com o bacharel Fernão Lourenço, physico, que em a mesma fortaleza estava. Em esta mulher se viram as humanidades de virtuosa mulher, e astucia, vigilancia e esforço de valentissimo homem. Esta era reguaro (1) e mãe de todo o ferido pobre desamparado: seus panos e ataduras em todos os feridos d'estes se achavam, suas conservas e comeres (segundo o tempo) tinha-as todo o necessitado. Esta com um bordão e umas contas em todos os quartos ou velas da noite rondava a fortaleza, e muralha, dizendo a cada um quão obrigado era a ser esforçado assim para defender a vida como para adquirir a honra. Esta, quando os combates e bravas pelejas faziam perder a côr do rosto a muitos, não se recolhia a sua casa a segurar-se dos tiros, antes como se tivera a obrigação do mais valente, era posta mui em breve no muro; e o que cahia morto ella com suas mãos o cobria e afastava, e ao ferido apartava e ajudava a descer, e ao triste que perante ella fazia cobardia fôra-lhe melhor fazel-a ante seu capitão. Esta, tinha um fi-

(1) Será reguardo ou resguardo?

lho, esforçado mancebo, por nome Francisco Mendes, que em todo o tempo que o cerco durou, sempre pelejou valentemente; e nos derradeiros dias quiz nosso Senhor leval-o de uma espingardada que lhe os inimigos deram pela cabeça, por dar a elle morte honrada, e vida eterna; e a sua mãe califical-a com ter muita paciencia em tão grande dôr. Pois d'estas duas mulheres foram convocadas todas as outras, acarretando em suas alcofas e outras vasilhas a terra e cousas necessarias com muito cuidado sendo governadas por a dita Izabel da Veiga e Anna Fernandes, que o mesmo faziam, levando muito trabalho e fazendo com isso aos homens soffrel-o dobrado. A este tempo, como faltasse a pedra para os repairos que cada hora os nossos faziam, foi necessario derribarem-se todas as casas que na fortaleza havia, e com a pedra d'ellas repairar. Em estes mesmos dias bateram os inimigos a egreja (que havia pouco que era feita) derribando-a quasi toda e d'esta maneira parecia a fortaleza tão feia por dentro do que lhe faziamos, como as muralhas por fóra, do que os inimigos lhe causavam.

CAPITULO XIV

Dos repairos e defensas que de uma parte e outra se fizeram e de algumas cousas particulares, e das vezes que os nossos saltearam os inimigos

Dos ditos doze de outubro até os dezeseis (como nunca a bateria cessasse senão quando se pelejava) foi derribado e gastado o repairo primeiro que disse se fizera depois de ser batida a frontaria primeira; para o qual remedio se tornou a lançar outro repairo e atalho mais dentro, feito de terra e pedra, que occupava com as partes já batidas os dois terços do dito baluarte, deixando desoccupado para os nossos sómente o outro terço, e d'aqui se defendiam, e d'esta maneira ficavam possuindo os inimigos os dois terços; e porque segundo o dito baluarte ia cospindo os nossos de si, era claro serem em breve empuchados por já o lugar que possuiam não soffrer outro repairo: começou-se a vir creando uma torre pela parte de dentro junto ao dito baluarte, a qual foi em breve erguida em quazi o andar do baluar-

te; os inimigos durando estes dias, uma noite melhoraram as estancias da gente da ante-guarda a nossos olhos e face, sem lhe poder defender, chegando-as até as pegar com a nossa cava. O modo que tiveram em fazer esta melhora, foi fazerem de couros de bois grandes balas e fardos e enchendo-os de terra ficavam redondos; e isso mesmo grandes balas de algodão e trazendo tres, quatro homens cada fardo ou bala d'estas vinham detraz d'ellas de joelhos, e com as mãos rolando-as, encobertos com a mesma grossura d'ellas. E com quanto do muro os espingardeiros trabalhassem de lho defender, matando e ferindo muitos, não foram parte para lho vedar; e como pozeram o dito amparo no logar que disse, com alferces e alviões e outros instrumentos que traziam, cavando fizeram vallos, com a altura dos quaes juntamente com as balas e fardos podiam a seu salvo andar em pé tão encobertos que de cima do muro os não viam; e d'estas estancias pelo mesmo modo fizeram outras cavas pelas quaes iam e vinham seguramente, engrossando os ditos repairos com muita pedra solta, terra e rama, porque nenhum tiro os podesse passar, e d'esta maneira acommettiam os do muro sem perigo cada vez que queriam. E porque quando sua artilheria batia o baluarte, a terra e caliça que as ditas bombardas lhe faziam lhe impedia baterem no vivo, d'estas ditas estancias compelliam a gente de Cambaia que com Coge Çofar estava, que fossem limpar a dita terra; dando-lhe bem pouco, que d'elles matassem grande quantidade. Aos ditos dezeseis dias de outubro, pela manhã, trabalhando Gonçalo Falcão no seu baluarte de damnar aos inimigos com artilheria, ainda

que os logares do curso d'ella estivessem cegos e desabrigados, sendo elle o primeiro que calhava a bombarda, e com ser o dianteiro dava animo a seus companheiros, que mui escandalisados dos tiros dos inimigos receiavam de se descobrir, sem o qual aventurar não se póde conseguir a offensa que contra os contrarios se pretende, foi por um pelouro de espera ferido pela cabeça, o qual lhe levou a maior parte d'ella, espargindo-lhe os miolos entre seus companheiros, deixando-o morto e estendido em aquelle baluarte, em que tinha levado muito trabalho. Foi sua morte muito sentida, assim pelas boas partes que em elle havia, como pela perda que em sua ajuda e pessoa se perdeu, que este era o maior receio que se tinha: serem gastados os bons em cuja doutrina e esforço o commum se esforçava. A esta hora toda a armada que (como tenho dito) estava surta á mesquita junto do baluarte de Diogo Lopes de Sequeira, se levantou e veiu surgir defronte da nossa fortaleza em uma enseada que está á parte da villa dos Rumes, pouco mais de meia legua da fortaleza, e vieram-se a este logar por ser amparado este surgidouro dos ventos que já então cursavam, e tambem por ser melhor desembarcadouro, e ter as aguadas perto. Esta mesma manhã nos acommetteram os turcos, subindo em o dito baluarte, bem sessenta d'elles afóra outros muitos que refrescavam o combate, e por elles rijamente apertados; o qual acommettimento por Gaspar de Sousa e seus companheiros foi resistido valentemente; e acudindo-lhe alguns capitães das outras estancias (pela ordem dada do capitão) como chegassem descançados fizeram apartar o dito Gaspar de Sousa e aos seus que muito cançados estavam, ten-

do-lhes já o inimigo mortos dois homens, e feridos oito, e pondo-se em seu logar trabalhando os inimigos de os entrar, e elles de lho defender, mataram outro homem e feriram outros, entre os quaes feridos foi um mancebo por nome João da Fonseca da mesma companhia de Gaspar de Sousa, ao qual deram uma espingardada pelo colo da mão direita que lhe veiu sahir ao sangradouro; e ainda que lhe logo a ferida derribasse o braço, desgovernados os nervos, e lhe causasse incomportavel dôr, não porém nenhum dos presentes lho sentiu, nem em seu rosto se viu geito nem torcimento que as taes feridas comsigo trazem, antes mui prestes passou a adarga ao decepado braço, erguendo-a quanto poude ao hombro, e tomando a lança com a mão esquerda, tornou a pelejar com pouco menos falta que d'antes, e como o logar onde a defensa se fazia era tão apertado que em elle não cabiam mais de doze ou treze homens: ficavam muitos detraz dos outros, esperando vagante dos que ou por mortes ou feridas o logar de si apartavam. E sendo de Duarte Mendes de Vasconcellos, valente cavalleiro, visto o dito João da Fonseca estar ferido, pelo muito sangue que o derribado braço de si lançava, puchando por elle lhe disse que pois era ferido lhe désse o logar e se fosse curar; o dito João da Fonseca, ou que não ouviu com o tento que nos turcos tinha, ou lhe fosse penozo o tirar-se d'alli, não lhe tornando resposta, foi pelo dito Duarte Mendes tornado a dizer o mesmo, acrescentando que pois não podia governar o braço direito lhe désse o logar, a que lhe elle respondeu agastado: Como! se eu tenho o esquerdo são, tão desarazoado sois que me pedis o meu logar? deixai-vos d'isso e não me occupeis n'essas

cousas o tempo em que posso aproveitar. Ouvindo Lopo de Sousa, que presente estava, a differença que entre ambos havia, rogou-lhe que se fosse curar, e quasi por força o fez ir, pondo-se Duarte Mendes d'onde elle estava. Este João da Fonseca ficou aleijado da dita mão, tendo mostrado em este cerco por muitas vezes ser valente homem. Já a este tempo os turcos que batiam afrouxavam o combate; o que sentindo Antonio da Silveira disse a Lopo de Sousa que com a gente da sua companhia descesse á cava e désse n'aquelles turcos, os quaes lhe faziam maior damno esfriando o combate que apartando-o, porque impediam o trabalhar na torre; e além d'isto o estar muita gente no baluarte, não servia de mais que de a artilheria os matar e ferir, o que se via claro em o afastar que os inimigos faziam a deshoras para dar logar aos tiros de sua artilheria se empregarem. Recolheu Lopo de Sousa sua gente e com seu guião se foi ao baluarte de S. Thomé, e por um recanto que em elle se fazia da parte do mar, se desceu ao releixo de entre a cava e o muro, por uma corda que se atou em uma ameia, e d'alli lançando uma escada de corda de bem quarenta degraos se desceu á cava, que em aquelle logar é mais alta que em outra parte alguma, e sendo-lhe dito de cima que de uma mesquita que sobre o mar estava, fôra visto um mouro o qual ia correndo a dar o rebate de sua ida aos das estancias, pelo que com esses homens que já eram descidos, que deviam ser trinta e cinco, sem esperar pelos mais por não ser sentido os fez acommetter, os quaes estavam muitos em cima do baluarte, e outros pelas quebras d'elle descançando, incitando aos nossos que os descobrissem para com sua artilheria os

pescarem. Pois como Lopo de Sousa de supito chegasse, aquelles que mais baixos estavam fizeram rosto: mas como apertasse com elles ás lançadas, empuchando-os, ficando seis mortos; os que em cima estavam vendo como os de baixo eram tratados, e tendo o caminho tomado, derribando-se pelas quebras, vinham mui depressa cahir em suas lanças, dos quaes morriam outros poucos; não recebendo os nossos mal e assim deixaram por aquella vez de dar trabalho. Ficou Lopo de Sousa á cava e mandou dizer ao capitão que lhe parecia que para evitarem estes pequenos combates, os quaes impediam o trabalhar, deviam de estar a miudo alguns homens dos nossos na cava, não tanto para nos defenderem dos ditos combates, como para que os inimigos nos acommettessem em mais quantidade; o qual, ainda que nos fosse maior perigo, como lhe a elle cumprisse virem em maior numero e ordem, não o poderiam fazer tantas vezes, quantas o faziam ao presente: do qual se seguiria termos mais tempo de trabalhar e proseguir em nossos repairos; o que lhe ao capitão pareceu bem, e esteve elle na cava até noite. E d'alli avante guardavam esta ordem de ter alguns homens na cava, os quaes quando os de cima faziam algum certo signal sahiam contra os inimigos até á boca da cava, não se descobrindo tanto que os contrarios vissem quão poucos eram. E com este remedio constrangiam aos inimigos nos darem mais socego ou a nos acommetterem com mais poder; o que ás vezes custava menos aos nossos, e seguindo este estylo, um dia mandou Antonio da Silveira oito homens á cava, dos da companhia de Lopo de Sousa, entre os quaes foi Simão Furtado, valente homem e sizudo, para

os não deixar desmandar; com estes se foi um moço do dito Lopo de Sousa sem sua licença, por nome Joane, de edade de dezoito annos, com sua espingarda e espada, sem outra arma alguma. Estando estes homens em a cava, como atraz tenho dito, a bateria que no baluarte se dava porque fazia muita cobiça, o qual muitas vezes impedia baterem no vivo, constrangiam os turcos aos de Coge Çofar que viessem limpar a dita caliça e terra, e traziam alavancas para as pedras movidas e outros instrumentos para o demais. Pois fazendo a esta hora o mesmo vinham alguns turcos com suas armas obrigando aos outros que fossem limpar esta caliça e sendo pelos do muro feito signal aos da cava arremetteram com elles; o moço que disse, disparando a espingarda em um, arrancando a espada seguiu ao outro, não sendo parte Simão Furtado para lh'o impedir, e antes que o mouro se podesse recolher ás estancias que estavam pegadas na cava lhe chegou o moço e picou-o de maneira que o mouro não se atrevendo a defender d'elle, nem menos a deitar-se na estancia, poz o rosto no rio determinando de se salvar na agua. Em todo este caminho ia o moço cortando sempre com a espadinha em elle, sem o deixar, estando mais de mil turcos roendo as trellas para sairem a elle, mas temendo nossos tiros, não ouzavam a fazer mais que olhar o cuidado que o seu tinha de se salvar, mettendo-se em agua até debaixo dos braços, e como o moço o ia seguindo até lhe dar a agua pelo pescoço, e como o mouro se não atrevesse a metter mais dentro porque a corrente o não levasse, e o moço mal lhe podesse chegar com a espada, bradou-lhe Lopo de Sousa do muro que lhe désse de ponta; e isto é de

louvar que estava tanto em si o moço que o conheceu na falla e entendeu, e começou-lhe a atirar estocadas, sem ao malaventurado mouro lhe lembrar que tinha espada para sequer se defender. Pois como a agua onde o moço estava fosse muito alta, para segundo era pequeno, não podendo ferir ao contrario, querendo-se melhorar se lhe foram os pés e cahiu, ficando mergulhado; como o mouro o viu tal veiu sobre elle e lançando-se-lhe em cima o queria afogar, o que de todos se houve por feito: e não embargante que o moço estava muito cançado e bebera muita agua, e além d'isso tivesse uma das mãos occupada com a espingarda (que nunca soltou) em sentindo o inimigo sobre si, voltando a espada lh'a metteu trez ou quatro vezes pelo ventre. O mouro, sentindo-se mortalmente tocado, desatinado se levantou, e correndo se sahiu da agua, e em sahindo d'ella cahiu morto. O moço com muito trabalho se ergueu cheio de sangue do mouro e descançando um pouco, atirando-lhe os inimigos grande somma de espingardadas e frechadas sem nenhuma lhe acertar, se sahiu da agua seus passos contados com a espada na mão e espingarda em a outra, e passando pegado aos turcos e estando muitos fervendo por lhe sahir passou o moço com o rosto em elles mostrando uma oufania de os ter a todos em pouco; e d'esta maneira entrou em a cava sem ferida alguma. Depois d'isto sahiu Manuel de Vasconcellos duas vezes pela cava a dar nos inimigos estando-nos combatendo, e da primeira pelos seus irem com pouca cautela foram sentidos, e posto que os seus e elle pelejassem valentemente, mataram-lhe a Christovam de Sousa, homem fidalgo e mancebo em grão maneira esforçado, e que

em este cerco tinha bem mostrado e servido; e feriram-lhe outros homens; e da segunda vez por irem com mais ordem fez mais damno em os inimigos sem nenhum seu. Ao outro dia dezasete do dito mez, como coubesse o quarto d'alva a Lopo de Sousa Coutinho, com parte dos seus companheiros se foi vigiar em o baluarte dos combates, e vindo a manhã o acommetteram os inimigos, e como lho defendesse de um travez, foi ferido de um pelouro de meia espera pelo hombro e espadua direita, de que recebeu grão ferida, e com as laminas das suas couraças que tinha vestidas, ouve outras feridas pelas costas, e feriu mais o dito tiro tres homens; foi levado a sua estancia e curado. Até aqui contei o que vi por meus olhos, d'aqui por diante o que ouvi e soube em a cama onde jazia. Era já em este tempo grão falta de todas as cousas, em a fortaleza, muitos e bons homens mortos e outros feridos, de sorte, que fôra melhor serem mortos por não occuparem outros sãos que os curavam. A polvora de espingarda ia-se acabando, a de bombarda assim mesmo; outros artificios eram já mui poucos; as lanças, das continuas bombardadas as mais eram cortadas, e sobre tudo o que maior quebranto dava era vêr que a esperança que a gente commum tinha da vinda do vice-rei, ou de outro algum soccorro, como de todo iam desconfiando d'elle; e juntava-se a isto vêr que as cousas necessarias que o capitão por vezes mandára pedir ás fortalezas visinhas, quão pouco respeito se tinha a tamanhos trabalhos, como em esta se sustinham. De maneira que só de Chaul mandou Simão Guedes um barril de duas arrobas de polvora de espingarda, e d'esta teve tão máo cuidado o que a trazia, que em a

querendo desembarcar cahiram os arcos ao barril, e entrando a agua em ella se perdeu toda sem aproveitar um só arratel. Esta pouca lembrança que a gente via terem os das outras fortalezas enfraquecia a muitos, e assim ia a cousa declinando para mal. Em estes dias um João da Nova, homem que em outras partes não era havido por covarde, veiu a ser tão cortado do medo e vencido d'elle, que o tempo que os outros gastavam em pelejár e trabalhar, gastava-o elle em rodear todas as estancias, e dizer a todos que para que era defender, pois viam ser por demais, que se deviam entregar emquanto os turcos quizessem usar misericordia com elles; pela primeira riam-se d'elle, mas vendo como preserverava, e corria cada um da sua estancia, por que gente popular em caso de salvar a vida, e evitar trabalho, creem muito de ligeiro, não curando de especular quem, nem como lho dizem. Vendo o triste João da Nova que não sómente não queriam tomar seu conselho, mas ainda lhe não concediam poder desabafar do muito medo que sentia, e como se andára com dôres de parto não socegava, não parando em nenhum logar e assim andou o coitado envolto n'esta má ventura, entregando-se tanto ao temor que veiu a desfalecer; e d'esta maneira sem febre nem dôr nem outro mal algum sendo pelos physicos visto, e mal remediado, não querendo o triste tomar nenhum esforço, que era a mezinha com que elles o queriam curar e que tal enfermidade havia mister, veiu a morrer. Houve tambem em estes mesmos dias outro homem de grão fé, que com quanto via as mortes e estragos que cada hora em nós eram feitos, e via como tudo ia faltando, tinha tanta confiança em nosso Senhor o salvar de tamanhos pe-

rigos (mediante a caridade que uzou com dois pobres mancebos seus visinhos que jaziam mortalmente feridos) que tendo elle uma gallinha e um gallo assás magros (porque os feridos fossem consolados) lhos deu por seis cruzados com regresso que a penna da dita gallinha e gallo, que era mais que a carne ficasse com elle vendedor. Sabendo Antonio da Silveira esta deshumanidade mandou que fossem tornados os seis cruzados aos feridos.

CAPITULO XV

De algumas baterias que os turcos deram por differentes logares, e de uma mina que contra nós fizeram, e d'outras cousas

A vinte do dito mez de outubro, sendo o baluarte dos combatentes tão batido que para bem de suas subidas não era necessario ser mais razo, por divertirem mais nossas fracas forças, começaram a bater as casas do capitão e a estancia de Lopo de Sousa; não deixando porém de amiudo visitarem com muitos tiros o dito baluarte, porque se não reformasse de algum repairo; foram batidas as ditas casas em quatro dias, ás quaes fizeram um contramuro por dentro mui em breve: a estancia de Lopo de Sousa, por ser a parede mui delgada, veiu ao chão com dez ou doze tiros deixando a madeira descoberta. E atraz isto porque do baluarte do mar podiam favorecer com artilheria os ditos logares, determinaram de combater; porque, tomando-o, era nossa perdição mais facil, e começaram isso mesmo a o bater, e isto pela

entrada da porta, a qual Antonio de Sousa, capitão do dito baluarte, tinha repairada. E assim lhe batiam o pano do muro que olha a fortaleza e juntamente a torre da menagem que o dito baluarte tem no meio. E durando esta bateria (que digo) eramos combatidos todos os dias duas e trez vezes pelo baluarte, dos combates de muitos inimigos e mui armados; sendo sempre recebidos dos nossos esforçadamente, mas todo o acommettimento d'estes nos gastava gente e da melhor; e porque os inimigos tinham melhorado outra vez suas estancias, da qual as metteram dentro em a boca da nossa cava: e com isto a seu salvo com picões e outras ferramentas começaram a minar o dito baluarte; e não por terem necessidade d'elle ser mais razo, mas porque se a mina viesse a effeito, dando-lhe fogo nos matariam muita gente que sempre em guarda do dito baluarte estava. E posto que de dentro os nossos não conheciam verdadeiramente a mina, sómente sentiam algum pequeno movimento e tom, de quando em quando; o muito receio que d'isso tinham lhe fez crêr que o podia ser. Para o qual o capitão determinou de mandar gente a dar nas estancias, e em este meio verificar-se da mina que suspeitava ser-lhe feita: e a vinte e quatro do dito mez, antemanhã, mandou a Gaspar de Sousa, capitão do dito baluarte, com setenta homens bem armados que dessem nas ditas estancias e trabalhassem de lhas damnificar. E deu cargo a certos homens que, como sentissem os nossos envoltos com os inimigos, descessem pelos rompimentos do baluarte e vissem o que era feito, e quanto entrava a dita mina, e assim mesmo aos que na fortaleza ficavam que tivessem cuidado de favorecer os nossos. Sahiu o dito

Gaspar de Sousa ás horas que digo e, pondo-se na cava com sua gente e guia, poz nas mãos dos que sentiu ser mais despachados bombas e lanças de fogo, para que as pegassem nas balas de algodão em rama, de que muita parte das estancias eram compostas, e rogou a todos que com muito tento e valentia açommettessem seus inimigos: e sendo a hora chegada apta a effectuar seu proposito, com sizo e necessario acordo de bom capitão e esforço de valente cavalleiro, entrou as estancias, em as quaes haveria bem mil homens, e derribando e assolando repairos e gente, e quanto diante achava: pegando fogo em todas as materias que o podiam receber, com tal despacho que não parecia obra de homens; e como os turcos seja gente que vivia muito a seu prazer, achou os mais d'elles encarnados no somno que a dôce manhã e cançados corpos lhe causava, aos quaes elle e os seus mataram e feriram com terrivel presteza: não sendo parte a lho impedir os que faziam a guarda áquella hora; e d'esta maneira atravessou e passou a maior parte de seus bastiões deixando cheio de sangue e de fogo tudo por onde passava. Em este meio tempo aquelles a quem o capitão encarregara o reconhecimento da mina a viram e mediram. Gaspar de Sousa e os seus tendo mortos mais de sessenta turcos, e feridos outros muitos sem ter perdido nenhum companheiro, começou a dar volta em muita ordem, arrematando tudo que nas ditas estancias ficava por fazer. Os turcos que o supito e não esperado acontecimento viram, desacordados assim do somno, como de lhes parecer que era mais gente a que tão sem dó os feria, desamparando as estancias se retrahiram aos que ao rebate e grita das outras estancias acudiam, e

sendo em breve juntos mais de mil e quinhentos turcos, seguiram a Gaspar de Sousa, o qual vinha já perto da boca da cava, vindo em a trazeira dos seus, recolhendo-os e fazendo-os andar, e porque viu ficar dois ou trez homens dos seus a uma porta antiga do muro velho (que em aquelle logar vinha fenecer) disse aos outros que vinha recolhendo que andassem, e tornou á dita porta não levando já lança, que a quebrara; e com a espada na mão. E como já os turcos eram ali, não achou os seus que buscava por serem já recolhidos por derredor aos outros; e querendo dar a volta foi acommettido de grandes inimigos, e como seu animo fosse mui livre de temor não quiz apressando o passo salvar-se: antes fez rosto a elles ferindo-os com muita valentia, e assim os apertou que sendo o logar estreito, aos que de diante o acommettiam fez tornar a entrar pela dita porta até sahir ao largo com elles onde logo foi cercado de quantos o logar e sua resistencia deixavam caber, e assim defendendo-se, asperamente foi decepado das pernas, e cahindo se defendia, quanto o visinho fim lho concedia, até que as muitas feridas e grão copia de inimigos o derribaram. Isto foi parte visto pelos seus, e parte do muro; e não o soccorreu ninguem, nem lhe aproveitara ainda que o fizeram: acabou aqui fazendo seu officio como tenho contado. Foi-lhe pelos turcos cortada a cabeça, pés e mãos, e cravada em uma alta lança e trazida por suas estancias; e assim lhe davam triumpho de sua bemaventurada morte; em figura de opprobrio, seu corpo foi lançado em a praia onde depois foi achado, e conhecido por uma perna que tivera quebrada de uma espingardada que houve em o estreito de Gibraltar, e enterrado com la-

grimas de todos. Mataram isso mesmo outro homem da sua companhia já quasi recolhido na cava, e feridos outros dois. Esta sahida de Gaspar de Sousa e seu bravo acommettimento e pelejar metteu grão temor em os inimigos, e em os nossos muito quebranto, vendo como a guerra ia gastando taes pessoas e tão necessarias. Recolhidos os que com elle foram, e sendo sabido por Antonio da Silveira como a mina que mandara vêr entrava a mais de meio baluarte, quasi chegava já debaixo do repairo, mandou com muita brevidade fazer no mesmo baluarte uma contramina cavando o entulho d'elle, e com bom expediente erguia a torre (que atraz tenho dito) e deu cargo de capitão do dito baluarte (de que Gaspar de Sousa o fôra) a um Rodrigo de Proença, criado que fôra de Nuno da Cunha, em extremo valente, homem duro e soffredor de grandes trabalhos.

CAPITULO XVI

Do fogo que os nossos fizeram no baluarte, e dos rijos combates que os turcos deram ao baluarte do mar e do soccorro que veiu de Gôa

Este mesmo dia (que acima vae declarado) se inventou pelos nossos um novo e nunca visto ardil de guerra, ao qual eu com verdade não saberia dar author. E foi assim: em os atalhos e repairos das quebras do baluarte que com a artilheria nos eram derribados se fazia uma praça d'onde os inimigos se punham e pelejavam com os que no baluarte estavam. Em este logar que digo lançaram os nossos muita lenha aceza, cevando a dita fogueira com outra lenha mui seca em muita quantidade, estendendo-a e acrescentando-a com garfos e ganchos de ferro. Veiu a ser em pouco espaço tão excessivo o fogo, que não sómente não se podia chegar a elle, mas nem com grão parte desviados o aguardar; e os nossos por estarem escudados e encobertos com o repairo levemente o soffriam: demais pelo proveito e descanço que

sentiam d'elle os inimigos vendo este novo remedio, o qual lhes impedia o chegarem-se aos nossos, atiravam então com artilheria ao fogo, dando bateria aos tições, os quaes como eram tocados dos tiros, cahiam com grão somma de brazas dentro em o baluarte, queimando aos que topava, mas nem por isso deixavam os nossos de o acrescentar. Os turcos, assim como com a artilheria lhe pareceu que tinham desfeito o fogo, acommetteram muitos á subida, mas em sendo em cima os primeiros, como as pedras e tudo o al estivesse inflamado e cozido em fogo, não paravam, queixando-se de tal defensa. Outros que traziam panellas de pólvora e outros artificios, não ousavam chegar pelo risco que n'isso corriam, pelo qual os turcos se deram tanta pressa a desfazer o fogo, atirando-lhe grande copia de bombardadas que não aproveitava a Rodrigo de Proença em o todavia contrariar com lhe deitar muita lenha. E a vinte e seis do dito mez de outubro sendo já a aspereza do fogo e das pedras quasi mortificado pelo continuo bater da artilheria, acommetteram a entrada muitos e bem armados inimigos, e lançando em os nossos muitos artificios de fogo trabalhavam de entrar; o que pelos nossos lhes foi esforçadamente resistido, e acudindo a este combate pela ordem dita os capitães das outras estancias, saindo com elles em o chão, que sobre o repairo se fazia, a poder de bom pelejar os empucharam matando bem quarenta d'elles e ferindo muitos. Este combate foi profioso, em o qual nos morreram quatro homens, e feridos vinte e cinco, entre os quaes feridos foi queimado Francisco de Gouvêa de pés, mãos e rosto, pelejando com muito esforço, e isso mesmo foi ferido Manuel de Vasconcellos, de duas

frechadas pelo rosto, mostrando bem em este combate seu esforço; e tambem feriram em uma perna a Duarte Mendes esforçado cavalleiro, e assim outros homens honrados, as quaes feridas posto que fossem assaz grandes e doridas, a necessidade lhe fez deixar o descanço que bem haviam mister, não deixando de trabalhar e pelejar como os mais sãos. Em este tempo a contramina que pelo capitão se ordenou, como fosse sentida dos contrarios, cessaram de proceder com animo, e a bateria que se dava ao baluarte do mar não cessava; sendo por Antonio de Sousa e seus companheiros repairado o possivel. Aos vinte e sete do dito mez ante manhã vieram de Gôa quatro catures de soccorro mandados pelo vice-rei, em os quaes vinham Gonçalo Vaz Coutinho, e Martim Vaz Pacheco, e um primo seu, por nome Gabriel Pacheco, Antonio Mendes de Vasconcellos e Francisco Mendes de Vasconcellos e com elles outros vinte e oito homens; com os quaes se recebeu muito prazer, posto que não traziam nenhuma polvora, nem outra alguma munição. Acharam os nossos mui cançados e bem quarenta homens mortos e mais de sessenta feridos que não podiam tomar armas; e como viessem descançados e fossem valentes homens aliviaram muito do trabalho aos outros; e o melhor que foi que uzou Antonio da Silveira, de boa manha para que os inimigos cuidassem que era de maior qualidade este soccorro por quanto da armada (como fizesse luar) fossem vistos os ditos catures, e conhecidos serem portuguezes, mandou o capitão que antes de ser manhã se tornassem a partir: e sendo pelos contrarios sentida a festa e recebimento d'elles, e pela manhã não vendo navio algum, sendo (como dito tenho)

vistos por elles julgaram ser muito maior o soccorro. A este tempo era o baluarte do mar batido e feito grão caminho para ser acommettido da gente; pelo qual á terça feira logo seguinte, vinte e nove do mez, foram juntas cincoenta barcas das galés e galeões que na armada vinham e embarcados em elles setecentos homens, e Mahamud por capitão d'elles em rompendo a manhã a som de muitos tambores o foram acommetter, aos quaes da nossa fortaleza antes que chegassem ao dito baluarte lhe meteram duas barcas no fundo, e todavia as outras chegaram, e sahindo a gente que em o desembarcadouro podia caber acommetteram a subida que era mui facil, e os que em as barcas ficavam com seus arcos e espingardas vedavam o apparecer ninguem em os repairos. E subindo assim os inimigos, os veiu receber Antonio de Sousa e os companheiros, lançando em elles muitos artificios de fogo, e atraz isso pondo-lhe as lanças os fizeram descer em que lhe pez, matando alguns; e sendo pelos das barcas feridos trez ou quatro dos do baluarte, que foi causa de se os outros recolherem detraz do repairo, havendo os inimigos que tinham feito mais mal, tornaram a subir, e insistiram em entrar, o qual tão rijo lhe foi impedido que ainda que trabalhassem de soffrer as feridas que tão poucos homens lhes davam, todavia tornaram mui depressa a se descer; e embarcados se começaram a tornar. E como entre si fossem arrazoando da pouca gente que lhes a entrada defendera, de consentimento de todos deram volta e tornaram segunda vez a pegar no baluarte: da qual (vez?) nos pareceu que o tomassem, por já terem visto contra quão poucos o haviam; e assim pela contumacia que se julgava ser-lhes acres-

centada ao qual da fortaleza assim espingardas como bombardas ajudavam; os do baluarte vendo a tornada dos turcos deram-se por perdidos, e como taes determinaram de vender as vidas, e antes que os turcos desembarcassem já eram com elles fazendo-lhe tal recebimento que poucos poderam desembarcar. E assim pela pressa que Antonio de Sousa e seus companheiros lhes davam como por serem da fortaleza sacudidos, com assás de vergonha e medo se metteram em seus barcos e se tornaram levando grandes apupadas da fortaleza; e como chegassem a um caes da cidade consultando entre si quão pouco tinham feito em os dois acommettimentos primeiros, e quanto lhes tinha custado, Mahamud qhea, capitão mui esforçado, os fez tornar pondo-se em a adianteira; e em chegando ao dito baluarte foi o capitão Mahamud ferido de um berço, e de outras bombardadas lhe fizeram damno em as ditas barcas: pelo qual assim por isto, como principalmente pela ferida de seu capitão (que ao outro dia morreu), se tornaram com dobrada vergonha. Dos turcos morreriam quarenta e feridos muitos; dos do baluarte só dois, e feridos cinco. Das barcas que a nossa artilheria arrombou, como a maré vazasse áquella hora, foram pela agua alguns turcos que as outras barcas não poderam tomar, aos quaes Antonio da Silveira mandou uma almadia, e em ella dois homens para que os trouxessem: mas os da almadia, como lhe não tivessem muito amor, a quantos chegavam matavam e a poder de brados que lhe do baluarte da barra davam, bem contra sua vontade trouxeram dois, dos quaes direi adiante.

CAPITULO XVII

De um combate que os turcos deram á fortaleza, e do que em ella soffreu um homem portuguez e de um engano que os inimigos presentaram, mediante o qual nos haviam de combater

ACABADOS os combates que os turcos deram ao baluarte do mar, mandou Antonio de Sousa os feridos em uma almadia para a fortaleza para serem curados; entre estes vinha ferido em a cabeça, de mui grande ferida, um Fernão Penteado, homem mancebo e esforçado, natural da Covilhã: ao tempo que estes feridos, vieram, os turcos envergonhados de assim serem tratados aquella manhã no baluarte do mar, querendo vingar sua colera em a fortaleza, acommetteram o baluarte dos combates, quantos a entrada d'elle podia agazalhar, refrescando muitos ao combate, e assim o apertavam que mostravam querer cobrar o perdido. E como de Rodrigo de Proença, capitão do dito baluarte, e dos de sua companhia, e assim dos novamente vindos de Gôa, os contrariassem, cahiam de uma parte e outra alguns mor-

tos, e feridos muitos: durando assim a cousa, Fernão Penteado (que tenho dito) que trazia uma ferida em a cabeça a qual lhe foi dada de uma racha de pedra de bombarda, chegando a mestre João, singular cirurgião (1) e achando-o que estava curando um ferido dos que do combate vinham, e derredor de si tinha outros dez ou doze esperando que o outro fosse curado, não cessavam as gritas e estrondos que o combate causava: do qual elle movido, não lhe podendo soffrer o coração o que ouvia sem ser presente e tomar seu quinhão, não esperando a ser curado, disse ao cirurgião que curasse a outro: e correndo como poude se foi ao combate, não sendo parte a grão ferida para o estorvar, se envolveu na peleja, em a qual como as feridas fossem baratas, houve prestes outra, isso mesmo na cabeça, assás má; e assim premiado de duas se tornou ao cirurgião, o qual achou já muito mais occupado, e com grandes cousas diante de si. Como a esta hora refrescassem os inimigos, e apertassem os nossos, e pelo conseguinte os nossos com dobrado esforço e vigor lho defendessem, causou isto grande estrondo temeroso, profunda e triste consonancia, a qual sentindo o dito Fernão Penteado, deixando o que cumpria a sua saude e vida, com novos espiritos deu volta ao combate, como a logar que ainda que fosse pouco sadio, podia em elle melhor quietar seu duro espirito, e assim misturado com os companheiros, pelejando não como ferido de taes e tão grandes feridas, recebeu outra de um pique pelo braço direito, da qual encravado, bem

(1) Solorgiam, diz o original.

contra o que lhe seu desejo pedia, se veiu curar de todas tres, dando signal mui claro á todos de seu alento e valentia: das quaes feridas aprouve a Deus dar-lhe saude. Este depois indo em uma fusta, com temporal se perdeu, e ali fez seu fim. Durou o dito combate grão pedaço, perdemos tres homens e feridos muitos; e dos inimigos morreram mais de vinte, e feridos mais de ceuto, e de crêr é, que assim como em as taes pelejas nos matavam e feriam dos melhores, e que mais lhe defendiam a entrada, que assim morreriam e seriam feridos d'elles os mais escolhidos e que mais eram para taes acommettimentos. Em todos os combates atraz passados, e assim em o d'este dia, contando os que de mortes accessorias morriam, eram já mortos cincoenta e tantos homens, todos ou os mais dos melhores e mais necessarios, e feridos durante o cerco quasi todos, mas havia já muitos d'elles sãos, e outros ainda que com trabalho pelejavam, ajudavam como podiam. E porém haveria setenta homens que não podiam em nenhuma maneira tomar armas, não contando em este numero os que em o baluarte da villa dos Rumes se perderam, assim que haveria com os que de Gôa vieram (de que alguns eram já mortos e feridos) para poderem pelejar, duzentos e sessenta até duzentos e setenta homens. As munições iam fenecendo, a polvora de bombarda, pelo defeito das bombardas não poderem jogar, gastava-se em panellas e bombas prestantissimo artificio, e em isto era quasi toda consumida: a de espingarda era muito menos, e de maneira que o espingardeiro vinha a ser d'ella tão avaro que o inimigo a quem houvesse de atirar um tiro havia de ter por mui certo matal-o; e além d'isso outras qualidades e

differenças de bons vestidos que o fizessem digno de despenderem a medida da polvora em lhe tirar a vida. Os dois turcos que disse que no baluarte do mar indo pela agua nadando foram tomados sendo premiados a confessarem o estado dos seus, disseram que lhes eram mortos mais de seiscentos homens, e feridos mais de mil, e que lhes pareciam não que em verdade o podessem affirmar que Coleimão Baxa e seus capitães trabalhariam de tomar aquella fortaleza ainda que em isso aventurassem o restante da gente, pelo muito cabedal que em acommetter tinham mettido, e pelo que lhe tinha custado, e como não dissessem mais, mandou o capitão que os deitassem ao mar com pezos ao pescoço. A' hora que se isto passava, como as mulheres, que andavam trabalhando, soubessem que eram tomados os ditos turcos, e viessem por junto da casa onde elles estavam, acaso perguntou uma mulher casada a um homem que da dita casa sahia, se era verdade que estavam ali os dois turcos e o que se fazia d'elles: elle lhe respondeu que verdade era que alli estavam, mas que o capitão fazia uma cousa mal attentada, que era mandal-os soltar; creu ella e não aguardando mais, inflamada em colera, entrou na dita casa, e achando Francisco de Gouvêa assentado, o qual como andasse queimado de pés e mãos e rosto, andava mui transfigurado, julgando ser elle algum dos turcos lhe disse: Oh perro, e hão-te soltar! e levantando a gamella com ambas as mãos lhe ia descarregar na cabeça, mas elle guardou-se o melhor que poude, e querendo ella seguil-o para todavia o alcançar, lhe bradou elle que pelo amor de Deus o deixasse, que na outra casa estavam os turcos; ella vendo-o fallar accendeu-se mais dizendo: Vêde o

perro como falla portuguez espevitado, pois não vos ha de valer, que vos hei-de fender esta gamella n'essa cabeça. Metteram-se então alguns homens no meio, dizendo-lhe que era Francisco Gouvêa: depois que o conheceu, perguntando pelo capitão, se foi a elle e lhe disse, que em nenhuma maneira mandasse soltar os turcos, porque ella, nem as outras mulheres, o não o haviam de consentir, mas que lhos entregasse e ella os mataria. Antonio da Silveira vendo seu fervor, lhe disse vindo, que pois a ella lhe assim parecia, que os não soltaria, e com isto a pacificou; d'esta maneira andava arreigado odio em todos contra os inimigos. Em estes dias como tambem trabalhassem esses meninos portuguezes que na fortaleza havia, e entre elles muitos escravos, isso mesmo moços, ao tempo que estavam enchendo seus cestinhos de terra disse um escravinho ao outro: se estes turcos fossem homens e soubessem quão perdidos estes portuguezes estão já tiveram tomada esta fortaleza; foram ouvidas estas palavras de um moço portuguez, o qual lançando logo mão do dito escravo bradou aos companheiros dizendo: vêde, manos, que diz este perro e contando o que lhe ouvira, lhe lançaram uma corda ao pescoço, e logo o quizeram enforcar; mas um d'elles disse que todavia o levassem ao capitão, e assim com grão traquinada indo muitos pegados na corda, chegaram ao capitão, e o mais atrevido d'elles lhe disse: nós outros queremos matar este perro, porque disse a outro, que se os turcos fossem homens, que já nos tiveram tomados; e porque não haja outro que tal lhe lembre, lhe daremos tal castigo; trouxemol-o ante vós, porque não cuidasseis que o matavamos sem razão. Foi-lhe respondido

pelo capitão, para os contentar, que o deixassem e que elle o mandaria matar. Não houve mais mister, que como todos viessem apercebidos de pedras e páos em pequeno espaço, sem lhe poderem valer o fizeram em pedaços, e com grandes cantigas o foram deitar no mar: e d'ali ávante não cumpria a nenhum escravo fallar em sua linguagem, nem por entre os dentes com outro, porque logo era punido. Este determinado e odioso zêlo era semeado não sómente em os homens, mas em as mulheres e meninos, como tenho exemplificado; que certo era cousa mysteriosa, vêr quão alheio era de todo o pensamento (ainda que fosse o mais baixo de todos) cuidar amigar-se, nem outra alguma concordia com os inimigos, tirando áparte o coitado de João da Nova que era homem que não tinha rancor a ninguem como d'elle contei. Ao outro dia quarta feira trinta do dito mez de outubro, não se recebeu mais afronta dos turcos que a da contínua bateria, a qual tinha já de todo rompido o repairo do baluarte, e gastadas as casas do capitão, e a parede da estancia de Lopo de Sousa toda derribada; e cuidando elles que uzavam com os nossos de cautela, em o dito dia, á tarde, á vista da fortaleza sahiram das estancias mais de mil homens com sua bandeira, e passando pela villa dos Rumes se foram de longo da praia, e embarcaram-se na armada, que (como disse) estava áquella parte. E isto a fim que cuidassemos que deixavam o cerco, ou que se temiam de vir a nossa armada, e fizeram-se logo á vela doze galés e foram na volta do mar, para que com mais descuido nosso a cousa fosse interpretada; mas isto não foi assim, antes d'ali se inferiu maior engano para o qual Antonio da Silveira proveu tudo com

grão cuidado dobrando as velas nos logares necessarios, e mandou pôr muita pedra solta pelo muro. Isto mesmo em o baluarte de S. Thomé, ordenou o melhor que pôde lugar para poder atirar um camelete, e mandou dizer ao baluarte do mar que tambem se apercebesse; e que sendo o que elle cuidava, que era combaterem a fortaleza, que nos ajudassem com alguma bombarda, se ser podesse; e fazendo tudo lesto para que não houvesse cousa que parecesse nova e cauzasse indeterminação, rondando com os de sua companhia, e visitando todos os logares fracos, encommendando a cada um seu dever gastando-se em isto o que faltava do dia e parte da noite, em o qual espaço se não viu nenhuma mudança nas estancias porque a lua era mui clara, a qual se poz á meia noite, dando lugar d'ahi ávante para o inimigo preparar seu engano, cerrando-se com grande escuridade.

CAPITULO XVIII

Do grande e aturado combate que os turcos deram á fortaleza, e da gente que de nossa parte morreu

SEM ter mais certeza o capitão de sermos combatidos com algum novo genero de combate que a mudança que aquelle dia á tarde viu na gente conheceu, como fosse mui pervenido, e attentado, que os inimigos lhe queriam ante sua face semear engano, em que o descuido tropeçasse, e quanto mais lhe isto pareceu, tanto mais esperou ser dobrado; e como homem de guerra não sómente imaginou que o combateriam com novos instrumentos e machinas, mas offereceu o animo, astucia e resistencia a cousas muito mais excessivas, porque quando viessem taes, como adivinhadas não espantassem, e sendo menos a copia do provimento das grandes, faria mais leve e comportavel a carga aos acommettidos. E assim esperando isto que podia ser ou não ser, quando fenecia a segunda vela, em que já a lua era posta, uma das velas que

no baluarte dos combates velava, disse sentir em baixo ao pé do dito baluarte, e por outros logares gente, que com todo o silencio moviam madeira; mandou o capitão que deitassem uma panella de polvora, e que vissem o que era; o que sendo feito, com a claridade do fogo se viu o chão juncado de escadas, e os inimigos que as punham pouco mais ou menos em os lugares onde houvessem de servir, e ser arvoradas; o qual como cousa adivinhada não sómente não espantou, mas deu esforço, por verem que tinham capitão e homens que prognosticavam por uzança de guerra o que havia de ser, e o remediavam. Vendo o capitão tanto numero de escadas, creu que tambem pelas suas casas e pela estancia de Lopo de Sousa o queriam acommetter, que como tenho dito, umas e outras estavam batidas, pelo qual ordenou bom modo para que as ditas escadas fossem com trabalho erguidas, e foi assim: mandou que nenhum espingardeiro se occupasse em atirar senão aos inimigos que viessem a pegar em as escadas e que a outro nenhum não; e que os das lanças e outras armas se oppozessem aos portaes e roturas das partes batidas, e mandou que uma azinhaga ou resgadura que a uma parte do repairo do baluarte estava, e fôra feita pelos nossos, para que a vela estando mais fóra melhor sentisse o que em baixo se fizesse, que a limpassem da caliça que a bateria do dia passado occupava, porque d'esta azinhaga, em a qual não cabia mais de um homem, aos que combatessem podia o que ali estivesse damnar muito com estar seguro. Os inimigos (que como disse) se foram aquella tarde embarcar, como foi noite se desembarcaram dois mil homens dos melhores; e se vieram pára as estancias onde os outros estavam, e

juntamente os mais dos capitães de todos os navios; e sendo ordenados por Iucfethamed capitão do mar, e Bharam Baxa, homens mui sabidos e esforçados (que como tenho dito) residiam no cerco esperando ser horas; quando começou a romper a manhã, que uns e outros se podiam vêr, se apresentaram diante da fortaleza trez batalhas de mui luzida gente. Viriam em cada uma arriba de mil homens, e atraz estas trez batalhas estavam espalhados mais de dez mil homens dos da companhia de Coje Çofar; os quaes com seus innumeraveis tiros esperavam o acommettimento, o qual antes que fosse, disparou toda a artilheria nos lugares por onde elles determinavam de entrar, e em cessando o esbombardear, a primeira batalha seguindo a uma grande bandeira vermelha e branca, tocando grande somma de tambores e clarões, fendendo o ar com gritas arremetteram parte d'elles ao baluarte, subindo em elle o alferes ficando a bandeira em o mais alto d'elle, e os outros se foram ás escadas, e começaram a querer arvoral-as pelas casas do capitão, mas como os nossos espingardeiros tivessem cuidado de lho contradizer disparando em elles suas espingardas, foi cousa milagrosa que quantos em ella se occuparam cahiram mortos, ou asperamente feridos. E como de outros o mesmo quizesse ser feito, não pegando com menos mal que os primeiros, deixadas de todo as ditas escadas, como a morte conhecida, se foram ajudar aos outros que pelo baluarte e rasuras d'elle com muito animo queriam entrar, e assim não se dividindo o combate, o poderam os nossos melhor soffrer. A esta hora assim a gente das duas batalhas como da outra gente de Coje Çofar a mui grão pressa disparavam suas espingardas, e innu-

meraveis frechas, as quaes eram em tanta quantidade que posso com verdade affirmar, por que o vi bem do logar onde me pozeram, e via bem o combate, que nunca a grande banda dos estorninhos assim occuparam o ar, cerrando-se como a nuvem, e espessos montes de frechas, occupavam; tudo era cheio d'armas, a todo o logar ia a morte voando, a grita e estrondo era geral. Uns gritavam que morriam; outros bradavam que matassem; os artificios de fogo eram tantos, que uns apagavam os outros. A panella de polvora não tinha necessidade de murrões, por que cahindo (de todo o baluarte andar inflammado) logo ardia. A este tempo vieram quatorze galés bastardas e reaes, e chegando-se á estacada dispararam grande somma de artilheria na fortaleza e assim carregaram e descarregaram por muitas vezes, sem nos fazer nenhum mal. Francisco Gouvêa do seu baluarte da barra lhe atirou algumas bombardadas, e matando-lhe alguma gente desaparelhou duas e as fez affastar. Os nossos que viram que só pelo baluarte os combatiam reduzindo todas as forças em elle saindo com os inimigos vinte e cinco ou trinta homens sobre a praça que sobre o repairo dos baluartes se fazia, dando-lhe muitas lançadas, e espalhando entre elles muitos artificios de fogo sendo os inimigos em cima mais de duzentos, matando a muitos d'elles, lhes fizeram perder o que tinham ganho, e lhe mataram o alferes; mas é cousa digna de notar que tenham os turcos tanto respeito ás bandeiras que antes que o seu alferes de todo cahisse eram já mais de dez pegados na haste da bandeira sustendo-a, que não fosse derribada e a isto opondo-se uns contra outros se refrescou a batalha com tanto fervor que havendo uma hora que durava, pa-

recia começar-se então, e embravecendo-se a cousa cada vez mais, Martim Vaz Pacheco mui esforçado cavalleiro, pelejando, e matando nos turcos com muito animo sustendo o impeto d'elles, foi de um pique ferido por debaixo da fralda do corsolete, penetrando-o todo, da qual ferida cahiu estendido aos pés dos inimigos; o mui esforçado mancebo Gabriel Pacheco, seu primo, que pegado com elle estava, vendo seu grande amigo ante seus pés morto, inflammado em dôr, passando por cima do corpo d'elle desejando vingar sua morte, foi ferido de duas feridas pelo rosto, assás grandes, para quem desejasse de viver, as quaes elle mui pouco sentia, e dobrando o pelejar, foi-lhe por um homem da companhia dito que se fosse curar, e não quizesse que seu esforço e mocidade fenecessem tão em breve: ao que elle respondeu, que pois seu primo e grande amigo era morto, que escusado lhe seria viver, e tornando a ajudar os companheiros o feriram de travez pela cabeça, de uma espingardada, de que logo cahiu morto sobre seu primo. Estando a cousa em este pezo, do baluarte do mar e assim do de S. Thomé dispararam alguns tiros de cameletes, os quaes como não podessem dar em vão (segundo tudo estava occupado dos inimigos) fez-lhes grande damno; ao mesmo tempo um espingardeiro nosso de cima das quebras das casas do capitão atirou a um turco que por seus ricos trajes julgou ser homem de nome, e matando-o (como seja cousa costumada, e cheia de honra entre elles levarem os corpos dos capitães ou amigos) arremetteu outro a este morto e carregando-o sobre seus hombros quiz leval-o, mas como o mesmo espingardeiro já estivesse a ponto, atirou ao que levava o morto, e dando em elle cahiram

ambos: não faltou outro que pegou no primeiro, isso mesmo para o levar, mas de outro espingardeiro foi tambem morto; de maneira que sobre levar o primeiro morreram trez. Bem ao contrario uzavam os nossos no combate onde estavam, que como pelejassem bravamente, um Fernando Affonso, homem de sessenta annos, mui esforçado, pelejando desde o principio até áquella hora, faltaram-lhe as forças e alento, e cahindo não houve porém quem se quizesse occupar em o salvar, podendo pelejar: antes pondo-lhes os pés sobre sua garganta e envelhecida face, fazendo de suas cãs finca pé, contrastavam aos inimigos seu desejo, bradando o triste velho que não estava morto, e trabalhando com suas debilitadas forças de se tirar debaixo dos pés dos impetuosos companheiros, já nunca mais o poude fazer, e ali expirou sem ter nenhuma ferida, nem outro algum mal, sómente o que o fervor dos que pelejavam lhe causava. Pois estando em isto trabalhando os turcos de entrar, e os nossos de lho contradizer, um homem que na azinhaga ou rasgadura (que disse que no repairo estava) se metteu em ella atirando com uma espingarda, e aquella descarregada davam-lhe outra, fazendo d'esta sorte, matou o segundo alferes e outros muitos sem perder tiro, de maneira que como d'esta primeira batalha fossem mortos os melhores, e muitos feridos, começaram os nossos a opprimil-os; o que sentindo a segunda batalha em a qual vinham homens mui escolhidos, fazendo affastar os primeiros com quatro bandeiras deante, subiram ao dito baluarte. Eram duas d'estas bandeiras de um panno como canhamaço, e em cima da bainha por onde este se mette tinham umas grandes madeixas de lã branca que sahiam de umas

maças de ouro, ou douradas; estas dizem que as mandara o caciz de Medina onde o corpo de seu Mafamed está, por serem havidas por grandes reliquias, e terem por mui certo mediante sua maldita virtude vencerem tudo o em que ellas interviessem. E subindo (como tenho dito) esta segunda e descançada gente, erguidas suas supersticiosas bandeiras, com muita aspereza apertaram os nossos, lançando-lhe infinitos zargunchos e artificios de fogo, e muitas pedras, e pelos de fóra tanta quantidade de frechas e espingardadas que as lanças, as mãos que as tinham, e rodellas e rostos, tudo era encarnado; e com isto tão estranhas gritas e brados fazendo mui differentes sons, que parece que o mundo se transtornava. Mui a miudo desciam do muro e logares da peleja muitos dos nossos feridos, suas faces cheias de sangue e pó, com melancolisados semblantes, e atribulados espiritos, que a quem os via davam temerosa e mal assombrada vista. Uns pediam que lhes fosse mostrada a figura do nosso Redemptor antes que expirassem, outros que menos mal traziam, apertando suas feridas, tornavam com muita pressa a receber outras; desciam outros queimados e abrazados do terrivel fogo da polvora, nus com as carnes espedaçadas tão disformes, que houve irmão que fugiu do irmão cuidando ser phantasma. Esta era cousa mui piedosa, vêr como em gritos e desasocegos correndo com muita agonia que os tristes padeciam, andavam a buscar alguma agua para metigar sua inflammada mizeria; e como em a estancia de Lopo de Sousa, e por outros logares da fortaleza achassem tinas d'agua salgada, mettiam-se em ella mergulhando-se, e sentindo em a frialdade da agua algum refrigerio o que era causa de serem

mais em breve penetrados do fogo; e assim em meio de tanta tribulação expiravam. Anna Fernandes, de quem fiz menção, a esta hora subiu ao muro levando em suas mãos um devoto retabulo da figura de Christo nosso Salvador, e chegando aos que defendiam, descobrindo-a de uma toalha, erguendo-o bradou mui alto dizendo: Oh cavalleiros christãos, esta é a figura d'aquelle que sem nos ter nenhuma obrigação, mais que a de sua misericordia, quiz padecer mais de que todos juntos ahi morrendo podereis sentir; pelejae esforçadamente tendo a elle por ajudador, que o que morrer tem mui certa a gloria, e o que viver merecimento ante elle, e honra ante o mundo; que para o covarde eu só basto para o apregoar; e assim bradando e esforçando a todos, não se tirando do logar da peleja prevalecia e convocava a todos: e o que cahia morto ajudava-o a affastar; e ao ferido apertava a ferida; e se era pequena dizia-lhe que tornasse a pelejar, que não era nada. O capitão estava esforçando os seus, e provendo que não faltassem as munições, e cousas necessarias, apartando ao ferido, e em logar pondo o são; e mandando ás estancias pelos homens que em ellas ficavam melhor armados, provendo qne os espingardeiros atirassem aos inimigos que de todo o logar (segundo occupavam) podiam ser feridos; entre os quaes se houve por mui certo que aconteceu o seguinte: Um espingardeiro, atirando quanto podia aos inimigos, faltou-lhe a munição dos pelouros, e como já tivesse deitada a polvora em espingarda, e buscando pelouro o não achasse, movido do fervor da peleja, ou enfadado de um dente que na boca trazia (que devia de andar bem movido) lançou mão a elle, e arrancando-o atacou a espingarda

com elle, e atirou aos inimigos. D'este só caso sei eu gente na Europa que fizera grão volume assentando-o em cabeceira de meza, mas eu sou tão portuguez, que ainda que este homem atirara com quantos dentes tinha na bocca, e com cada um matara muitos inimigos, não gastara mais regras em seu louvor: porque cousa é mui costumada em os portuguezes offenderem seus inimigos com as cousas impossiveis, quando as possiveis lhes faltam; e pois este é o verdadeiro e costumado traje portuguez, não me seja culpa tal brevidade. A este tempo a segunda batalha que disse apertava os nossos e tinha ganho mais que a primeira, tendo porém diante de si mui esforçados homens. Estavam em esta companhia Antonio Mendes de Vasconcellos, Cide de Sousa, Rodrigo de Proença, capitão do dito baluarte; Francisco de Gouvea que depois que do seu baluarte fez apartar as galés se veiu ao dito combate; e assim mesmo estavam Duarte Mendes, Simão Furtado, Rodrigo Alvares, Manuel Moreno, Francisco Mendes de Vasconcellos, Lancerote Pereira, Antonio Coelho, Lourenço de Mello, Antonio Toreiro, Payo Rodrigues de Araujo, Manuel de Aguiar, Bertholameu Freire, Diogo da Silva, almoxarife, Bertholameu Correa, Manuel Rodrigues, Gil Thomé, Francisco Ferrão e Francisco Henriques, thesoureiro, e outros mui valentes homens; e como profiassem de suster o pezo dos inimigos, Rodrigo de Proença mui esforçado cavalleiro que até alli tinha pelejado valentemente, e mortos por suas mãos assás d'elles, estando armado em um arnez e um elmete, em a cabeça, ao qual (pelo pejo que sentia) tirou a vista, sendo, como tenho dito, tudo envolto em tiros, veiu uma mortal frecha e dando-lhe por um

olho e entrando ao travez lhe quebrou ambos, lançando-lhe um d'elles fóra; e como achasse ossos com que não poude, voltou para o cerebro, ficando aquelle tão esforçado mancebo cego e desatinado; assim perdidos os sentidos foi tirado do combate e trazido a baixo; em o qual os que pelejavam sentiram a mingoa de tão duro e valente companheiro, e nós os que tão desastrada ferida vimos com muita tristeza gemiamos tão grande perda. Este cavalleiro morreu aquelle dia deixando cheios de lagrimas a todos por as boas portes que em elle havia. Pelejando da mesma maneira Antonio Mendes de Vasconcellos, tendo já recebidas duas feridas, uma pelo rosto, assás grande, e outra de um pique pela garganta, mortal, não cessando de pelejar, foi de um tiro de berço de travez ferido pelo hombro esquerdo e passado de outra parte, da qual ferida cahiu de todo desatinado, e meio vivo foi trazido abaixo, e o mesmo dia morreu. D'esta maneira, não cessando o combate, morriam e eram feridos muitos. A este tempo tiveram os inimigos ganhado mais que nunca, não deixando porém de morrer muitos d'elles. Estando a cousa assim trabalhada, subiu ao baluarte um João Rodrigues, natural das ilhas, mancebo e bem valente, levando ás costas uma jarra tapada e um só pavio em ella, em a qual haveria uma arroba de polvora que devia ter escondida (segundo a fome que d'ella havia) e chegando aos que defendiam a entrada aos inimigos, lhes disse: Amigos, deixai-me passar que em meus hombros levo ataude para mim e para nossos contrarios. E rompendo por ante elles arremetteu aos turcos, e ajudando-se com as mãos e corpo, lançou a jarra entre elles, e assim como a despediu com muita presteza se lançou entre os

nossos; a dita jarra, ainda que fosse mui rija, como deu em as pedras quebrando tomou fogo erguendo no ar a mais de vinte, e os refinou feitos brazas ardendo, chamuscando a outros tantos, a qual ajuda dos nossos foi favorecida, e posto que em logar d'aquelles que a polvora despejou entrassem outros muitos, valentes homens, como qualquer bom golpe levante os espiritos, não foram parte para resistir o impeto dos nossos; os quaes deitando algumas panellas de polvora dando o fogo nos alferes das bandeiras que elles haviam por tantas, mostrou-se a experiencia em não sómente arderem as ditas bandeiras mui depressa, mas tambem os que as tinham houveram boa parte do fogo; e assim apertando os nossos com elles e dando ás trombetas nomeando victoria, matando em elles com muito esforço, os foram empuchando. Os nossos espingardeiros não estavam de repouso, que com muita pressa e tento disparavam seus tiros, os quaes era tão impossivel errar (pela quantidade dos inimigos, e pouca distancia que havia d'elles) que toda a hora cahiam muitos mortos, e outros asperamente feridos. Pois do baluarte do mar a esta hora dispararam uma bombarda, a qual guiando ao pé do baluarte d'onde o combate se dava, como tudo fosse gente, matando e espedaçando muitos, não achando em que quebrar sua furia senão corpos e cabeças fez formoso golpe; mas nem por isso cessavam os de cima de pelejar, e os debaixo de refrescar e derramar seus innumeraveis tiros, não sendo parte as crueis e horrendas mortes para lho impedir; não tardou muito que do baluarte de S. Thomé tornou a desparar um camelete, de cujo logar elles pouco se guardavam (posto que já de ali lhe tinham dado outro) e guiando o

pelouro ao mesmo logar, tornou, abrindo-os pelo meio, a espedaçar a muitos acabando de entre elles quietar sua rigorosa furia; e como os tiros d'esta maneira tratassem aos que em baixo estavam e os nossos apertassem em cima: a outros derrubando-lhes as outras duas bandeiras que ficavam, com morte dos alferes que as tinham, com novas gritas e fervor os começaram conhecidamente a superar. E assim aquella segunda batalha que com tanta porfia e bom pelejar teve aos nossos mettidos em grande aperto se foi vencendo; o qual sendo visto da terceira foi soccorrida fazendo apartar os cançados, e com novas bandeiras e descançadas forças se pozeram em logar d'onde os outros eram lançados, mas como em esta terceira batalha não viesse tanta gente escolhida pelejavam mais tibiamente; e tambem lho causaria o exemplo que viam das outras duas batalhas, porque na guerra muitas vezes cauza maior desbarato o que nos companheiros se vê receber, que o que as armas dos contrarios damnam. Em esta batalha, pelejando um janizaro, em grão maneira valente e destro, por nome Carahacem, genro de Coje Çofar, esforçando os outros e mettendo-se em o mais aspero da peleja, fazendo damno aos nossos, sendo differencido assim nas armas como em esforço, lhe foi deitada uma grande panella de polvora da nossa parte, das poucas que já havia, e dando-lhe o fogo d'ella o inflammou e abrazou, queimando-lhe pernas e braços e rosto, o fez com grandes gritos e intoleraveis dôres apartar. Este não morreu, porém ficou mascavado dos membros, da qual desventura se elle depois muito jactava. Sendo como digo este valente homem apartado do combate, aliviando aos nossos, assim de seu bom pelejar, como do esfor-

çar que aos outros fazia, posto que ficassem outros não menos esforçados dos mui cançados e feridos portuguezes que tanto havia que soffriam e sustentavam seu bravo e renovado pelejar, sendo elles os que com seus enfraquecidos e dessangrados membros suportavam a furia e de cançado acommettimento foram os porfiosos inimigos constrangidos não sómente a retirar-se mas ainda a volver as costas, e esbarrocar-se do baluarte, deixando á força de bom pelejar o que tinham adquirido e comprado com morte de muitos e bons cavalleiros assim seus como nossos. Durou este grão combate dês que começou a manhã a romper até junto das dez do dia, que como Diu esteja situada do fim do primeiro clima (pouco mais ou menos) vinham os dias a ser em o sobredito tempo de onze horas pouco mais: de maneira que duraria o combate quatro horas, durando o qual tempo sempre o pelejar foi renovado com o pelejar, e as mortes com mortes, e as feridas de uns acendimento e furioso desejo de outros fugirem da saude. Entre todos os combates que aqui foram dados, assim como nenhum d'elles durou tanto, nem foi com tanta gente, nem determinada ordem dado; assim este nos teve postos em grande afflicção, e mui chegados a total destruição, se Deus por sua muita misericordia não ajudara os nossos com lhe dar forças e animo com que poderam contrariar e resistir. Em este combate foram todas as nossas veias de defensa secas e vazias assim da gente como das outras cousas necessarias. Mataram-nos em este combate quatorze valentes homens, e feridos mais de duzentos, de asperas e tristes feridas. Todas as munições se acabaram assim da polvora de bombarda, de que foram varri-

das as vazilhas d'onde soia estar, e d'ellas se não apanhou dois arrateis. A de espingarda não ficou mais que quanta cada espingardeiro trazia em seu frasco, os quaes não estavam cheios; panellas e bombas de que nos em grande maneira ajudavamos, nem uma só ficou; e assim todas as lanças de serem cortadas da continua bateria, mais eram para bordões que para offender aos inimigos. Ficariam d'este combate para poderem pelejar quarenta homens. Não faltou o animo em tão destroçado e desapercebido caso ao capitão que com invencivel coração assim se apercebeu e refez com o povo, que se os inimigos tornassem (como cada um tinha por mui certo) vissem que tudo podia faltar no armazem; mas não esquecer no combate. Os turcos deitados como tenho dito, do baluarte, retirados a suas estancias, deixando tinto de sangue todo o sitio que pelejando ocuparam, com triste silencio pelo muito mal que receberam, deixando dos seus mortos aquelle dia arriba de quinhentos mui escolhidos homens, e levando mais de mil feridos, do meio dia por diante começaram a recolher-se ás galés, levando essa artilheria miuda que com menos trabalho e sem ser vista de nós outros podiam levar, esperando que viesse a noite, para bolirem isso mesmo com a grossa. E para melhor expediente e recolhimento da artilheria se chegaram todas as galés mais á villa dos Rumes do que estavam. Não cessou todo o que durou o dia, de atirar a costumada bateria, da qual chegada das galés se inferiu de nós outros o que no seguinte capitulo direi.

CAPITULO XIX

Do movimento que em a gente e armada dos turcos houve, e como dos nossos foi a cousa interpretada, e da esforçada determinação de todos os homens da fortaleza, e de como os turcos levantaram o cerco

SENDO visto da fortaleza a chegada das galés, e como uma grande batalha de gente se ia a embarcar, pelo que se tinha do dia atraz conhecido e adivinhado, quando d'aquella mesma maneira, os inimigos cuidando descuidar-nos fizeram mostra de se recolher, assentamos que elles pelo mesmo modo, que elles com segundo engano queriam tentar e assegurar nossas debeis forças, para o qual não como o ellas eram, mas como de novo soccorro fôramos augmentados, Antonio da Silveira com tanto cuidado começou a ministrar e reformar esse pouco que havia: dando mostra a todos que ali havia assás para não sómente defender, mas offender, que era cousa de admiração; porque ainda que fosse a todos notorio e claro não termos nenhuma cousa das que á resistencia se requerem, affirmava suas palavras com tan-

to animo, e confirmava-as com uma certa seguridade e esforço, que jurava o mais covarde que nem havia cerco, nem faltava nada do necessario, vendo como tudo sobejava em o capitão, o qual como visse os inimigos fazerem em este dia o que no atraz passado fizeram, não querendo entender que seria deixarem-nos (como se podia suspeitar pelo muito que aquelle dia perderam) mas esperando ser combatido, vendo que em a casa da polvora não havia nenhuma mandou descarregar um espalhafato e uma selvagem e outras duas bombardas porque já todas as outras tinham cessado, e eram despejadas e da polvora que d'estas ditas quatro peças sahiu, buscando d'essas panellas que pelas casas havia em que se fazia comer, e repartindo a polvora por ellas fez trinta e tantas panellas de polvora. Repairou os logares fracos pondo-lhe muita pedra para arremeçar. Poz isto mesmo alguns homens feridos que algum tanto poderiam mostrar o rosto juntamente com alguns sãos e muitos dos feridos que jaziam em cama se mandaram levar aos muros, por que cada um os elegia por conveniente logar de sua fim. Repartiu espingardeiros pelos mesmos logares, encommendando que fizessem mais provisão da polvora que das vidas dos inimigos. Com este pobre apparato de guerra esperou o que Deus ordenasse, pondo em suas mãos o successo de tudo. O que faltava d'aquelle dia se gastou não todo em se aperceber, porque pouco espaço bastava para pôr em ordem tão fenecidas defensas, mas cada um em encommendar a si mesmo o morrer com mais damno do inimigo; não se tratava mais da vida que para louvar e exalçar o modo de como a haviam de perder, e com isto não havia nenhuma mistura de temor,

que a muitos faz desejar a morte os gráos dos grandes temores que esperam passar antes d'ella chegar; antes havia um prazer esforçado; o que tinha bom gibão vestia-o, e o que o não tinha, como para uma grande festa, ia-o pedir a quem ou por sua disposição, ou pela abundancia lho podia emprestar; por inhabil e desamparado se havia o que para tão temeroso e visinho fim se achava sem alguma peça nova, pela qual não fosse menos querido em taes vodas que os outros. E em isto não creia ninguem que entrava nenhuma bruta opinião gentilica das que fazem desprezar o desejo de viver, e como transtornados e alienados do juizo vem a não temer o remate de todos os grandes temores, que é a morte: mas de estarem mui conformes, e unidos sem odios nem desejos de vinganças vinha a ser alegre e prazenteira porque despejado o entendimento de escrupulos, confessados e contrictos, tendo por objecto a lei e o rei, e sua casa, cada um havia por cousa gloriosa e nobre tal fim; não era só em os homens derramada esta determinação, mas nas fracas mulheres tinha feito tal empreza que se armaram algumas. Aquella noite passou em alguns rebates falsos que o capitão mandava dar, para que a gente se não descuidasse, em todos os quaes se viu claro a muita vontade que havia para contrastar aos verdadeiros. Os turcos, como dos combates passados tivessem perdido muita gente, e gasto muitas munições, e em este dia atraz quizessem lançar o resto (como fizeram) perdendo assim em este como em os passados bem mil e duzentos homens dos melhores, e feridos quasi todos os que ficavam, gastas muitas mais munições, não ficando com forças de poderem dar outro combate,

crendo que o tempo que mais estivessem aproveitaria pouco contra nós, ignorando nosso enfraquecido estado, e que sobrevindo armada nossa, por pequena que fosse, os superaria: e ainda que isto faltasse que os da mesma terra vendo sua fraqueza emprehenderiam contra elles alguma novidade, da qual receberiam grão inconveniente, assim por serem faltos de gente, como por os mantimentos lhe irem faltando, e os da terra já começarem a accudir mal com elles, determinaram de darem volta a suas terras, e pelo assim assentarem os vimos ir em batalha a se embarcar, cuidando nós de sua ida o contrario, para o qual tinham os nossos (como disse) bebido o calix da ultima determinação. Pois como foi noite com muito silencio começaram a recolher sua grossa artilheria; mas como tivessem falta de gente, posto que trabalhassem o impossivel, deixaram parte da dita artilheria (sem a poderem levar) a Coge Çofar o qual se entregou d'ella e das estancias, pondo os seus em logar dos turcos, porque na fortaleza se não sentisse sua ida, havendo que lh'a impediriam, que taes iam, que não sómente lhes era difficil combaterem-nos, mas temiam sermos nós os que o fizessemos. Pois, como digo elles, durando a noite embarcaram o melhor que poderam suas cousas, e nós esperavamos que a vinda da manhã fosse ultimo remate a nossos trabalhos; e assim com os olhos espertos e armas prestes estavam todos os que as podiam sustentar, quando a mui bem assombrada manhã, dia de todos os santos, se mostrou não acompanhada das inimigas esquadras nem menos seguindo o costume das continuas alvoradas dadas da muita e grossa artilheria, antes mui quieta e repousada, de todo contrariando

o que d'ella esperavamos, que a fez ser em grão maneira mais saborosa e amiga. O qual sendo visto, conhecendo que os inimigos turcos eram auzentes e apartados, deixando por successores aos de Cambaia, e que já a mais da artilheria era levada, com excessivo prazer cada um dava a nova ao mesmo que já com seus olhos o tinha visto e sabido, a qual ainda que seu olho lh'a tinha tambem mostrado, recebia maior contentamento, julgando que pois outro a via que não era sonho, e assim vinha a ser o bem dobrado e dando todos muitas graças a Nosso Senhor recebiamos as muitas mercês que nos tinha feito, e fazia cada hora.

CAPITULO XX

Da diligencia que os turcos faziam para se tornarem a suas terras, e dos impedimentos que em os da terra achavam; e de como Antonio da Silveira mandou gente fóra a dar nas estancias

Os inimigos com muita pressa assim em este dia, como em outros seis que ainda estiveram, faziam sua aguada e tomavam o necessario para a viagem; em muitas das quaes cousas, como já os da terra vissem seu destroço, impediam-lhe as mais d'ellas, de maneira que houve matarem-se de uma parte e de outra, e mettendo-os Coge Çofar em paz os deixavam assás pobremente fornecer sua armada. Estando elles, como tenho dito, todos os sete dias de longo d'aquella praia, que seria meia legua da nossa fortaleza, d'onde os viamos trabalhar todo o dia, Antonio da Silveira em estes dias não se descuidou nem dormiu; antes, como se taes mostras foram falsas, repairou todos os logares rompidos e levantou mais a torre (que como tenho dito) por detraz do baluarte era feita; juntou muita terra e pedra e outras achegas para novos repairos,

se necessarios fossem. Em este mesmo dia de todos os santos, em que claro conhecemos, como já disse, o apartamento dos turcos e de como Coge Çofar possuia o logar que elles deixaram, á tarde quiz o capitão mandar alguns homens fóra, dar algum rebate em as ditas estancias, não tanto por damnar a elles, como porque os mouros não conhecessem nossa fraqueza, a qual sentindo poderiam intentar e arrematar o que pelos turcos não pôde ser acabado, e tambem porque os nossos derribassem os bastiões e trinchas que dentro em nossa cava tinham situadas. A qual ida pediu Antonio da Veiga, feitor da fortaleza, e levou vinte e cinco homens e deu nas estancias, e matando alguns e fugindo outros muitos, derribou as mais vizinhas a nós. Em o tempo que elles isto faziam, um homem dos de sua companhia se apartou, e sahindo de longo da cava pela parte de fóra, como não houvesse quem lh'o contradissesse chegou a uma estancia, que sobre a rocha do mar estava, a qual achando sem gente subindo em o bastião d'ella viu um leão de metal que ali ficára dos turcos, e, não attentando se era rebentado ou são, deu a volta tomando uma bandeira que na dita estancia achou; e tornando para onde Antonio da Veiga estava, lhe disse da bombarda que achara. Antonio da Veiga, depois que poz por obra o a que sahira fóra, tornou-se para a fortaleza; e ou que d'esta vez que sahiu contra os Gusarates se lhe desoffuscou o coração de alguma nevoa de temor de que até ali era notado, ou que a morte o chamava em figura de o acommetter valentia, pediu ao outro dia, dois de novembro, ao capitão que lhe deixasse ir tomar a dita bombarda; e ainda que se o capitão escuzasse, e assim alguns homens lhe dis-

sessem o pouco que faria em ir tomar uma bombarda que não tinha defensa e que segundo razão devia ser rebentada, pois sendo levadas as outras aquella ficára; já nunca mais ninguem o pôde apartar de importunar o capitão, e como o mesmo fim que ali lhe estava guardado o incitasse a isso, assim mesmo provocou ao capitão a lh'o conceder. Pelo que o dito Antonio da Veiga depois de jantar se vestiu do melhor trage que tinha, e ainda que lhe alguns seus amigos davam armas com que se armasse, não poderam acabar com elle que o fizesse, e levando comsigo vinte homens sahindo de longo da rocha por ser baixamar, e trepando por um logar que ali estava facil de subir, chegou á dita estancia, em a qual não achou mais que a bombarda que disse, e sendo olhada a viram ser rebentada. E querendo-a todavia trazer, chegando á borda da rocha para a deitarem em baixo, de um alto que estava distante d'elle mais de seiscentos passos, atirou um mouro uma espingardada, a qual pela grande distancia é de crêr que não traria força bastante a não ser resistida de uma capa. Mas não foi assim, antes estando Antonio da Veiga entre todos os companheiros, sendo homem pequeno, que era causa de ficar mais escudado, como só a morte a elle buscasse, chegou o pelouro e dando-lhe pela cabeça o derribou logo morto. Este caso tem a meu entender mais que ponderar que outra nenhuma morte que em esta guerra succedesse, não sendo esta de nenhum louvor; e porque seria piedade vituperar a quem todavia perde a vida, ou mal ou bem, direi o muito que este homem aproveitou em este cerco com o seu continuo trabalhar em os repairos; acarretando elle e outros homens a quem da-

va de comer todas as achegas convenientes; e para isto sem duvida aproveitou tanto como outros que bem pelejavam.

CAPITULO ULTIMO

De como os turcos se partiram para suas terras e dos feridos que em a terra deixaram; das fustas que de Góa vieram; e de uma pergunta que um senhor mouro fez aos turcos feridos, e de sua resposta

Os turcos que, como tenho dito, se faziam prestes para se tornar a suas terras, deixando em aquella mortos tantos e tão valentes homens, e gastas tão innumeraveis munições, destroçados e mais que desbaratados aos cinco dias do dito mez de novembro do dito anno de 1538, se fizeram á vela para se partir. E como ventasse o levante com muita força, e o logar onde estavam surtos fosse a modo de enseada, ficava-lhe o vento muito ponteiro, e assim tambem se vissem occupados de muitos feridos, os quaes segundo a viagem era comprida, e as disposições d'elles mui fracas para sobre mar, determinando de deixar todos os mais perigosos, tornaram a surgir em o mesmo logar, e ao sexto á tarde, desembarcando os atribulados enfermos, encommendando-os á cortezia que com elles quizessem uzar os da terra, se tornaram a fazer á vela, e como já o vento fosse mais

brando, (1) sahiram até uma ponta que está legua e meia defronte da fortaleza escontra a enseada de Cambaia, e ali surgiram para que quando a maré da noite vazasse, darem as velas a sua viagem; a esta hora que elles surgiram na ponta que digo, ouviu-se na fortaleza atirar bombardadas para a parte de Madrafabat, as quaes atirava Antonio da Silva, que por mandado do vice-rei viera ali ter com seis ou sete fustas para que, se ser podesse, se mettesse em a fortaleza, porque se havia em Gôa por difficultoso o chegar a ella, e senão que dessem mostra de serem da dianteira da armada do vice-rei, e que atirassem bombardadas e fizessem o que ora aqui faziam. Aquella noite chegaram duas fustas da dita companhia á fortaleza, em uma das quaes vinha Dom Martinho de Sousa, e em outra Dom Luiz de Athaide, em que vinham homens bem armados, e outras cousas necessarias. A dita noite, ás onze horas, sendo a lua eclipsada quasi sotada, poz a gente de Coge Çofar fogo á cidade por muitas partes, e desamparando-a se foram. A' mesma hora todas as galés e navios deram as velas a sua viagem e com muito silencio seguiram a derrota do mar Roxo, deixando na terra bem quatrocentos feridos, dos que menos podiam soffrer o mar, os quaes sendo perguntados por um senhor da terra se os portuguezes eram bons homens de guerra, foi-lhe pelos ditos turcos respondido, que só os portuguezes da natureza com rasão eram dignos de ter barbas, e que as outras nações seguissem o estylo das mulheres.

FIM

(1) O original tem viando, emendado por letra de mão para brando.

Satisfação e mercê que el-rei nosso senhor fez a Antonio da Silveira e em summa a todos os que em este cerco se acharam

Pois que os serviços e merecimentos dos fidalgos e cavalleiros que em este feito se acharam com ajuda de Nosso Senhor tenho contado, justo será saber-se a mercê que houve Antonio da Silveira, seu capitão, em remuneração de seus trabalhos; porque seria fastio e dobrado volume querer contar todas as que V. A. geralmente nos fez a todos, assim aos vivos como aos mortos. E ainda que em esta estive indeterminado, parecendo-me que desservia V. A. porque em sua alta liberalidade querer-se dar numero, mais parece arithmetica, que sizo: sendo notorio a todos ter V. A. sempre suas magnificentissimas mãos tão abertas para dar, como as orelhas cerradas e surdas para não ouvir, nem esperar nossos agradecimentos. E por que quanto mais altos são os principes e as mercês que d'elles derivam, tanto as pa-

lavras de quem as recebe devem ser menos, pois falta o poder de se recompensarem com obras; direi esta sómente por me não atrever a todas; a Antonio da Silveira, capitão e cabeça dos que ali estivemos, forçado, nobre e humano, mais do que se póde louvar, fez V. A. mercê da ilha de Macheco (1) de juro e herdade, cheia de villas e logares mui ricos e apraziveis, e povoada de gente mui honrada e abastada, e de grandes e ricos mercadores que dos tratos d'aquella rica ilha são feitos muito grossos. Pois a todos os outros capitães e cavalleiros que com elle estivemos, a uns de fortalezas, a outros de officios e cargos honrosos e não menos proveitosos; a outros tomando-os por seus em fôro assás honrado; e geralmente a todos especiaes privilegios e liberdades. Pois para os que no dito cerco morreram não se cerrou a perenal liberalidade com auzencia de seus requerimentos, porque sem trabalho de seus pais e herdeiros conseguiram magnificas satisfações. E assim tenho por mui certo que Deus, satisfazedor de tão reaes obras, acrescentará o viver e o poder a V. A. e no fim da longa vida lhe dará a perfeita bemaventurança.

(1) Emendado para Machico.

TABOADA

Pag.

CAPITULO I — Das condições e maneiras do Sultão Badur, rei de Cambaia..... 19

CAPITULO II — De como o governador Nuno da Cunha foi sobre a cidade de Diu, e o que lhe succedeu no caminho..... 23

CAPITULO III — Da vinda de Rumecan a Diu, e da bateria que o governador deu á dita cidade..... 29

CAPITULO IV — Das causas e razões que el-rei dos mogores teve para fazer guerra a Sultão Badur, rei de Cambaia..... 37

CAPITULO V — De como os mogores tomaram o rico arraial do Sultão e de como o seguiram. 41

CAPITULO VI — De como o Sultão se quizera ir para Meca e desamparar o reino, se dos seus não fôra estorvado..... 45

CAPITULO VII — De como Sultão Badur mandou chamar Nuno da Cunha, governador da India, para lhe dar fortaleza em Diu..... 49

CAPITULO VIII — Do nascimento, sitio e logar da cidade de Diu..... 51

CAPITULO IX — De como o Sultão Badur assignou logar para se fazer a fortaleza, e dos pactos que fez com o governador..... 57

CAPITULO X — De algumas ajudas que o governador deu a el-rei de Cambaia, e do pouco fructo que fizeram 61
CAPITULO XI — Da má vontade que Sultão começou a mostrar contra os portuguezes 67
CAPITULO XII — Da morte e desastrado fim de Sultão Badur, rei de Cambaia, e de outros senhores, seus vassallos 73
CAPITULO XIII — Dos mortos e feridos que n'este negocio houve, e de como se a cidade despejava, e que o governador n'isso fez 81
CAPITULO XIV — Do dinheiro e navios e almazens que se acharam d'el-rei de Cambaia, e de como Mirisamhamed se fez rei d'ella, e da liga que com o governador fez 85
CAPITULO XV — Da batalha que os senhores de Cambaia deram ao rei Mogor, e do que em ella succedeu 91

LIVRO II

DO CERCO DE DIU

CAPITULO I — De como Coge Çofar se partiu escondidamente da cidade de Diu, e da guerra que moveu á fortaleza em companhia de Alucam 97
CAPITULO II — De como os passos da ilha foram providos, e os inimigos assentaram artilheria sobre elles, e de como se alagou a dita ilha e dos navios e artilheria que se perderam 103

Capitulo III — De como o capitão Antonio da Silveira, tomado conselho, abriu mão da cidade e se recolheu á fortaleza..... 109
Capitulo IV — De algumas cousas que succederam durando o mez de agosto..... 115
Capitulo V — De como veiu a armada dos turcos, a quem o vulgar chama rumes, e de como os da terra se dividiram em differentes pareceres..... 119
Capitulo VI — Em que se reconta o nascimento d'esta armada, e dos capitães e gente d'ella, e das cousas seguidas em sua navegação. 123
Capitulo VII — De como o capitão Antonio da Silveira proveu a fortaleza e baluartes de fóra e da gente que da armada sahiu em terra.. 133
Capitulo VIII — Da artilheria que os turcos desembarcaram em Madrafabat, e de como se apparelhavam as baterias para a fortaleza e baluarte da villa dos Rumes..... 137
Capitulo IX — De como os turcos deram bateria ao baluarte da villa dos Rumes, e da tornada da armada de Madrafabat, e da constancia e grão fortaleza que teve uma pobre mulher na morte de dois filhos..... 145
Capitulo X — De como Francisco Pacheco, capitão do baluarte da villa dos Rumes, tratou de se entregar aos turcos, e o fez saber ao capitão. 153
Capitulo XI — De como se Francisco Pacheco entregou aos turcos, de uma carta que mandou ao capitão, e da resposta..... 157
Carta de Francisco Pacheco a Antonio da Silveira..... 160
Resposta de Antonio da Silveira a Francisco Pacheco..... 160

Capitulo xii — Da união e concordia de toda a gente que na fortaleza havia, e da liberalidade e esforço de Antonio da Silveira, capitão d'ella, e de como se começou a dar a bateria 163
Capitulo xiii — Do primeiro acommettimento que os turcos fizeram para entrar a fortaleza e da ajuda que as mulheres fizeram, e d'outras cousas 169
Capitulo xiv — Dos repairos e defensas que de uma parte e outra se fizeram, e de algumas cousas particulares, e das vezes que os nossos assaltaram os inimigos 175
Capitulo xv — De algumas baterias que os turcos deram por differentes logares, e de uma mina, que contra nós fizeram e de outras cousas 187
Capitulo xvi — Do fogo que os nossos fizeram no baluarte, e dos rijos combates que os turcos deram ao baluarte do mar, e do soccorro que veiu de Gôa 193
Capitulo xvii — De um combate que os turcos deram á fortaleza e do que em elle soffreu um homem portuguez, e de um engano que os inimigos apresentaram, mediante o qual nos haviam de combater 199
Capitulo xviii — Do grande e aturado combate que os turcos deram á fortaleza, e da gente que da nossa parte morreu 207
Capitulo xix — Do movimento que em a gente e armada dos turcos houve, e como dos nossos foi a cousa interpretada e da esforçada determinação de todos os homens da fortaleza, e de como os turcos levantaram o cerco. 221

CAPITULO XX — Da diligencia que os turcos faziam para se tornar a suas terras, e dos impedimentos que em os da terra achavam, e de como Antonio da Silveira mandou gente fóra a dar nas estancias..... 227
CAPITULO XXI — De como os turcos se partiram para suas terras; dos feridos que em terra deixaram e das fustas que de Gôa vieram; de uma pergunta que um senhor mouro fez aos turcos feridos e de sua resposta..... 231

Acabou-se a prezente obra em a mui nobre e sempre leal cidade de Coimbra, por João Alverez, impressor da Universidade a XV dias de setembro MDLVI.